



**COMPÊNDIO DE
MONOGRAFIA DOS
INDÍGENAS GUARANI
VOLUME II**
**AGRICULTURA, MEIO AMBIENTE E
TERRITORIALIDADE, SIMBOLOGIA E ARTESANATO**

**CONTORNO RODOVIÁRIO
DE FLORIANÓPOLIS**

ÍNDICE

AGRICULTURA, MEIO AMBIENTE E TERRITORIALIDADE

- Agricultura tradicional guarani** (autor: Ronaldo Antônio Barbosa) **5**
- Enoterritorialidade e a homologação da terra indígena morro dos cavalos** (autor: João Batista Gonçalves)..... **64**
- O uso das águas na terra indígena yvy katu, japorã, mato grosso do sul: um diálogo de saberes entre a cultura guarani e a lei federal 9.433/97 Sobre a importância do reconhecimento das águas** (autor: Edson Amaurilio) **111**
- Visão Guarani sobre o tekoa: Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o território** (autor: Marcos Moreira) **151**

SIMBOLOGISMO E ARTESANATO

- A nossa história sobre o mbaraka mirim ou mba'epu mirim (o chocalho guarani)** (autor: Cláudio Ortega Mariano) **175**
- Mba'erei rei ra anga as esculturas de madeira e seus aprendizados** (autor: Adelino Gonçalves)..... **216**
- O grafismo e significados do artesanato da comunidade guarani da linha gengibre** (autora: Alexandrina da Silva) **240**
- Petyngua - símbolo da vida guarani** (autor: Belarmino da Silva) **272**

INTRODUÇÃO

Esse compêndio é um agrupamento de trabalhos de conclusão de curso superior de indígenas da etnia Guarani que residem em comunidades da área de influência das obras do Contorno Rodoviário de Florianópolis.

O objetivo desse material é valorizar e facilitar o acesso da população indígena a sua produção acadêmica do período entre 2011 e 2015.

Para organizar a leitura e a busca das monografias, o material está organizado em volumes: o primeiro trata dos temas: Educação e Juventude e Infância; o segundo traz Agricultura, Meio Ambiente e Territorialidade, Simbologia e Artesanato; e o terceiro aborda Legislação, Saúde Cosmologia e Linguagem.

Esse compêndio foi produzido exclusivamente para distribuição nas escolas indígenas da região impactada e integra as atividades realizadas pelo Componente Indígena do Plano Básico Ambiental, relativo as obras do Contorno Rodoviário de Florianópolis. Ele faz parte das medidas de mitigação e compensação exigidas pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA com a participação da FUNAI.



**AGRICULTURA,
MEIO AMBIENTE E
TERRITORIALIDADE**



**AGRICULTURA,
MEIO AMBIENTE E
TERRITORIALIDADE**

**AGRICULTURA
TRADICIONAL GUARANI**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
Ênfase em Gestão Ambiental

RONALDO ANTÔNIO BARBOSA

AGRÍCULTURA TRADICIONAL GUARANI

Biguaçu. 2015.

RONALDO ANTÔNIO BARBOSA

AGRÍCULTURA TRADICIONAL GUARANI

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica, Departamento de História/CFH,
como pré-requisito para a Conclusão de
Curso, sob a Orientação da Prof.^a Helena
Alpini Rosa.

Biguaçu, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o(a) acadêmico(a) RONALDO ANTÔNIO BARBOZA, matrícula n.º 11100099, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Agricultura tradicional Guarani", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 09 horas, na Escola indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Djá, Terra Indígena Mbiguaçu, SC, reuniu-se a Banca Examinadora composta a professora Orientadora e Presidente Helena Alpini Rosa, Professora Maria Dorothea Post Darella, Titular da Banca, e Professor, José Ribamar Bessa Freire Suplente, designados pela Portaria nº 67/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Ronaldo Antônio Barbosa, subordinado ao título: **"Agricultura Tradicional Guarani"**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Maria Dorothea Post Darella, a nota final 10,0, do Professor José Ribamar Bessa Freire, a nota final 10,0, e da Professora Helena Alpini Rosa, a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 04 de fevereiro de de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Helena Alpini Rosa

Prof. José Ribamar Bessa Freire

Prof. Maria Dorothea Post Darella

Candidato .. Ronaldo Antônio Barbosa

AGRADECIMENTOS

A nossa fala em se tratando de agradecer, não se resumiria a este pedaço de papel, pois iniciamos os agradecimentos, em primeiro lugar à Nhanderu nosso pai, por nos fornecer a vida e nos dar capacidade e força para realizarmos este trabalho.

E logo a seguir, destacamos o agradecimento sublime à minha mãe que me trouxe à este mundo, Dona Nadir Moreira Amorim, abraços e beijos calorosos por sua vida e me ensinar constantemente como pisar nesta terra.

A uma luz que me conforta todas as noites, que agora com sua extensão ainda que em miniatura, mas também dotada de pleno amor, cito minha esposa Marilene Gonçalves e nossa pequena luz e filha Maylen Moreira Gonçalves Barbosa, amores presentes na tarefa árdua do cotidiano e pela paciência, enquanto estive estudando, e por me fortalecer nesta caminhada, beijos em seus corações.

Ao meu sogro também acadêmico, Adelino Gonçalves e sua esposa Helena Moreira, por sempre nos apoiarem em todos os momentos, se fazendo presentes em nossas vidas.

A minha comunidade Guarani, onde nossa escola se apresenta como parte nesse todo, destaque, a Casa de Reza – Opy – nossa primeira escola, o fogo sagrado – Tata Endy Reko've, porque além de nos aquecer, nos fornece sabedoria e auxilia como guia em nosso caminho.

Às Lideranças da Aldeia por nos apoiarem como verdadeiros filhos de sua casa e também por partilharem conosco suas visões de mundo, servindo de apoio em nossas dificuldades em diversas ocasiões, como acadêmicos.

Ao acadêmico, colega Geraldo Moreira, por nos fornecer um pouco de seu vasto conhecimento e ser parceiro nas discussões sobre nossa cosmovisão.

À acadêmica, colega Adriana Moreira, por nos auxiliar neste trabalho, seja discutindo seu texto, seja traduzindo-o para o Guarani, ha'evete pela sua vida.

Ao acadêmico, colega Wanderley Cardoso Moreira, por seu auxílio no trabalho de campo, nas entrevistas e ainda por também partilhar seus conhecimentos.

Aos acadêmicos da turma Guarani, por vivermos em comunhão durante esse tempo de vivência na Universidade.

À minha orientadora Helena Alpini Rosa, por nos orientar neste trabalho, fornecer dados importantes para que tivéssemos sucesso neste trabalho, e com sua aceitação por nos aceitar como seu orientando. Ha'evete.

Ao Diretor da Escola Indígena Wherá Tupã Poty Djá, Richard Thibes Sarmiento, por nos auxiliar nos trabalhos e também se fazer presente em nossa Aldeia, vivenciando nosso cotidiano, tanto escola quanto comunidade.

Aos nossos entrevistados, por terem paciência em nossas interpelações, em fornecer uma parcela de seu conhecimento e dessa maneira contribuir para o engrandecimento deste nosso trabalho, e serem guardiões, as bibliotecas vivas desse conhecimento sagrado, aqui citamos os nomes de Rosa Rodrigues Pará Yvá, Alícia Ortega Keretchu e Nadir Moreira Amorim, minha querida mãe. Ha'evete pelas suas vidas.

À Universidade Federal de Santa Catarina, em seu Centro de Filosofia e Ciências Humanas e ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, agradecemos aos que dos mesmos fazem parte.

A todos os professores que nos acompanharam desde nosso ingresso, até o fim dessa jornada, que nos colocamos como graduados. Ha'evete.

Um agradecimento especial aos anciões da Aldeia Yynn Moroti Wherá, da Terra Indígena M'Biguaçu, nas pessoas do Senhor Alcindo Wherá Tupã e sua esposa Rosa Mariani Cavaleiro Poty Djá, por seus corações que abraçam a todos e nos fortalecem no cotidiano, em seu papel de lideranças espirituais e ainda pelos carinhos e conversas esclarecedoras, a nossa verdadeira raiz que nos fornece a essência do mundo espiritual. Essas palavras não conseguem atingir a plenitude da importância desses dois guardiões.

RESUMO PORTUGUÊS

No presente Trabalho de Conclusão de Curso a pesquisa em questão é sobre agricultura tradicional Guarani em três aldeias: M'Biguaçu, Mymba Roka e Ygua Porã, todas localizadas no município de Biguaçu e tem por objetivo mostrar que ainda é praticada agricultura tradicional nessas aldeias e em outras aldeias também. A agricultura está presente e faz parte de nossas vidas e está ligada ao mundo espiritual, sendo assim as histórias orais serão o ponto de partida sobre ontem e hoje. E dessa maneira, iremos abordar como essa agricultura tradicional vem se mantendo ao longo dos tempos, onde devemos tomar certas precauções ou cuidados, para que a cultura dos não indígenas não se sobreponha nesse ciclo e aconteça a ruptura com as verdadeiras raízes tradicionais.

As formas de cultivo tradicional Guarani passam pelo mundo espiritual, no sentido de consagrar o milho como uma forma de manter viva a essência da cultura, através do batismo das crianças com o nome em Guarani. A agricultura tradicional deve então continuar em sua rota traçada pelos anciões, no sentido de reforçar esse aprendizado e contrapor a agricultura atual presente em certas aldeias, já contaminada com práticas de agricultura dos não indígenas. O esforço dessas comunidades indígenas no presente busca mostrar o espírito de verdadeiras guardiãs da cultura na prática da agricultura tradicional, deixando como herança às futuras gerações dos Guarani.

Palavras-chave: Agricultura, tradicional, Guarani.

RESUMO GUARANI

Kova'e mba'eapo ma, anhemboe, mbaetchapa maenty reko mboapy tekoare py gua, M'Biguaçu, Mymba Roka, Ygua Porã, aikuaa pota mbaetchapa maenty reko, omaentyateri pa ay tekoarupi terapa any, hae mbaetchagua maetyi pa oguerekoteri, mbaerepa nomaetyaveima, aregua aikuaa tche vy, ay guiguapa mbaereretu nomaetyaveima areko aikuaa pota. Aevyma amombeu mbeuita marami pa maenty reko mboapy tekoapy gua. Aikuaa potaramo ma maentyreko pavê rekoarupi guaema momaentyaveiramo ma etavae kuery rekopy hae, etavae kuery onhoty vaekue re rivema nhamaena, haeramo ma aetcharamo ndaevei, aevyma ko maenty etei reko pavê aema ndoikuavei.

Maety reko djaikuaa pota ramo ma, pave nhee maentyi, hae, aevyma nhande mbyakuery nhandoty rae rakae nhamongaraii aguã pavei nheei re, djarotchapy tchaka aguã kyinguei nhee hae terá rai re, aevyma yma guive aema tudjaikuery hae karai kueiry oikuaa teri yma ve mbaetchapa omaenty rakae hae vyma ay peve hae kuery oikuaa etavae kuery mbyteipy tei nomokanhyi mbaemo rayii, ay peve oguereko kyinguevepe, kunumingueipe, Hae pavepe oetchauka aguã nhanderekoaei okanhyey aguã.

LISTA DE ENTREVISTADOS/COLABORADORES

ALICIA ORTEGA, Aldeia Mymba Roka – Amaral, Biguaçu/SC, 88 anos de idade.

ROSA RODRIGUES, Aldeia Yguá Porã – Amâncio, Biguaçu/SC, 75 anos de idade.

ALCINDO MOREIRA WHERA TUPÃ, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 106 anos de idade.

ROSA MARIANI CAVALHEIRO, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 98 anos de idade.

ADRIANA MOREIRA, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 33 anos de idade.

WANDERLEY CARDOSO MOREIRA, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 34 anos de idade.

NADIR MOREIRA AMORIM, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 61anos de idade.

GERALDO MOREIRA, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 39 anos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Terra Indígena Yynn Moroti Wherá - mapa	16
Figura 02 – Opy da Aldeia Yynn Moroti Wherá	16
Figura 03 – Desenho da Terra Indígena M'Biguaçu	17
Figura 04 – Aldeia Indígena Mymbá Roká – mapa	19
Figura 05 – Desenho da Aldeia Mymba Roka	20
Figura 06 – Opy da Aldeia Mymba Roka	21
Figura 07 – Aldeia Indígena Yguá Porã - mapa	22
Figura 08 – Moradia e opy da aldeia indígena Yguá Porã	22
Figura 09 – Desenho da aldeia Yguá Porã	23
Figura 10 – Vista Panorâmica das Três aldeias do município de Biguaçu	24
Figura 11 – Plantio do amendoim, milho e bata doce	27
Figura 12 – Plantio do amendoim, milho e bata doce	27
Figura 13 – Plantio do amendoim, milho e bata doce	28
Figura 14 – Plantio do amendoim, milho e bata doce	28
Figura 15 – Calendário Guarani	32

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	05
RESUMO Português	07
RESUMO Guarani	08
ENTREVISTADOS/COLABORADORES	09
LISTA DE FIGURAS	10
SUMÁRIO	11
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - A agricultura Tradicional Guarani	18
1. Situando as comunidades privilegiadas na pesquisa	18
1.1 Yynn Moroti Wherá	18
1.2. Mymba Roka	21
1.3. Yguá Porã	23
1.4 A Agricultura Tradicional Guarani	27
II CAPÍTULO – Agricultura e o mundo espiritual Guarani	31
2.1 <i>Nhemongarai</i> – Ritual sagrado das sementes	31
2.2. O Ritual na <i>Opy</i> – Casa de reza e a relação com a cosmologia Guarani	32
III CAPÍTULO – Agricultura e manutenção da cultura Guarani	37
3.1. Os desafios para manutenção da cultura	37
3.2 Agricultura – um bem sagrado para o Guarani	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

Sou Ronaldo Antônio Barbosa, do povo Guarani, conhecido também por Karai Dju (nome de batismo Guarani). Moro na aldeia Yynn Moroti Wherá (reflexo das águas cristalinas), Terra indígena M'Biguaçu-SC, localizada próxima à Polícia Rodoviária Federal no município de Biguaçu nossa aldeia é cortada pela BR 101, tem 59 hectares, onde vivem aproximadamente 120 pessoas. Nasci no município de São José, mais morei desde pequeno no município de Biguaçu. Uma parte da minha infância vivi fora da aldeia, depois fui morar na aldeia M'Biguaçu. Após o falecimento de meu pai, quando tinha sete anos, me mudei para a aldeia Morro dos Cavalos porque minha mãe já viveu antes mesmo de eu nascer lá onde ela criou meus outros irmãos por parte de mãe. Fiquei morando no Morro dos Cavalos durante dez anos, depois retornei para a aldeia M'Biguaçu onde estou até os dias de hoje, porque foi ai que eu aprendi a maior parte dos conhecimentos de nossos antepassados que seu Alcindo Wherá Moreira (Karai), nosso líder espiritual vem passando seus ensinamentos para nós da aldeia e eu ainda continuo aprendendo no meu dia a dia. Terminei meus estudos do ensino fundamental na escola não indígena e depois dei continuidade no ensino de jovens e adultos na escola Whera Tupã Poty Djá de M'Biguaçu onde consegui concluir o ensino médio, depois fui estudar o curso técnico no Colégio Agrícola de Araquari-SC que antes tinha um convênio com a UFSC depois se efetivou. O curso tinha duração de um ano e meio para o ensino técnico e três anos com ensino médio, éramos dois indígenas, mas apenas eu consegui concluir e me formar técnico em agropecuária, apesar das dificuldades encontradas. Agora sou acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, com ênfase em Gestão Ambiental.

Devido estar vivendo dentro de uma terra indígena pequena, onde não podemos fazer uma rotação de cultura ou praticar agricultura tradicional e com algumas influências dos não índios isso está fazendo que algumas sementes se percam. Isso fez com que eu desse continuidade no curso superior em uma área que abrangesse o que estudei no curso de técnico agrícola, que vai me permitir trabalhar em sala de aula e fora dela com os mais jovens fazendo com que eles vejam a grande importância que a agricultura Guarani faz em nossas vidas.

O tema que escolhi para desenvolver a pesquisa é: Do Cultivo tradicional ao cultivo atual e sua influência na vida social Guarani, visando problematizar especialmente quais eram as formas de cultivo tradicional de plantas do Guarani e quais dessas formas são mantidas

ainda hoje na comunidade: Quais eram as sementes mais cultivadas, qual época de cultivo e que importância tinham e tem para o povo Guarani? Dificuldades de prática da agricultura ontem e hoje e o uso que se faz do produto cultivado? Considerando especialmente a hipótese de que o cultivo tradicional Guarani é hoje ainda o meio mais eficiente para a comunidade, no entanto nem todas as famílias a praticam. A agricultura tradicional de fato está ligada ao mundo espiritual Guarani e isso se evidencia na prática.

Para que isso se concretize busco atingir os seguintes objetivos: Conhecer a agricultura tradicional Guarani, a forma de cultivo, as principais sementes comparando com as formas atuais de agricultura e as interferências na sobrevivência da comunidade Guarani. E ainda: Descrever como era a agricultura Guarani no passado e como é nos dias atuais; comparar as formas de cultivo tradicional com as formas de cultivo atual; identificar as dificuldades encontradas na agricultura tradicional e na agricultura atual e analisar as sementes mais utilizadas na agricultura Guarani tradicional e atual.

O presente trabalho compreende uma inserção através de outro olhar para a visualização das práticas agricultáveis das aldeias Guarani, segundo a tradição dos mais velhos e daquilo que o Karai Alcindo fala. É uma forma própria do Guarani realizar a agricultura nas suas aldeias. Essa forma vem sendo passada de geração em geração, desde que se tem lembrança, dos mais antigos, dos nossos pais, avós, para que isso não se perca, porque faz parte da cultura como se fosse nossa alma-gêmea, por isso a preocupação em fortalecer essa prática na aldeia. Entendendo o que diz o Documento “em defesa da agrobiodiversidade Guarani”:

O agroecossistema Guarani privilegia o uso, conservação, cultivo e troca de biodiversidade enquanto componentes fundamentais da própria cultura do grupo. O intercâmbio de sementes é uma atividade integrada ao modo de ser Guarani que fortalece laços de parentesco, promovendo a circulação das variedades no território de ocupação tradicional.¹

Esta forma de agricultura consiste em manter vivas as sementes tradicionais e que hoje em dia estão se perdendo devido à falta de terras apropriadas para o cultivo dessas sementes e de mais variedades de plantas e também pela influência de fora que faz com que os jovens sejam abduzidos² pelas tecnologias, deixando as práticas de lado, e também essas práticas

¹ MDA/ Ministério de Desenvolvimento Agrário. **Documento em defesa da agrobiodiversidade Guarani.** Associação Rondon Brasil, 2007. s/p.

² Abduzido é aquele que desviou de um ponto, que se afastou ou arredou para outro lugar.

muitas vezes não são feitas por falta de conhecimento e muitas vezes por não ter alguma pessoa mais velha na aldeia, por isso a importância dessa pesquisa.

A capacidade de transmissão dos saberes e as características do sistema agrícola dos Guarani, permitem perceber que os produtos e as técnicas de plantio incorporados nas aldeias procedentes do universo não indígena se apresentam enquanto campos de interculturalidade, não como princípios opostos, visto que não se pode pensar em dois modelos completamente diferentes.³

A pesquisa foi realizada em três aldeias: Biguaçu: *Yynn Moroti Wherá* = reflexo das águas Cristalinas; Amaral: *Mymba Roka* = Pátio dos Animais e Amâncio: *Yguá Porã* = Fonte Bonita, por serem algumas, entre outras várias aldeias que praticam a agricultura tradicional, por ficar em mais próximas da minha aldeia e por conhecer as pessoas que serão entrevistadas, por isso a escolha.

Seguindo nesta perspectiva, esta pesquisa será desenvolvida a partir dos relatos dos mais velhos através de entrevistas orais, rodas de conversa ao redor do fogo, na casa de reza, seguindo os pressupostos da História Oral. Além disso, utilizo pesquisa bibliográfica; material audiovisual, figuras, mapeamento das áreas cultiváveis das aldeias, que foi realizada da seguinte forma: saída de campo para ver as áreas cultiváveis e as variedades de plantas encontradas para fazer o croqui da roça, mapeamento via internet por satélite para marcar as áreas de cultivo das T.I, montagem com fotos das roças, aldeia e as pessoas entrevistadas em forma de vídeo.

A escolha das pessoas mais velhas das comunidades citadas acima foi feita por conhecê-las pessoalmente em outros projetos e de estar mais familiarizado, e por saber que elas praticam agricultura e conhecem a história da agricultura tradicional Guarani. Ainda, por serem pessoas mais velhas dessas aldeias, e essas aldeias do Amaral e Amâncio ficam próximas uma da outra, por isso a facilidade de locomoção. Outro ponto é que senhor Alcindo da comunidade de M'Biguaçu tem uma roça e cria animais na aldeia *Mymba Roka*, sendo assim resolvi pesquisar lá também. Existem outras aldeias que também praticam agricultura tradicional, e outras que já usam mais um sistema dos *djurua kuery* = não indígenas e elas também eles devem conhecer a agricultura de nossos antepassados, no entanto não a praticam. Por serem um pouco mais afastadas da minha aldeia e eu não ter tempo disponível para poder

³ Idem, s/p.

visitar essas aldeias, decidi optar por estas três comunidades do município de Biguaçu/SC por terem roças com vários cultivares.

A senhora Rosa Rodrigues da aldeia *Yguá Porã* do Amâncio, ocupa um cargo importante na Aldeia por ser uma *tchedjary'i* = avó e parteira, um cargo de grande respeito na cultura Guarani, transmitindo seus conhecimentos para a comunidade. Além disso, no seu dia-dia trabalha na roça junto com seu marido, apesar dele já não enxergar mais. Quando tem alguma pessoa que chama para fazer trabalho de parto em outra aldeia, ela vai e fica cuidando da gestante e fica dando todas as instruções que ela precisa até o nascimento da criança. Dona Rosa frequenta a aldeia de M'Biguaçu quando acontece alguma cerimônia ou reunião na aldeia. Uma pessoa que é espelho para os jovens.

Dona Alicia Ortega *tchedjary*, avozinha da aldeia *Mymba Roka*, Amaral, já não enxerga mais, mas tem uma função muito importante que é de aconselhar as pessoas mais novas da aldeia, por trazer em suas vivências as experiências de vida de nossos antepassados. Hoje em dia ela fica em casa com seus familiares e às vezes ela pede para sair e ir visitar outras pessoas da comunidade para conversar sobre a vida de adolescência e contar histórias de antigamente e coisas atuais. É também alguém que tem o conhecimento profundo dos costumes do Guarani e que praticou muita agricultura durante sua vida. É um exemplo para os jovens e pessoas que conversam com ela.

Senhor Alcindo *Wherá Tupã*, *karai*, líder espiritual e conselheiro da aldeia M'Biguaçu, é uma pessoa muito respeitada pelas pessoas da comunidade e também por não indígenas que frequentam a comunidade. O senhor Alcindo vive no sistema de agricultura tradicional um sistema diferente dos demais membros da comunidade tendo em vista que a maioria quer sair para trabalhar fora e ganhar dinheiro e quase ninguém quer trabalhar nessa área da agricultura. Seu Alcindo tem uma grande responsabilidade de nos transmitir conhecimento e nos guiar por um bom caminho, para que não nos percamos totalmente no mundo do "*djurua kuery*", porque nossa aldeia está próxima da cidade. Sem dúvida ele é um sábio da cultura Guarani e uma liderança a ser ouvida e seguida e nos mostra o quanto é possível viver a cultura Guarani dentro da diversidade do mundo.

Nesta perspectiva, a partir da experiência dessas lideranças guardiãs da cultura Guarani e que são nossas bibliotecas vivas, com dados da experiência própria como técnico agrícola e no estágio do curso, espero trazer a público os conhecimentos a respeito da agricultura tradicional Guarani e sua importância nos dias atuais nas comunidades aqui elencadas.

Nesse sentido, a pesquisa se desenvolve basicamente a partir das entrevistas realizadas com as pessoas mais velhas da comunidade, pois os Karáí Kuery “são os livros vivos”, os que são responsáveis pela tradição oral, os que transmitem o conhecimento para as novas gerações. Por Isso a utilização da metodologia da História Oral, sendo o registro de experiências de pessoas vivas.⁴

Este Trabalho de Conclusão de Curso está apresentado aqui em três capítulos, com os quais realizo um breve resumo para orientar a leitura.

No primeiro capítulo sobre agricultura tradicional, situarei as aldeias privilegiadas, com amostras de imagens de satélite tiradas do *Google Earth*, fotos, quantidade de famílias e tamanhos das áreas aproximadamente que me foram fornecidas e relatarei um pequeno histórico de cada uma delas. Logo após entrarei num relato de como era e com está sendo praticada a agricultura tradicional nos dias atuais nessas aldeias fomentando sua evolução no passar do tempo e sua impotência, de como ela se apresenta em nossas vidas e as adaptações que estamos fazendo para manter viva. Em seguida acrescento imagens das roças.

No segundo capítulo será abordado sobre a agricultura e o mundo espiritual Guarani, o ritual do *Nhemongarai*, e de como se dá esse ritual e para que serve. Escrevo sobre o tipo de sementes e alimentos que são levados para a *Opy* (casa de reza), com relatos dos entrevistados e de como era feito antigamente e como é nos dias atuais, citações de outros pesquisadores e sua impotência para o povo Guarani. Trato do Ritual na *Opy* – Casa de reza e a relação com a cosmologia Guarani e da questão do mês em que se dá o ritual do benzimento das sementes dos alimentos e também o batismo das crianças.

No terceiro e último capítulo vou abranger mais a questão da Agricultura e manutenção da cultura Guarani e também da agricultura como um bem sagrado para o Guarani. Escrevo sobre os desafios para manutenção da cultura, levanto dados referentes à pesquisa, o que devemos fazer para que a agricultura se mantenha viva, as interferências de fora, novas soluções para os dias atuais e ainda pequenas falas dos entrevistados.

Ainda apresenta-se fotos, mapas e desenhos no intuito de enriquecer e completar o trabalho. Espero assim que sintam a curiosidade de ler e tomar conhecimento de como a Agricultura Tradicional Guarani ainda se faz presente no cotidiano de nossas aldeias.

É importante mencionar também, que os depoimentos orais contidos neste trabalho, aparecem de forma bilíngue: primeiro na Língua Guarani e depois na Língua Portuguesa, isto

⁴ ROSA, Helena Alpini Rosa. **A Trajetória histórica da presença da escola na comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC / Florianópolis/ SC: 2009, p. 204.

porque as entrevistas me foram concedidas na Língua Guarani e realizamos o trabalho de tradução das mesmas na hora da transcrição. Acredito também que assim o trabalho fica mais rico, pois traz a expressão que o entrevistado me concedeu.

I CAPÍTULO

A agricultura Tradicional Guarani

1. Situando as comunidades privilegiadas na pesquisa

1.1. Yynn Moroti Wherá

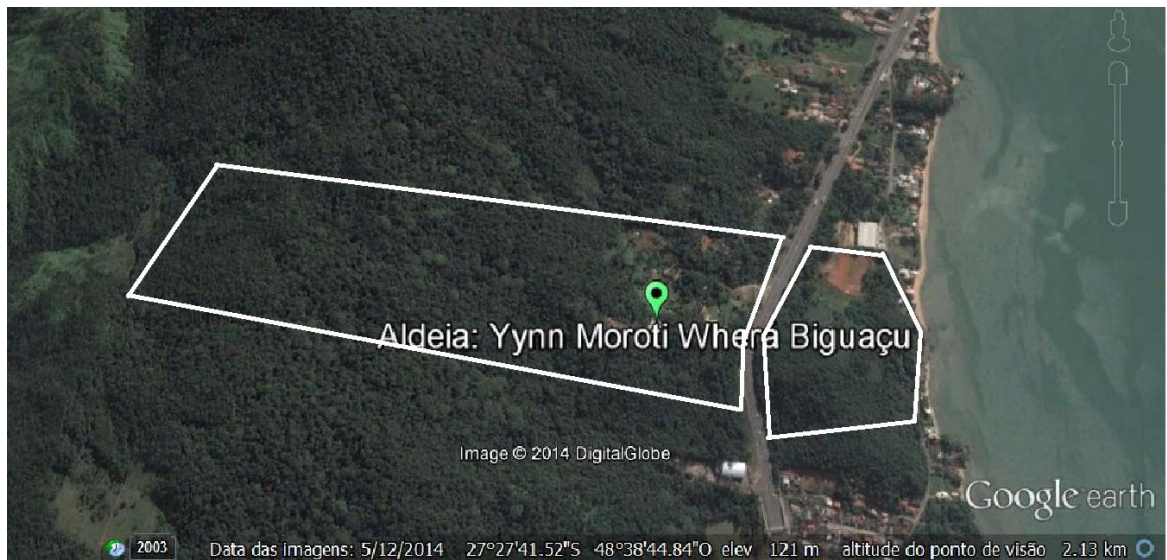


Figura 01 – Imagem de Satélite, Mapa panorâmico da Terra Indígena Yynn Moroti Whera – Imagem Google Earth, 05/12/2014.



Figura 02 – Opy – casa de reza da Comunidade Yynn Moroti Whera – foto de Ronaldo Barbosa, Biguaçu – 24/11/14



Figura 03 – Aldeia M'Biguaçu – desenho da comunidade Yynn Moroti Whera. Autor: Ronaldo A.Barbosa, Biguaçu – 16/01/15.

Nossa terra indígena *Yynn Moroti Wherá* (reflexo das águas cristalinas), M'Biguaçu está homologada e demarcada. Possui 59 hectares, é cortada pela BR 101. Está situada próximo ao bairro São Miguel, no município de Biguaçu, na rodovia BR 101, km 190.

Temos um cacique chamado Hyral Moreira, e demais lideranças que são Adelino Gonçalves e Santiago Oliveira. Nossa aldeia tem 32 famílias e aproximadamente 120 pessoas. Possuímos uma casa de reza com um líder espiritual chamado Alcindo Whera Moreira mais conhecido por seu Wherá Tupã, com 105 anos, e sua esposa Rosa Mariani Cavaleiro, em Guarani Poty Dja, dois anciões que nos guiam para um bom caminho. Possuímos 27 casas familiares, uma escola com o nome em Guarani dos dois anciões, as pessoas mais velhas da aldeia, uma casa de artesanato, uma casa de plantas medicinais e uma estufa.

Na aldeia convivemos em harmonia com as pessoas e a natureza, respeitando os mais velhos, ouvindo seus conselhos, porque eles é que rezam por nós. Temos medicina plantada na aldeia, que é defendida por nós mesmos. A maioria possui casa de alvenaria. Muitas vezes saímos para pescar fora da aldeia e vivemos do modo tradicional, mas adaptando muitas coisas que são do mundo do *Djurua kuery* (não indígena). Mesmo com essas adaptações não deixamos nossos costumes, e crenças, sempre os vivendo no dia a dia.

Nossa escola foi criada em 1997. Primeiro era de madeira e depois em 2003 foi inaugurado o novo prédio que recebeu o nome dos dois anciões da aldeia sendo assim chamada Escola Indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Dja, que possui três banheiros, três salas de aula, uma biblioteca (que também funciona como sala de informática), uma secretaria, um pátio e contamos com a presença do diretor não indígena chamado Richard Sarmiento, um coordenador pedagógico. São sete professores indígenas e três não indígenas, totalizando doze profissionais. Temos também 2 computadores, um telefone fixo, uma impressora e um *data show*. Temos em nossa escola 33 alunos.

Em 2013 tínhamos 60 alunos, em 2014 tivemos um grande número de alunos que concluíram o ensino médio e outros que desistiram e alguns que se transferiram para outra escola devido a saída de seus pais para outra aldeia.

A escola possui uma trilha para receber alunos não indígenas para visitas onde é cobrado um valor, e através disso, alguns artesãos também poderem vender seus artesanatos e o dinheiro arrecadado na trilha fica para manter a escola comprar alimento ou algo que está em falta.

Poucas famílias da aldeia ainda cultivam algumas sementes tradicionais nas roças que fazem em volta de suas casas, isso para consumo e também tirar sementes para que não se

percam, e que elas possam ser plantadas no ano seguinte e assim passar esses conhecimentos para seus filhos e netos. A agricultura Guarani está ligada ao mundo espiritual e de alguma maneira está se manifestando no Nhemogarai (consagração dos alimentos) ou na troca de sementes com outras aldeias. Essas famílias que cultivam nas comunidades são nossos espelhos no modo vida por terem disposição no seu dia a dia, diferentes dos outros que vivem estressados com seu cotidiano.

Algumas famílias têm conhecimentos e por não ter uma terra fértil não querem dar muita importância, e outras não têm conhecimento, e não procuram saber, deixando a agricultura de lado para ir trabalhar fora da aldeia e comprar os alimentos do mercado, achando que aquilo é mais saudável do que nosso próprio cultivo.

1.2. Mymba Roka

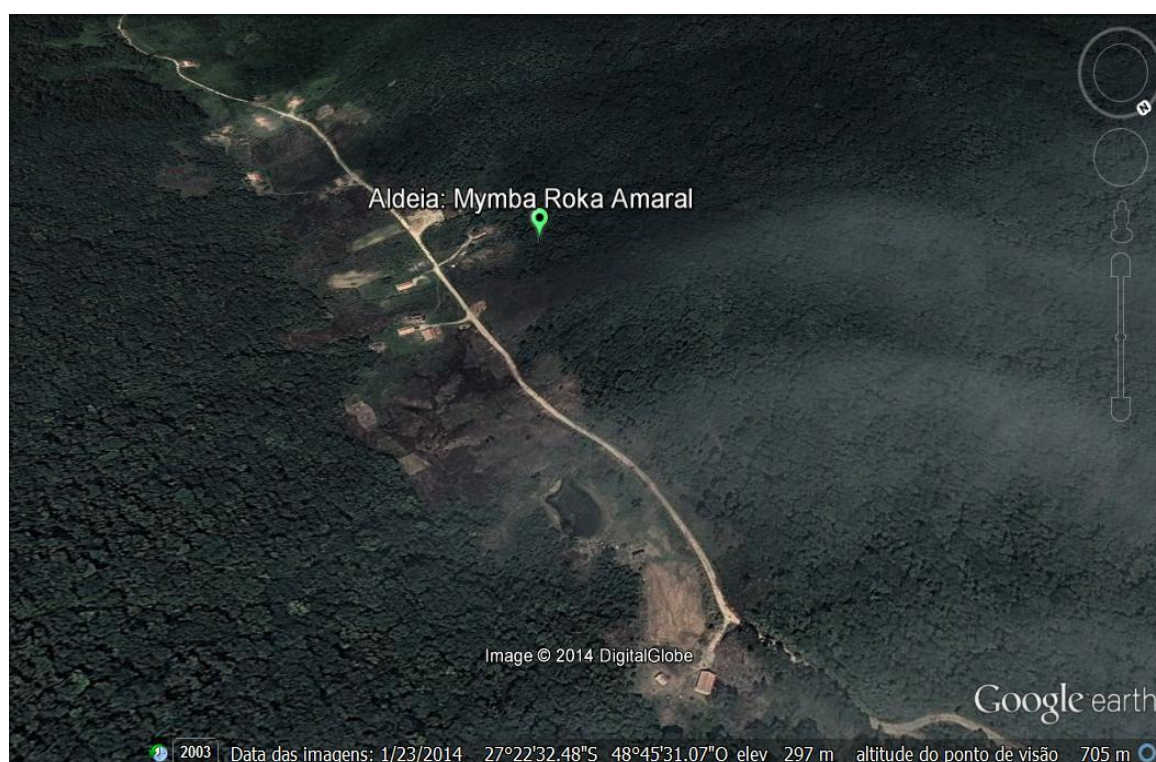


Figura 04 – Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da **Comunidade Indígena Mymba Roka** – Imagem Google Earth, 23/01/2014.

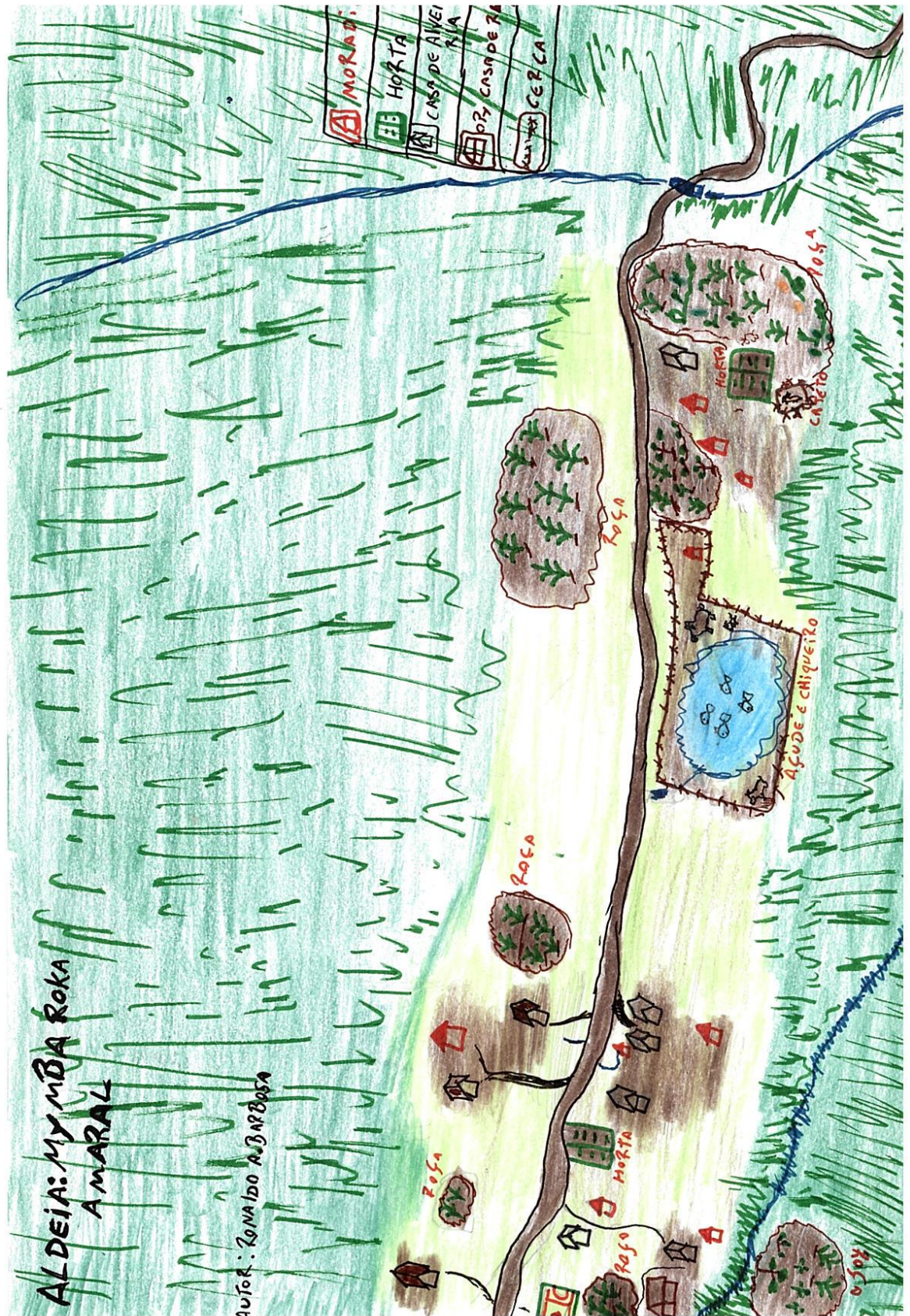


Figura 05 – Amaral - Desenho da Comunidade indígena Mymba Roka. Autor: Ronaldo A.Barbosa, Biguaçu – 16/01/15.



Figura 06 - Opy (casa de reza) da Aldeia Mymba Roka. Foto de Ronaldo A. Barbosa. 25/01/2013

A Aldeia Mymba Roka, que também é espaço desta pesquisa, está localizada no município de Biguaçu, mas a 30 km da cidade, no Bairro de Sorocaba de Dentro, na estrada do Amâncio. Foi adquirida em 2007 como medida mitigadora⁵, onde algumas famílias da aldeia Maciambu se mudaram para a aldeia de Imaruí, e algumas famílias escolheram essa nova aldeia. Mymba Roka tem mais biodiversidade de fauna e flora. Com 509 hectares de terra tem mais mata e várias nascentes com espaço para roças, caças, coleta de frutas, coleta de matéria prima, criações de animais e espaço para lazer, longe da correria das cidades.

O antigo morador era criador de gado e tinha um espaço com eucaliptos plantados e um pouco de palmeira real que danificou alguns pontos da aldeia, mas agora estas áreas já estão se recuperando. O cacique da aldeia se chama José Benites que também é professor da aldeia e acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Atualmente ali vivem em torno de 20 famílias, possuem uma escola numa casa de alvenaria da comunidade até que se faça uma estrutura escolar adequada para os alunos. Há também uma Casa de Reza, a Opy que foi construída em um lugar especial na aldeia, conforme a imagem demonstra na Figura 06.

1.3. Yguá Porã

⁵ Medida Mitigadora decorrente do projeto da Duplicação da BR 101 – trecho sul – Trata-se de uma medida compensatória de danos ao ambiente e / ou pessoas relacionadas em uma ação do poder público.

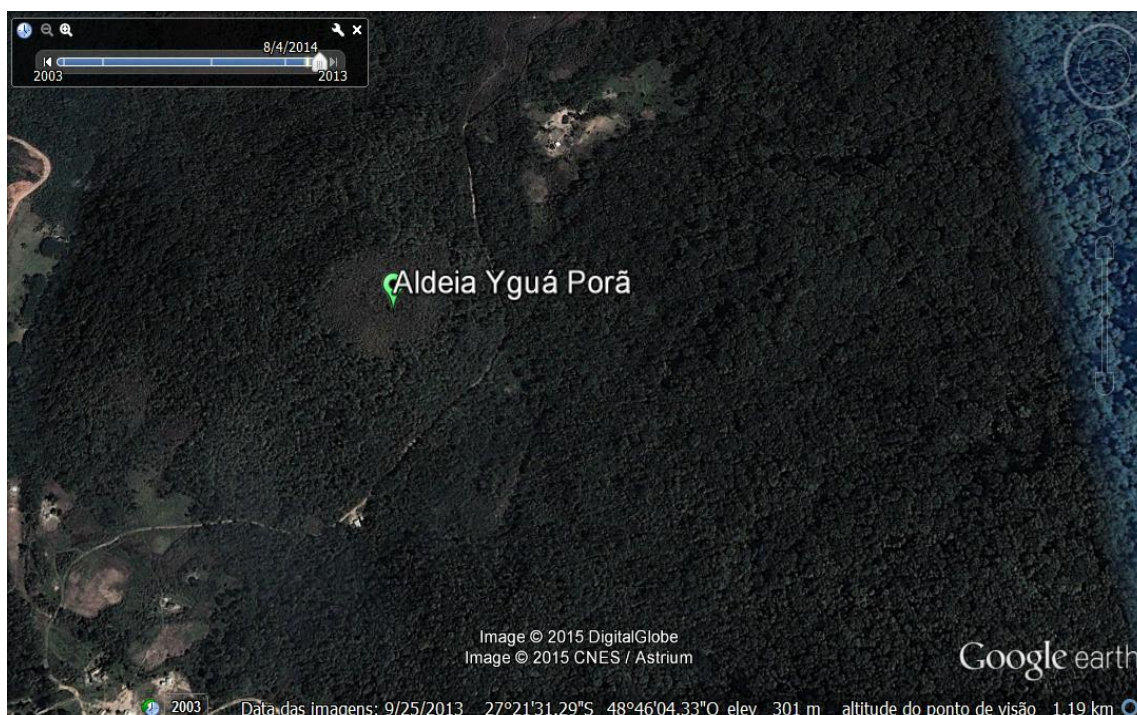


Figura 07 – Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da Terra Indígena Yguá Porã – Imagem Google Earth, 25/09/2013.



Figura 08 - Moradia tradicional da Sra. Rosa Rodrigues e a opy (Casa de reza). Foto de Ronaldo A. Barbosa. 01/11/2014

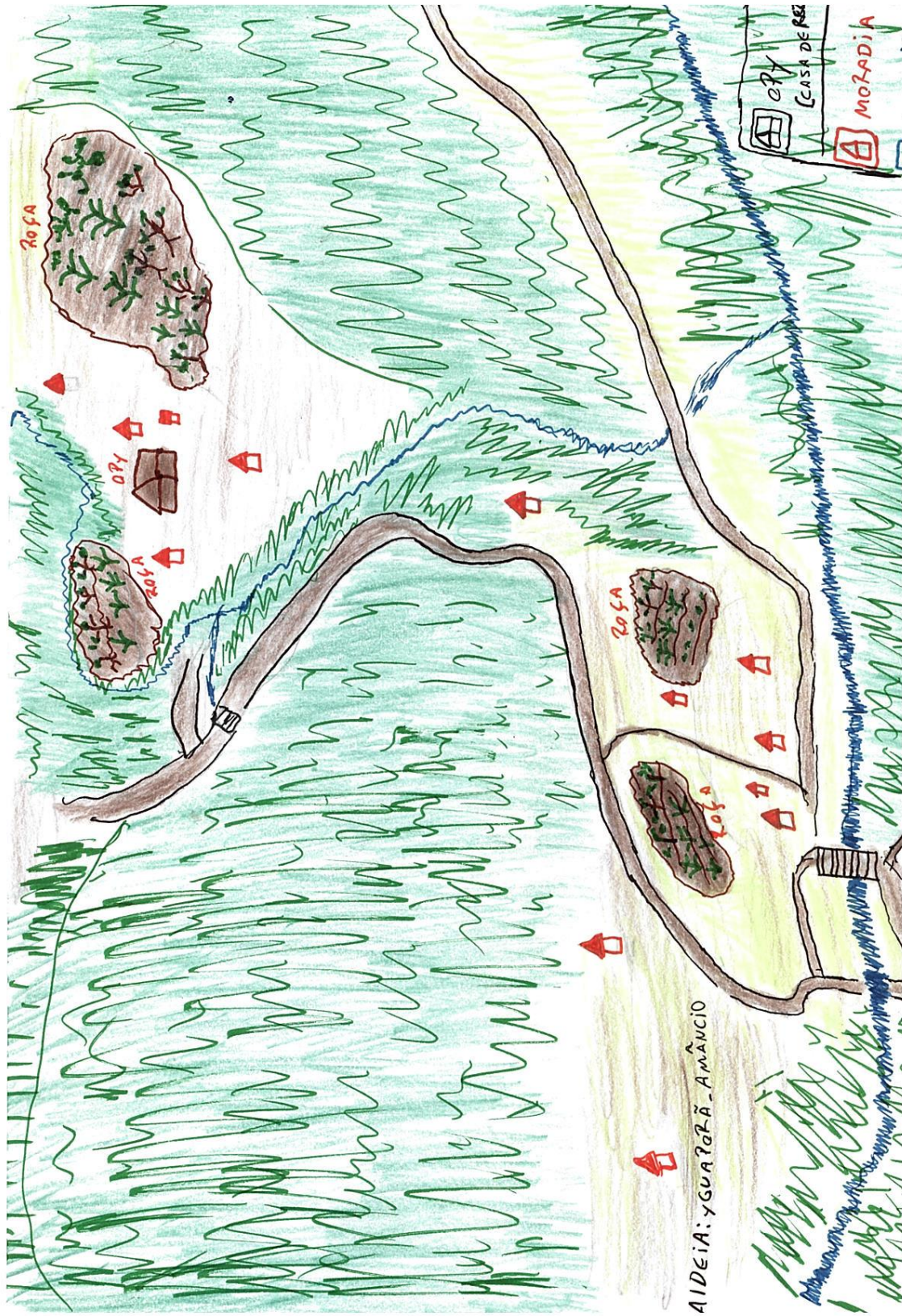


Figura 09 – Amâncio - Desenho da comunidade Yguá Porã. Autor: Ronaldo A.Barbosa, Biguaçu – 16/01/15.

A Aldeia Yguá Porã do Amâncio completa as aldeias que compõem este estudo. A Aldeia Yguá Porã está situada na estrada Sorocaba de Dentro, próxima a aldeia do Amaral, a 32 km de cidade de Biguaçu. Foi fundada em 2002 e agora está em fase de estudos para a demarcação da terra com uma área de aproximadamente 1.040 hectares e que pertence aos Guarani do litoral brasileiro. Tendo em vista a grande diversidade da fauna e flora com várias nascentes das águas dentro da aldeia e uma grande cachoeira no verão os Guarani e não índios vão para se refrescar.

Atualmente, a referida comunidade possui 09 (nove) famílias situadas, vivendo do plantio, caça, pesca, artesanato, entre outros afazeres. Na aldeia não tem escola e os alunos vão a pé estudar na aldeia do Amaral. Não possuem casa de alvenaria, somente um banheiro de alvenaria. As casas são de tábua e outras são tradicionais de barro e chão batido.

Na sequência vemos a localização das três comunidades Guarani através do mapa via Imagem de Satélite.

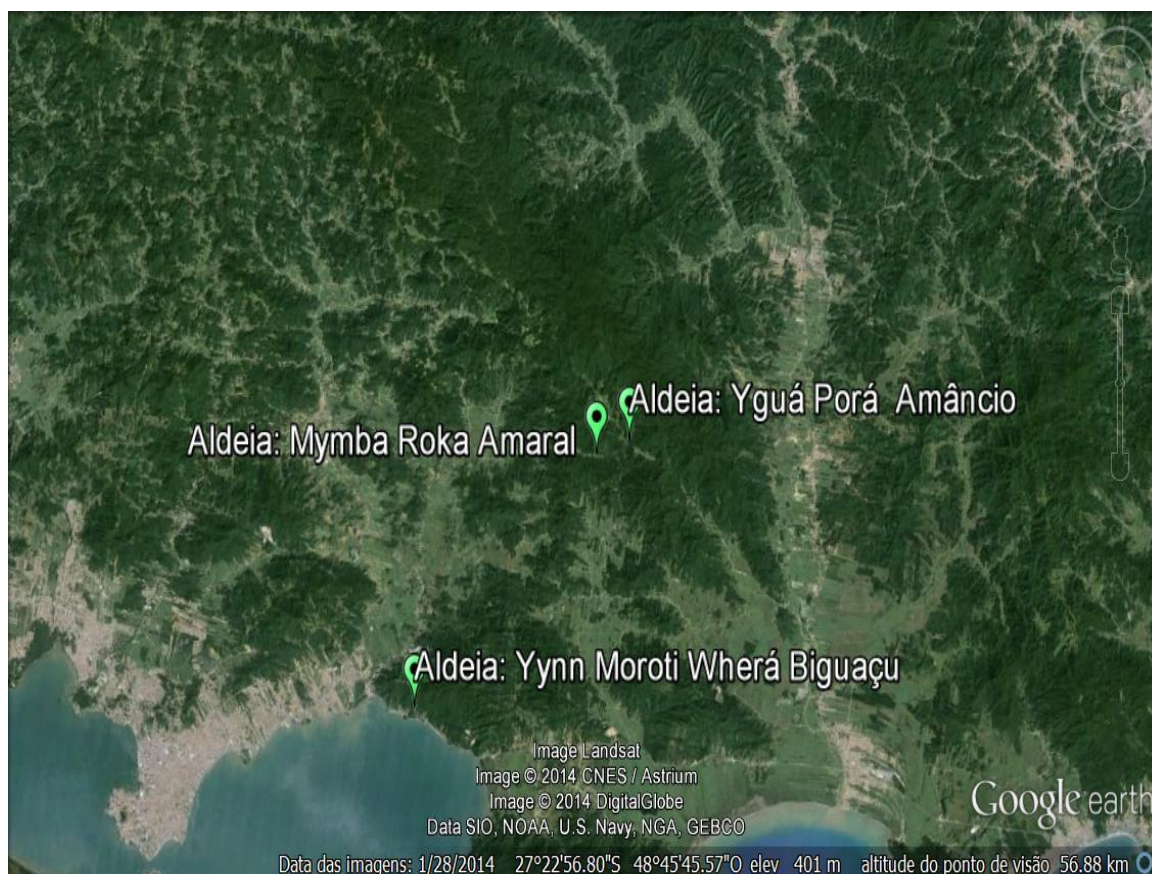


Figura 10 – Imagem de Satélite: Mapa panorâmico das **Três Terras Indígenas** – Imagem Google Earth, 28/01/2014.

1.5 A Agricultura Tradicional Guarani

A Agricultura tradicional Guarani está ligada ao mundo espiritual, porque quando o Guarani pratica a agricultura ele está em harmonia com a natureza.

A agricultura atual hoje é um pouco diferente da agricultura de antigamente em muitas aldeias por influências de fora e muitas vezes por não conhecer ou não ter uma terra adequada para o cultivo, e quando tem uma terra boa na maioria das vezes planta para a comercialização. Assim, o Guarani está sendo afetado por um pensamento não indígena que de vender coisa que antigamente não existia.

Nos dias atuais a agricultura tradicional Guarani é como se fosse uma agricultura orgânica ou biológica dos não indígenas porque não se usa nenhum tipo de adubo químico ou qualquer insumo nas roças, porque a agricultura orgânica dita em alguns livros ou falada por algumas pessoas é sistema que já era utilizado pelos nativos que foi adaptado pelo não indígena e muitas vezes aperfeiçoadas de um modo geral.

As práticas de cultivo do solo eram todas feitas manualmente, tendo por base o sistema de “coivaras” ou rotação de terras, herança deixada pelos nossos antepassados indígenas, antes da chegada dos europeus. O sistema de “coivara” consistia na derrubada da floresta, espera para deixar secar, queima e posterior plantio das culturas. “Lembro como era, aquilo era tudo abaixo de foice, enxada e machado(...)se fazia umas roças grandes onde era plantado o milho. Era queimado e depois plantado de enxada (...) pé por pé!”.⁶

Nas comunidades indígenas onde tem pessoas de fora, ‘não índio’ interessadas em manter o ambiente livre de qualquer composição química que possa ser prejudicial às pessoas, ele leva conhecimentos bons que não afetaram futuramente aquela aldeia e ajude nos dias atuais. Hoje em dia nas aldeias também é fácil observar que só os mais velhos ou algum membro de sua família faz uma roça, porque outros estão estudando ou estão trabalhando fora da aldeia para ganhar dinheiro e comprar outras coisas. Muitas vezes os projetos que são feitos pelos não índios são feitos sem o consentimento da comunidade indígena e trazem pronto para implantar sabendo que o nosso sistema é diferenciado.

Atualmente as pessoas das comunidades adaptaram muitas ferramentas dos não índios, que auxiliam na preparação do solo e no manejo, coisas que antigamente não existia e não era

⁶ MÜLLER, J. M.; LOVATO, P. E.; MUSSOI, E. M. **Do Tradicional ao Agroecológico: as veredas das transições(o caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/SC)**. (Fala de um agricultor, 51 anos) S/d. p.103.

tão necessário porque vivíamos bem com o que a natureza nos oferecia. Temos que saber usar porque senão isso prejudica de alguma maneira o nosso cultivo.

Para os Guaranis nos dias atuais podem praticar seus rituais com os alimentos tradicionais produzidos na aldeia é de grande valor porque isso afeta diretamente seu lado pessoal e espiritual, porque ele não planta apenas por plantar, pois existe toda uma crença. Sendo assim, ele vem mantendo sua tradição de geração em geração. Temos várias aldeias que mantêm as sementes tradicionais, nem todas as sementes mais têm, porque no passar do tempo elas foram se perdendo, mas esse pouco é o que costumamos cuidar com muito amor para passar para as futuras gerações.

Podemos dizer que a agricultura hoje está mais evoluída não ficou parada no tempo, devido às mudanças que vem ocorrendo no passar do tempo, mas não deixou de existir e nunca deixará, não temos maquinários pesado, não temos irrigação na plantação e nem usamos o cultivo convencional, não se faz uso de produtos químicos seja ele para controlar pragas e doenças ou para auxiliar no crescimento das plantas. Usamos apenas o necessário enxada, foice, facão, machado, *saraqua* (máquina para plantar as sementes) e praticamos a queimada, tendo em vista que o plantio hoje é em pequena escala em volta de casa e alguns casos onde tem áreas maiores que possam fazer um plantio comunitário aí a roça se torna maior, mas em todo caso uma roça familiar. Nosso calendário é diferente dos calendários dos '*djurua kuery*' não índio. Atualmente praticamos o *Nhemongarai* com as sementes tradicionais que temos na aldeia, é um ritual que vem sendo passado de geração em geração há milhares de anos. Para os Mbya, segundo Ladeira,

A agricultura exprime possibilidades de realização tais como: organização interna, reciprocidade e trocas de sementes e espécies, entre outros. A agricultura, também, abrange a organização social, princípios éticos e simbólicos baseados mais na renovação dos ciclos do que na quantidade e disponibilidade de alimento para consumo. Assim, os Mbya não vivem da agricultura, mas não vivem sem ela.⁷

A seguir estão algumas fotos que demonstram um pouco das plantações e agricultura realizada hoje pelos Guarani em suas lavouras.

⁷ LADEIRA, Maria Inês. 2003, APUD: DE GEORGE, Iozodara Telma Branco. **Conhecimentos(Etno) matemáticos de professores Guarani do Paraná**. Curitiba,2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Em Matemática da UFPR.p.49.



Figura 11: Plantio de Amendoim, batata-doce e Aipim Foto da lavoura de Aldo Gonçalves, na Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, Autor: Ronaldo A. Barbosa, 29/11/14.



Figura 12: Plantio de amendoim, batata-doce e aipim – Foto da lavoura de Alcindo Wherá Tupã Moreira, Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu. Autor: Ronaldo A. Barbosa, 01/11/14.

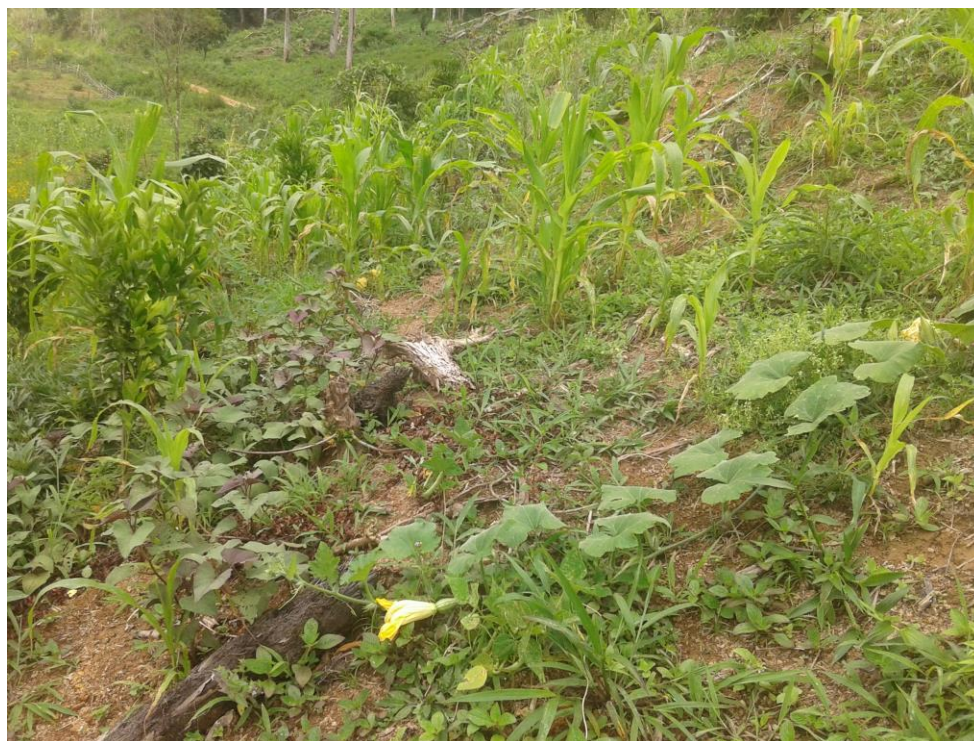


Figura 13: Plantio de Milho, Abobora, Bata doce - Foto da lavoura de Lurdes Moreira, Aldeia Mymba Roka, Sorocaba de Dentro, M'Biguaçu. Autor: Ronaldo Barbosa, 01/11/14.



Figura 14: Plantação de Milho, Feijão de corda, Batata-doce Foto da lavoura de Nadir M. Amorim. Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, Autor: Ronaldo Barbosa, 29/11/14.

II CAPÍTULO

2. Agricultura e o mundo espiritual Guarani

2.1 *Nhemongarai* – Ritual sagrado das sementes

A cerimônia acontece na colheita do milho e coleta de outros alimentos, mel (Ei) e erva mate (ka'a). Esses alimentos são todos levados para a opy (casa de reza) para serem consagrados.

Sem o milho tradicional e os demais alimentos não haveria as cerimônias para o *Nhemongarai* (consagração e batismo), que envolve as pessoas da comunidade e também de outras aldeias que trazem seus alimentos para consagrar com os demais.

O *Nhemogarai* consiste em fazer uma consagração dos alimentos e das sementes antes de plantar e após na colheita, em muitos casos também são batizadas as crianças que ainda não tem o seu nome em Guarani. Sendo assim é realizado um grande cerimonial, para o qual, cada pessoa leva seu alimento ou sementes.

Segundo Darella,

Milho e ritual de nominação (*n̄hemongarai*) estão imbricados. A festa do milho ocorre costumeiramente entre janeiro-fevereiro, *ara pyau* (tempo novo), ritual no qual as crianças recebem seus nomes-alma através dos *xamãs*, são reafirmados os nomes-alma dos jovens e adultos e ocorre a renovação da pessoa. Essa conexão cosmológico-social, relação divina de pessoa faz Francisco Timóteo Kirimaco expressar que todo ano “vira gurizinho de novo”, denotando surpreendente vigor, apesar da idade.⁸

Esta afirmação é confirmada pelas pessoas mais velhas da comunidade e que praticam o cultivo do milho e o *nhemongaray*. Segundo a “*tchedjary'i*” Alicia Ortega, com 88 anos, da aldeia *Mymba Roka*,

Idjapedjupa'i ramo nha motchã i aguã nhamogariuka aguã revema nhamboi dja'e, opy dju nhamogariuka aguãreve idjapedju'ive nhamboi dja'e, va'ekue ymavitavy, ymã nhande ypy kuery ha'erami nhande ypyrai'i va'ekue, aÿtu ndadjaikuavei, mbya djipoveiavi djurua memeia'etu ikuai paveĩ.

⁸ DARELLA, Maria Dorothea Post. **Ore Roipota Yvy Porã “Nós Queremos Terra Boa” Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina Brasil.** Tese de Doutorado programa de estudos Pós-Graduação em ciência sociais PUC/SP, 2004. p. 100.

Quando a espiga estava madura e pronta para amarrar era tirado para consagrar e levado direto para a *opy* (casa de reza) para se batizado por isso era tirado o milho duro, nós tirávamos, mas antigamente, nossos antepassados também eram assim, hoje já não sabemos mais, já não tem mais Guarani, somos todos brancos. (Alicia Ortega).⁹

Igualmente a “*tchedjary’i*” Rosa Rodrigues, 75 anos, da aldeia Yguá Porá, também fala a respeito do processo de plantio, colheita e rituais do milho:

Ronhoty oiko porã aguã ma petcha, avatchi ete’i mbya avatchiko nhambodjeroviava’e nhaderu kuery nharomaedua oiko porã aguã, aerami ronhoty tavy koera ronhoty tavy romoatatchiuka upe mbudjapei rami opy, a’e rami ae mba’eve ndojavykyi vitcho vitchoi ndodjavykyi oiko porã aguã, haegui haĩ ramo há’erami vae haĩ mbairamo mbytaidju rodjapo opy redju romoatatchin ukadju, há’erami vireidju yma orekuai karambo’e, tchandjau ha’erami tchandjau omoatatchiaviae dja’u aguã, há’eramo oiko porã riae, tchandjau oikovi aetu mbya tchandjau tchandjau etei, aỹkatu ndoikovei,

Quando nós plantávamos para nascer bem era assim, milho verdadeiro ou milho Guarani, se nos acreditarmos em nhaderu “nosso pai” rezamos para que ele faça vim e crescer bem, era bem assim se amanhã nós fossemos plantar, fumas siávamos igual o mbudjapé (bolo feito na cinza) na *opy*, era assim que nem um bichinho extraviava, e crescia bem, e quando tinha semente fazia o mesmo, quando estava maduro fazia pamonha e leva na *opy* para fumasse-a, éramos assim naquela época, melancia também melancia fumaceava-se para comer, e assim nascia bem, tinha melancia Guarani, melancia verdadeira, agora não já não tem mais.¹⁰

É como escreveu Egon Schaden: é a “religião do milho”, pois para os Guarani o plantio do milho vai além da produção para a subsistência do grupo, é sagrado. Está associado às cerimônias religiosas e ao sobrenatural.¹¹

2.2. O Ritual na *Opy* – Casa de reza e a relação com a cosmologia Guarani

Hoje em dia o *nhemongarai* é um pouco diferente, porque vem sofrendo algumas mudanças no decorrer do tempo, e porque muitas vezes também, não temos uma boa colheita, pelas mudanças do clima e por falta de uma terra boa para plantio e da nossa mata onde tirávamos outros alimentos para consagrar no batismo. Ainda temos o problema de algumas perdas de sementes tradicionais que já não se encontram mais como antigamente, quando se encontravam as sementes com mais facilidade. Mas, fora as dificuldades encontradas e o que é feito delas, o propósito é o mesmo de nossos ancestrais.

⁹ ORTEGA, Alicia. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 07/09/2014.

¹⁰ RODRIGUES, Rosa. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 30/08/2014.

¹¹ SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p. 50.

O *nhemongarai* é feito para agradecer o plantio as sementes que foram colhidas, não são apenas para se alimentar e sim agradecer pela sua existência e para que nunca falte, que possa ser mostrada as futuras gerações e para o fortalecimento de nosso corpo e espírito e para a renovação da vida. Hoje em dia o *nhemongarai* também é uma forma de troca de sementes com outras aldeias onde algumas das sementes verdadeiras já se perderam no mês de janeiro, quando é feita a colheita. Inicia-se os preparativos para levar os alimentos para a opy (casa de reza). Cada família faz seu mbyotá¹² para levar, a espiga de milho, entre outros alimentos tradicionais. Hoje em dia o *nhemongarai* é realizado em muitas comunidades Guarani de acordo como eles foram instruídos para fazer esse ritual de diferentes formas, porém com o mesmo propósito.

O milho Guarani dependendo da sua variedade pode levar de três, quatro ou cinco meses para ser colhido, certo que na grande maioria das variedades, que mais plantamos, é de quatro meses.

Convém explicar um pouco as diferentes variedades/espécies de milho cultivado pelos Guarani. O avatchi mirim (milho rasteiro), chamado também de milho pipoca, pelo tamanho da planta, medindo aproximadamente 50 cm do solo. Esse milho é mais rápido de produzir, em três meses já é possível colher. Outra espécie é o avatchi mintã (milho anão), planta pequena, com espiga pequena que leva quatro meses para ser colhido, ele tem as espigas em cor amarela. Há também o avatchi pará (milho colorido com grãos), um pouco maior que os demais, tamanho médio, comparado ao milho produzido pelos djuruá kueri. Esse milho leva cinco meses para ser colhido. É desse milho que se separa a semente conforme a cor para plantar e produzir o milho com espiga de grão vermelho/roxo, grão preto (azulado), de grão branco; de grão amarelo e por fim o grão pintado que é o da espiga com todas essas cores misturadas na mesma espiga.

O karai (líder espiritual) é o grande responsável pela condução do *nhemongarai* porque é ele quem vai passar o nome para as crianças que já estão prontas para receber seus nomes em Guarani, para fortalecimento de seus espíritos aqui na terra, por isso a importância de um karai e o privilégio de quem tem um na comunidade. Sem o Karai não receberíamos os conhecimentos que nosso ancestrais nos deixaram, sabendo retribuir ao Nhanderu, com a reza usando o Petyngua (Cachimbo Sagrado) um dos instrumentos sagrados para se expressar com Nhanderu.

¹² Mbyta é um bolo de milho, cozido na cinza, conhecido também como pamonha.

O uso do petyngua é essencial nos rituais Guarani, além disso, não se esquecendo do fumo de corda, outro item que faz parte da cultura. O Guarani não costuma plantar fumo porque o próprio Nhanderu nos fornece, e esse fumo não vem com veneno é um fumo natural, sem agrotóxicos. Os mais velhos têm o costume de mascar o fumo em seu cotidiano, além de fumar no petyngua. Nos dias atuais muitas pessoas já preferem o fumo industrializado que vem picado e outros ainda usam o fumo de corda muitas vezes produzido em sua casa.

Fases de Plantio: Djatchy onhepytu no calendário do (djurua kuery) não índios - lua nova.

Estações do ano Guarani:

Ara ymã: Ano velho

Yro'ya: inverno

Ara pyau: Ano novo

Kuaray aku: verão

Na sequência vemos a representação do calendário a partir da visão Guarani



FIGURA 15 – Calendário Guarani do Teodoro Fonte: Raquel Marschner. IN: DE GEORGE, Iozodara Telma Branca. **Conhecimentos (Etno) matemáticos de professores Guarani do Paraná**. Curitiba, 2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Em Matemática da UFPR. p.165.

Antigamente, segundo seu Alcindo, os alimentos plantados eram consumidos juntos com a caça, não se passava fome, tinha mata para caçar e terra para plantar, não tinha limite como nos dias atuais. Ele fala que tinha dificuldades porque ele usava uma pedra afiada ou madeira afiada para roçar e em outros afazeres, por isso procuravam local onde tivesse menos madeiras grandes e sim capoeiras ou taquarais onde ele derrubava e depois queimava. Plantava semente por semente, com uma madeira com ponta que ele usava para fazer as covas, depois na colheita ele usava pedra afiada para arrancar a batata-doce. Não tinha enxada e eles arrancavam os matinhos com as mãos, a terra não era dura como hoje era bem fofa.

Na colheita quando o milho estava duro, muitas vezes nem esperava ficar duro, para semente era colhido e amarrado em cima do fogo, para não se estragar e iria ser plantado em fevereiro para a safrinha, ou seja, só para semente, e depois ser plantado em alguns desses meses: agosto, setembro, outubro, novembro, que é o período de plantio. Levantavam cedo

para trabalhar na roça antes do sol nascer e quando o sol estava muito quente quase meio dia retornavam para sua casa, depois quando estava mais refrescante eles retornavam para a roça. Hoje o clima mudou quando é nove ou dez horas da manhã já temos que voltar porque é quente demais devido a mudança do clima no decorrer dos anos.

Segundo dona Rosa Rodrigues, antigamente as sementes eram guardadas em cabaças ou porongos e não eram vendidas ou trocadas, mas sim quando eles iam visitar uma outra família levavam as sementes para saber reconhece-las e por ser bem recebidas. Ela também diz que não era usado nem um tipo de adubo químico na plantação. Ela fala que por causa disso as sementes tradicionais também se perderam pelo uso desses adubos químicos.

Segundo seu Alcindo e dona Alicia já não existe *mbya etei* (Guarani verdadeiro). Hoje a grande parte dos Guarani vive como branco, isso quer dizer que já não podemos viver como antigamente, sem o contato, aí vamos adaptando algumas coisas de fora, por isso eles dizem que somos todos brancos porque eles viveram numa época diferente da nossa, sem influencia dos não índios, depois do contato perdemos muitas coisas, mas estamos lutando para manter viva a essência desses guardiões dos conhecimentos ancestrais.

Pelo relato dos entrevistados, o que se plantava mais era milho verdadeiro Guarani, batata doce, amendoim verdadeiro Guarani, melancia verdadeira Guarani, feijão de corda, cana, caninha conhecida como sorgo, aipim e abóbora.

Atualmente são plantados nessas aldeias: milho, aipim, amendoim, abóbora, batata doce, feijão, cana e caninha conhecida, melancia e melão todos tradicionais.

Grande parte das sementes é tradicional, mas também plantam sementes crioulas, milho híbrido para alimentas os animais, além disso, plantam feijão preto.

III CAPÍTULO

3. Agricultura e manutenção da cultura Guarani

3.1 Os desafios para a manutenção da cultura

De alguma maneira hoje devemos controlar o que vem de fora para não afetar diretamente a nossa produção, a nossa cultura. Começando com um diálogo entre a comunidade e as pessoas que trabalham com os indígenas na área da agricultura, por exemplo a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural/EPAGRI, que proporciona um olhar diferente, e não comparando com agricultores não indígenas. Sabendo que o Guarani preserva seu modo de ser e sua forma de cultivo tradicional, que vem se adequando e apropriando conforme algumas ferramentas que vem surgindo no passar do tempo, que isso não o prejudique futuramente.

Buscando novas possibilidades de cultivos que possam ser parecidas ou semelhantes aos dos Guaranis podendo ser adequar a ele. Para que isso aconteça é preciso buscar conhecimentos de fora de que seja favorável aos indígenas atendendo sua perspectiva. O maior desafio é encontrar pessoas dessa nova geração capacitadas e com disposição para isso tendo em vista que poucos se interessam em agricultura por ser um trabalho pesado e que muitas das vezes não trazem lucro nenhum para sua família, com uma visão capitalista que não pertence ao povo Guarani. Buscar trabalhar nas escolas indígenas sobre agricultura tradicional mostrando seus benefícios para a cultura com a presença de nossos anciões para continuar firme e forte porque o mundo Guarani está ligado sem divisões ou gavetas, aquelas criadas pelo *djurua kuery*. Também devemos preservar nossas sementes tradicionais não deixando misturar com sementes dos *djurua kuery*, por não ter esse cuidado muitas estão se perdendo.

Sabemos que existem várias sementes que são transgênicas, sementes geneticamente modificadas em laboratórios para resistir às pragas e doenças que também podem causar sérios danos a nossa semente tradicional e a saúde da comunidade caso ela seja trazida para as nossas roças.

3.2 Agricultura – um bem sagrado para o Guarani

Hoje nosso grande desafio para manter a cultura começa na opy (casa de reza) nossa primeira escola, ali onde começa nosso primeiro ensinamento das atividades que devemos desenvolver no decorrer de nossas vidas. Depois é fazer com que o conhecimento de fora não afete diretamente os conhecimentos Guarani, para não trocar suas práticas tradicionais pelas do não índio, mas sim saber usar em seu benefício. Questão do entendimento da nossa cultura tendo em vista que muitos adolescentes tem a dificuldade de entender os mais velhos, sabedora dos anciões também vem se desenvolvendo no decorrer do tempo para poder se comunicar com os mais novos numa linguagem que possam entender.

As mudanças dos nossos dia a dia com as tecnologias sendo cada vez mais utilizada dentro da aldeia entre outras coisas, o desafio maior manter a cultura dentro da nossa própria cultura hoje, hoje nos temos que cuidar a integração com os *djurua kuery* não indígena ele tem que se adaptar com a sociedade de fora, mas de um modo sábio para não se perder, mesmo tudo isso acontecendo nos dia atuais a língua as crenças ainda se matem, o Guarani é um estrategista ele consegue se livrar de qualquer coisa que possa afetar sua cultura, hoje em dia nos temos que viver meio a meio com os conhecimentos da sociedade não indígena.

Hoje nosso desafio é de ter os anciões dentro da aldeia e da nossa cultura, para manter o sustento da comunidade, temos um desafio para-nos mesmo para deparar com as armadilhas no mundo do não índio.

Por fim, resolvi colocar alguns depoimentos das pessoas que entrevistei a respeito das expectativas futuras em relação a comunidade e ao tema proposto aqui.

Yvy itui ymaeteverei, yvy itui ymã maramimã ndovyaporave'i ramo, oreyvy ymã ndoikotchevei merami, anhi'ete nhandoty tcheĩ komba'e hayĩ'i nhamopõ tcheĩ djadjerue etevidjevyramo opuã porã'idjumava'erãrima.

A nossa terra existe há bastante tempo, não esta mais feliz como antigamente, a nossa terra antiga já não quer mais viver parece, agora se a gente quer plantar de verdade as sementes pedimos ao nosso criador e ele vai fazer vim bem novamente.¹³

A preocupação do Karaí Wherá Tupã está relacionada inicialmente aos vícios que acometem os indígenas nas aldeias.

Ndadjaikuapotavei haỹ, aiporamigua'i voi ma mava'einda'u pedu va'erã idjayvu vamoĩ ragua'i ikatcho ague oapytchare oguereko va'ekue pedevy aguã rame aguepy, etavy oy'u apy.

¹³ ORTEGA, Alícia. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 30/08/2014.

Nem queremos mais saber agora, isso aqui quem vai poder falar para vocês escutarem a conversar dos avós que tenham guardado em seus ouvidos, podem passar para vocês, mais só querem saber de festar e beber como os não índios.¹⁴

Na sequência o Karaí nos ensina como faziam para realizar as plantações:

Onhoty'i aguakatu ay omogaraí py, onhoty'i aguãvi omboy yary py pavei ete'i, avatchi a'erami, nonhoty rivei omongaraí opyipy va'ekuema oeno'emavy ogueratavy yvypyma vy ogueroporaí omonhedui aekuerype odjerure otche porãã aguã pave tchandjau, tcho yary rykueipe ma tavy.

Para plantar era feito a o benzimento ou consagração. Todas as sementes eram molhadas no chá de cedro, não eram simplesmente plantas eram consagradas na opy e quando eram tiradas desse chá e levadas para o plantio eram realizados cantos pedindo para o grande ser criador olhar todas as sementes para vingarem bem melancia, só que molhavam no chá de cedro.¹⁵

Consta nos anexos as fotos tiradas durante todo o processo da pesquisa, assim como as entrevistas realizadas com as pessoas citadas neste trabalho em Língua Guarani.

¹⁴ WHERÁTUPÃ, Alcindo Moreira. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Yyynn Morti Wherá, Biguaçu, SC, em 27/10/2014.

¹⁵ WHERÁ TUPÃ, Alcindo Moreira. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Yyynn Morti Wherá, Biguaçu, SC, em 27/10/2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento dos dados de agricultura Guarani servirá de material didático ou uma pesquisa escrita para as futuras gerações de nossa aldeia e as demais aldeias. Também para que outras pessoas não indígenas possam ter um pouco desse conhecimento dos Guarani, contribuindo para que os nossos conhecimentos nunca se apaguem e estejam registrados no papel e também viva na oralidade, dessa forma está sendo plantada uma semente onde futuramente vamos poder colher bons frutos, ou seja, nossos jovens se espelharam em nossas pesquisas para poderem fazer outro muito melhor.

De alguma maneira esse trabalho vai fazer com que as pessoas possam nos olhar de maneira diferente sem aquele preconceito de muita terra pra pouco índio e ver que nós indígenas temos a nossa cultura, o modo de ser e de viver dentro das aldeias mesmo estando e vivendo perto das cidades que o indígena muitas vezes está em uma área que não é apropriada para o plantio e para sua subsistência.

Que dessa forma este trabalho proporcione outros estudos que de alguma maneira poderá contribuir para as comunidades que não tenham seu território demarcado e apropriado para poder praticar sua cultura consigam garantir futuramente. Da mesma maneira possamos fortalecer nossos costumes e mostrar que ele permanece vivo dentro de cada um de nós Guarani.

REFERÊNCIAS

- DARELLA, Maria Dorothea Post. **Ore Roipota Yvy Porã “Nós Queremos Terra Boa” Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina Brasil.SP:2004.**Tese de Doutorado programa de estudos Pós-Graduação em ciência sociais PUC/SP.
- DE GEORGE, Iozodara Telma Branca. **Conhecimentos (Etno) matemáticos de professores Guarani do Paraná.** Curitiba,2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Em Matemática da UFPR.
- IEPE. **Alguns conhecimentos sobre agricultura.** Programa Wajãpi: IEPE, 2007.
- LADEIRA, Maria Inês; FELIPIM, Adriana. **Teko Mbaraetera – fortalecendo nosso verdadeiro modo de ser.** Centro de Trabalho Indigenista/ União Européia: Horizont 3000, 2005.
- MDA/ Ministério de Desenvolvimento Agrário. **Documento em defesa da agrobiodiversidade Guarani.** Associação Rondon Brasil, 2007.
- MEDEIROS, Jean Carlos de Andrade; DARELLA, Maria Dorothea Post. *Manejo e Conservação da Agrobiodiversidade pelos índios Guarani mbyá.* In: BOEF, Walter Simon de... [et al.]: Tradução de Juliana Vitória Bittencourt e Gustavo Rinaldi Althoff; Maria José Guazzelli e Andréa Lúcia Paiva Padrão (org). **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário.** Porto Alegre/ RS: L&PM, 2007. Pp.252-261.
- MÜLLER, J. M.; LOVATO, P. E.; MUSSOI, E. M. **Do Tradicional ao Agroecológico: as veredas das transições (o caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/SC.** Fala de um agricultor, *51 anos*) S/d. p.103.
- ROSA, Helena Alpini Rosa. **A Trajetória histórica da presença da escola na comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC / Florianópolis/ SC: 2009.
- SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

ANEXOS

ANEXO 01

ENTREVISTA COM ROSA RODRIGUES (Em Guarani)

Com a colaboração de Nadir Moreira Amorim

Nome: Rosa Rodrigues

Nome Guarani: Pará Yvá

Idade: 75 anos

Nome: Nadir Moreira Amorim

Idade: 58 anos

Local da entrevista: Casa da Adriana Moreira em M'Biguaçu

Dia 30 de Agosto, de 2014, às 9:00 horas

Eu: Aporandu aguã a'etu adju, maety regua mba'e tchatu nhaneramo kuery ymã omaety okuapy, aỹguáma aboa'e irami omaety?

ROSA: hayma amobeuta reikua tcheramo ymã nhade kuery oiko ypy ypyve, nhande ypy kuery, ymã roiko djave djave ma petcha julho, agosto, setembro e outubro dja'earami onhoty ma okuapy, ronhoty oiko porã aguã ma petcha, avatchi ete'i mbya avatchiko nhambodjeroviava'e nhaderu kuery nharomaedua oiko porã aguã, aerami ronhoty tavy koera ronhoty tavy romoatatchiuka upe mbudjapei rami opy, a'e rami ae mba'eve ndojavykyi vitcho vitchoi ndodjavykyi oiko porã aguã, haegui haĩ ramo há'erami vae haĩ mbairamo mbytaidju rodjapo opy redju romoatatchin ukadju, há'erami vireidju yma orekuai karambo'e, tchandjau há'erami tchandjau omoatatchiaviae dja'u aguã, há'eramo oiko porã riae, tchandjau oikovi aetu mbya tchandjau tchandjau etei, aykatu ndoikovei, avatchi há'erami irundy regua, mboapy regua oiko, avatchi ponhyĩ (**nadir: avatchi mirim pe avatchi ponhyi pe he'ia**) yvygui guive guive'i ary porã, ha'e renguatu três mês py nha nhoty aguepy ma dja'u, ha'egui oiko va'e avatchi mintã he'i va'e, há'e vyma yvate veima há'ema quatro mês, oikovi cinco mês há'emavy yvate va'e mboapy regua py oiko. Aỹtu ndaipovei okanhymbatu avatchĩ voi tchandjau avi. (**nadir: komanda yma ramo nha nekomandai mavaetu rakae?**) ha'eko komanda embo'i va'e, embo puku'i va'ema komanda tcha'ĩ, komanda rope puku ha'e nha namba'e'i (**nadir: ha'e va'e peteĩ regua'i terã mokoĩ regua**) peteĩ, mokoĩ reguatu ae oiko (**nadir: ha'evyma ndadjaetchavei**) ndadjaetchavei va'e, Djety há'erami vae (**nadir: djety mbya djety'i djareko va'ekue teĩ ayma ndadjarekovei**) tche'e ndaetchavei mbya djety aỹ, (**nadir: ndadjaetchavei ete. ha'e ramo yma ramo mbaetchatu onhenhoty, foice ramingua odjeporu, mbaetchakatu odjererotcha?**) ymako macete odjounhokuapy, Paraguai kuerygui, aramiguai py okopi'i, pero yma ndadjai ete'i vaetu, nhandoty, djapypairamo há'eramo ndadjai nhandoty. (**nadir: há'eramo kovae muã ramigua migua nomoiai**)

raka'e?) anyĩ muã ramigua nomoãaetu, (**nadir: ayma oikotcheramo nhamoiramo djurua muã kuery adubo ramingua**) há'erami kautcha guive okanhymba nhande avatchi mbya ete avatchi.

Eu: avakue anhoinha onhoty terã kunhague guive onhoty? **Rosa:** Kunhague guive avakue onhoty okopi macete oguereko ae, macete rivetavy, facão djaea, há'e vaepy okopi, oity yvyra atcha oguereko vae yma guive, aerami onhoty avakue kunhague ndjoapypa petcha omaety há'erami (**nadir: ayma ndjipoveima anheteramo onhoty rive ramo ikuai**) aerami.

Eu: petcha onhenhoty ve ramo avatchi, djety, tchandjau há'egui komanda avi terã manduvi ramiguavi? Manduvi mbya mba'e ete'i ramo oikovi va'e.

Eu: há'egui petcha onhoty ava nha djatchy pyau? Djatchy onhepytu djave.

Eu: opamba'e nha nhoty aguã? Opamba'e ,djatchy onhepytu djave tchandjau...

Eu: petcha pekambia va'e avatchi rayĩ, komanda ramigua (**nadir: nhamoekovia djurua kueryma nhavende ia djareko djaearamo terã nhadedjeupe ra'ĩ?**) Rosa: ymako novendei ae ,oredjeupe ra'ĩ aguã, nhande djeupe ra'ĩ aepy yma.

Eu: aỹ nhaneretarã ovaeramopetcha odjerure ramo, terã okambia aguã há'erami pedjapova'e avi yma terã anyĩ, Rosa: anyĩ aetu.

Eu: aỹ reinhia petcha amongue omongarai oĩ ramo, amboa'e tekoa gui ouramo avatchi ogueru avi, komanda ogueru petcha okambia aguã. (**nadir: nhanekyri'i djave nhame'e rive'i aepy, nanhakabiai aetu nhame'e rive'i.**)

Rosa: Ymako novendei nokambiai ave pero odjopou tekoa mboaepy oetchakua'avu ome'e há'erami tenko, yma ovende va'e'ỹ (**nadir: ha'erami ramo oiko pora'ĩ.**) ee há'erami.

Eu: dificuldade regua ay reinhia nhande yvy djurua kuery odemarcas gua'u, ay nhamaety aguã petcha hatchy rei amoguepy, ymatu há'erami eỹdju, omaety tche apy aevere'i.

Rosa: ymako há'erami eỹ ae, mbya kuery voipy omaety aguã py imaendu'a (**nadir: ha'eteve**) há'eramipy omaety aguã ovaeta ramo vé, okopi pota há'epy okuapy ymã (**nadir: ha'erami aetu anhete, nĩdatchykuei há'erami yma guare guare'i**), ayntu nãaerami guãrama nopensa vei avakue'i voi (**nadir: etcharai pama eama**) etcharai pama eteavi.

(**nadir: nuga onhenhoty intcharapy eỹdju py karamboae, Yvyra rakuapy há'erami aepy**) Yvyra rakuapy aepy onhoty.

Eu: mba'etchaguatu ay pevei nha oikovy, nhaneramoĩ kuery oedja va'ekuenhia maenty ndjaiporu, ay py amboa'eirami, djurua kuerygui reko djaiporu há'egui há'e kuery avatchi guive nha nhoty, há'evyva oivae petcha família'i nhaneramoĩ kuery ombo'earami petcha odjapo omaenty avatchi ete'i ,djety, mandio guive, maduvi aỹ peve nha oikoteri, terã anỹ amboaeirami.

Rosa: djura kuerey pa há'erami, mbya kuery ma amogueiko aỹ, amogue'i aetu dja ndaipovei aetu aygui. (**nadir: ymã guare guare'i teri dja kopiteri nhandengua'u**), ndaipo eteveima aetavy,

Eu: ay peve nhambodjerovia pe avatchi rayĩ, há'e okanhy mbaetchakatu?

Rosa: ay peve dja'e, okanhy ramo, ndjadjetchavai ndja opama ha'erami, **(nadir: anhete povae, h'ekuery oikuapy)**, nhanderu kuery ogueru va'ekue aepy avatchi'i ha'erengua, nhandoty va'erã era'ĩ mbya kuery, oedja vaekue'i apy djareko vaekue ymã **(nadir: nhaderetcharai pama dja ogueraa pa'idju dja'e)** oguera'a padjuma ndjadjetchavaita ha'erami.

Eu: ha'eramo aetu petcha amogue onhoty kyrigue'i pe otchauka aguãinhia? **Rosa:** ee ha'e aguã kyrigueipe otchauka aguã **(nadir: nhe'e pyau'i kuerype otchauka aguã rima)**, kyrigue'i nha nhandoty va'ekue'i reipe ov'y'a ea ymãve tudja kueue, **(nadir: anhete aeko)**, gua'ỹ kuery ov'y'a aguã omaety kuapy mbororu kuery he'i ymã. **(nadir: ayma mbororu kuery dja etcharaipa mborotchy dja etcharaipa, ov'y'a tche'i teima okuapy, ha'ekuery omaety va'ekueiramo oetcha'i ramo kuapy ov'y'a ha'eramo tenko, aiporami ha'e paiteĩ, tche arandu pere-pere).**

Eu: mbya kueryma amboae'irami onhoty, petcha omaety aguã odjerure pai guau onhoty ey mbove, ha'egui onhotyarupi odjerure, **(nadir: ogueroporai, oguerodjerodjy dja'e).**

Rosa: ha'erami vyaetu onhoty aguã oo opyre omoatanchĩ, nhanderupe omobe'u iporã aguã oiko pora'ĩ aguã avatchi, tchandjau, djety aerengua onhotyarupi omobe'u dja'e nhaderupe.

Eu: mbaetchaguapytu omoĩ porã karamboae petcha onhoty va'ekue kue?

Rosa: hyakua'ipy aetu onhonha, **(nadir: nhane ankãtu hyakua'i ramiaetu)**, hyakua'iapy avatchi ray'ĩ onhonha, ha'erami eyntu oupi tata'ary ha'erami naitchĩvaa'ĩpy, avatchirã oupitama voiva'e djatchy onhepytu djave va'e omboi.

Eu: aỹ ndja amboae pairamõ py! **Rosa:** amboae pa aetu ay, **(nadir: aỹ ndaevei ete veima anhete aetu).**

Eu: petcha a nhe interessa petcha djurua kuerype amobe'u aguã mbaetchakatu ymã mbya kuery onhoty kuapy, ay peve oikoiteri petcha oma'ety gua'u. **(nadir: tudjakuevitavy ikuai'i).**

Eu: comparação djadjapo avarami, ay yvy kyri'ive tenko, petcha yma guare kuery oguata, onhoty um ano dois anos três anos opyta, ha'erire oetchadjuma aetu.

Rosa: ha'erami aetu ymã raka'e, pero nhanderu kuery nhe'erupi tenko ha'erimi, nhanderu kuery, ha'epydju tereo emaety h'eramo tenko oo, oo virive va'eỹapy **(nadir: ha'eramo oatcha odje'oi, ndopytai dja'e)**. **Eu:** tchetu oo rivepy. **Rosa:** oo rive va'eỹ aetu ha'erami aetu, nhanderuko, kuerypy tereo ha'epydju ema'ety epyta ha'erami oo, ha'ekuepydju oo ha'erami tenko ndopytai, **(nadir: ha'eramipe ae ndopyta kuai)**, aykatu ndadjaikuaveimapy, nhanderu ayvu nanhaeduvei, **(nadir: nĩra'ykuei anheteramo)**, tcho djaikotema, **(nadir: , festa rupirivema djaiko dja opama, djipoima)**, ha'erami mamõ dja'avy djavyata ha'eramia rivema, **(nadir: nĩ ko nhanembouarere nanha pensavei nanhanemaeduaveima dja opama ha'eramiguapy ma ate maety'i voi ma opaima vy oguera'a pama ndopaiteringa'u)**, ndopai ae oguera'a.

ANEXO 02

ENTREVISTA COM ALÍCIA ORTEGA (Em Guarani)

Com a colaboração de Nadir Moreira Amorim

Nome: Alicia Ortega

Nome Guarani: keretchu

Idade: 88 anos

Local da entrevista: Aldeia Mymba Roka, casa da senhora Alicia

Data: 07 de setembro de 2014, às 13:00.

Alicia: Tche ndatcheayvukuai mbyaipyaema. Eu: mbya ipy tei ha'eve.

Eu: ay aporanduta mbaetchagua-tchaguatu petcha ymave onhenhoty raka'e, petcha mbya kuery onhotyve raka'e?

Alicia: mbyakueiryko onhoty djetymatavy onhotyveva'e raka'e, djetyavi onhotyve'i mbya kueiry, ymave tcheramoĩ, nhaneramoĩ djypy ndaikuaiveimapa ydjayvuague tchee, koo mbyte pydju, nhaneramoĩ djevy raykueiryra araykueidjevyma anhõimapy tcheaikuai'ioioĩ rimadja'e, avatchima mbya avatchima, paraguai ayvupy nhanaenoĩ avati eima Paraguai, ha'eramo nhande kuery avatchi dja'evi, mbae ha'ĩ ymavegua'i, mbae ha'ĩ, avatchi nhaeno'ia pe mbae ha'ĩ, tche kokuei amopoaitama tche kokueipy, tche kokueima nhande djurua kuerymamorive rotcharo dja'e, tchekokue'i dja'eramo, tche kokue, (**nadir: porañã nhande ayvu etei**), nhande ayvu ete'i mbya ayvu ete'i, kokuei dja'e nhane mbaety, mbaetyĩ dja'eavidja'e nhandotyai, avatchi pekatu mba'e hai'ĩ **haviaevyteĩvy**, nhaenoĩ amboa'eirupi oenoĩaikatu, avatchi yvyi'ĩavikatu, avatchi yvyi'ĩma yvyi'ĩve'ipe, ha'egui yvateve'i oikoivi, ha'epema avatchi para'i he'i, avatchi para'i he'idju mbya ete'i avatchi para'i, iparapaidjudja'eva'e, avatchi yvyi'ĩ yvateve'ima iparaidjuvy, ha'ema mokoĩ ma amobe'u, ha'egui avatchi tchĩ mboapyã, eryma tche ndaikuaivei avatchi tchipe.nhande kuery avatchi djaetemara'e, Djuruapairagaria'e. avatchi tchĩ ma ha'evyma yvatemala yvateve reguadjuma ha'e. há'e opaima amobeu, ha'egui nhade kokue'ipy djaraa'i mbae ha'ĩ nhandotyaguã he'i, nhande kokueipy mba'e ray'ĩ djara'i, nhandoty heiguã ogueraa'idjuma, Yvyra rakuapydjuma onhoty'ĩ, odjapoidju Yvyra omboakuapy'i ha'evypy onhoty'i avatchi, onhoty yvy'ĩ regua, avatchi para'i, Yvyra raku'ipyma ymãveguai omaety raka'e, tchee anhoty'inhokaramboa'e tche kunhataĩ djave Yvyra rakuapy avatchi anhoty'ĩ karamboa'e, a'ytu nandotykuavei ha'vi, ha'evyma amobeuvi.

Eu: Petcha ymãguania kunhague guivenã onhoty avakue'avi?

Alicia: E kunhagueikatu roma'etyvydja'e, kunhague'i oma'etyavi dja'e ha'egui avakue'i oma'ety'i havi Yvyra rakuapy, yvyra raguapy tcheanhotyĩ karamboae tchekunhataĩdjave.

Eu: aỹ reĩnhia oĩ petcha onhenhoty aguã petcha djatchy onhepytu djavea'e nĩa ymagua enhenhotỹ raka'e?

Alicia: ee ymaguakatu onhepytu'i oãro avy , onhepytu'i djave nhanhotỹ nhamo'e mbyppy'i mbae haĩ'i katu karamboa'e yma vegua, yma vegua mbytekue, ndadjaetchaveimapy ymavegua mbytekue houva'e Paraguai gui houvaekuei omanõ mbaidju va'erã porami idjayvu karãaendurã, tche kunhataĩ ndaikuapotaragai haikotamarive.

Eu: petcha oma'ety mba rire petcha idjapedjupamavy, (nadir: amanĩa omaetymba ha'egui edjaedjuparamo djatchy onhepyturĩdjuavi?)

Alicia: Ee onhepytui dja omotchamba'i, avatchiraĩ omotchaĩ omoapytaĩ, omoapytaĩ dja'edjuma ha'e avatchi onhemotchaĩape onhepytuiteavia'e omotchamba'i, ha'egui onhepytuĩ onhenhotỹ aguãdjuma ha'e.

Eu: ha'egui petcha kokuerã odjapo aguã mbaetchatu ha'e ekuery oikuavy odjou aguã?

Alicia: mba'e ndjurua yma'i marandau oikoia'evi raka'e há'epema, djurua ymãveiva'e, yvy oiko'i ypy djave, oiko'iva'e raka'e djurua ymã ha'eguimatavy odjou raka'e tembiporu'i, tembiporuraĩ, tembiporu'i dja'edjuma aỹrevetu tche tembiporu macete vaikueipe, tembiporuia'etu ha'e, poitche vaikue'i oikovu, djurua ymaĩ ha'etu odjou'i raka'e dja'e, nhande ypyiavia'etu raka'e, nhande ypy'i ramo djurua yma'i brasilerote'ete'i oiko'i nhanderamigua'i yporiaukuere'i, aguimatavy odjou'i raka'e, ha'egui ka'aguyrei ikuidje, itagui marae atcharãi oguereko raka'e itagui guama he'a raka'e ha'e anhieteteverãdau, ha'e aedu pere-perevaitcha karamboa'e há'e vaekue'i nhoma tchee aikua'i. Opai ha'ema, mboapyi amobeu irundyi amobeu, idjapedjupa'i ramo nha motchãĩ aguã nhamogaraiuka aguãrevema nhamboi dja'e, opy dju nhamogaraiuka aguãreve idjapedju'ive nhamboi dja'e, va'ekue ymavitavy, ymã nhande ypy kuery ha'erami nhande ypyrai'i va'ekue, aỹtu ndadjaikuavei, mbya djipoveiavi djurua memeia'etu ikuai paveĩ.

Eu: ymã nĩa petcha avatchi rayĩ okambia'avi amboa'e kuery reve terã petcha oma'ety mba rire omoĩ porã, ha'egui ho'u aguã rive nĩa terã okambia aguã ha'ekuery oguerekoavi petcha amboa'ekueryeve?

Alicia: okambia va'erampa'ere anyĩ, nhogatupa'i moinỹ nhanemba'eirea'e nhahogatupa'idju imoinỹi.

Eu: mbaeretu ay okanhymbareivavy petcha mbya ete'i avatchi petcha okanỹ mba aetu?

Alicia: okanỹmba'ete ,djurua avatchi pema oenoĩ tupi (nadir: mba'ere okanỹ itenko, mbaeretu okanỹmba'i) mba'e, avatchi (**nadir: nhande avatchi ete'i**) aa yvy itui ymaeteverei , yvy itui ymã maramimã ndovyaporavei ramo, oreyvy ymã ndoikotchevei merami, anhiete nhanhoty tcheĩ kombae hayĩ'i nhamopoã tcheĩ djadjerue etevidjevyramo opuã porãidjumava'erãrima, nhaderu tupã raype aetu djadjerure ha'ema yvy'ire oiko va'ekue'i vypy'e, tupã ray'iko yvyre odjau'i pytãĩ va'ekue'idje djadjerure'i ha'epe iporã aguãĩ nhanembae'i nhanhoty va'ekue'i, yvy naiporave'i yvy ymã etereivyma ndovyaporaveima dja'e, nhanderu kueryma yvy potyrã nhaderu ayvuma yvypotyřã,

tchera'y apyre'i ambodjekuainhodjura'e vyypotyra he'imadje nhaderu, idjyvytenode va'ekue'i aetu edjayva'evi , opaima tcheayvu tcheremiarirõ tcherekoteveiramoma amobeui ovaremavya'e (**nadir: takuaty odjou kokuerãi rupaã rama mba'etcharãvoi oguerotchai aguã terã foitche terã maceteapy ymã ramo oporu raka'e**) mba'eradau ndaikuaveimavy há'e tchee ainỹ macete'eima marada'u oiporu raka'e, marã mbytekue'i ko nhaneramoõ djevy opava'erã kuery macetepya'i okopi karamboa'e okopi poitche ndoguerekoiae macetepyryve'i okopikuapya'e vaekuerikatu nhaneramoõ djevy'i, nhaneramoõ djypy ndaikuavei. **Eu:** ha'evete remobeu'ima djaa'eve. **Alicia:** ha'e'ima amobeu'i aikua'ivyma amobeu'i tcheremiariroõ. **Eu:** ha'evete tchedjary'i petcha avyavaipavy petcha ayvu'i tchevype remboatchavi ha'egui petcha kyriguepe ambo'e djave aikua'i aguãavi. **Alicia:** ha'evекatu rembo'e rekuadjuma aguã, mboapy irundy'idjuma nhandeayvu ayvu avalema, avalemavya'e ndevypema porami tcheayvu ovalepama. **Eu:** ha'evete! **Alicia:** Ha'evete.

ANEXO 03

ENTREVISTA COM ALCINDO MOREIRA WHERA TUPÃ (Em Guarani)

Idade: 106 Anos

Local: Casa do Senhor Alcindo Moreira Wherá Tupã, Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, SC.

Data: 27 de outubro de 2014, às 09:45.

Colaboração de Wanderley Cadoso Moreira

Wandelei : ymã vague onhoty ve raka'e mba'etchagua minty onhoty ve raka'e?

Wherá tupã: Ha'e va'e ore kuery nhaneramoĩ onhotyve raka'e ro'uiva'erã raka'e , onhotyve aỹ peve nomokanhyĩ , aykatu romokanhy mbama ndjipoveima, ore kuery ma ronhoty vema manduvi, manduvi onhoty ha'e avatchi ku'i reve oityru, ha'e manduvi rykueipy djevy koo ka'aguyrupe otchiguaĩ rykueipe omona kuapy,he'e ymatavy ndjuky ndjipoi, avatchi, koo manduvi onhotyve, oguereko ve hay kova'e o'orami oguereko pave'i pave'i pavetekatu tata pytuare omoĩ ipiru aguã, aetu ko'ema ovyramo, yvyraidja otchapukaidjuma, manduvi reve ho'ui, ndjipoi ayvu vai.

Wanderley: ha'e kueryma petcha onhoty aguã

Where tupã: onhoty'i aguakatu ay omogarai py, onhoty'i aguãvi omboy yary py pavei ete'i, avatchi a'erami, nonhoty rivei omongarai opyipy va'ekuema oeno'emavy ogueratavy yvypyma vy ogueroporai omonhedui aekuerype odjerure otche porã aguã pave tchandjau, tcho yary rykueipe ma tavy, nhande ryrupe koirupiguai omony'e'i vaekue djoegua ey ey'i, ha'egui djevykatu ay nhande kue'iry ay avatchi'i ha'e kuery mba'eratu djurua mba'era raga'ey nhande ma nhabo'ete vei aguarami ey, aykatu opama ndjipoveima mamó tatapy'i , amogue oguereko guau'i tavy, ndoguera riveima yvy, ytavy petei reve ey pave tchiu, ko ndedjatchipe raminguai omoĩ akykuemavy tcharyi kuei odjaty djeoi, djatchyre oi oi ey imavy, ae kuri arymavy haĩ mbaramo ndoui reve'iramo rotchapukai guerovya, ha'e roguerotchapuka'i imbovare otchapukai, ay eta va'ekuery djurua kuery opitaiva'ema avatchi omogarai he'ia nda'etchai a'edjepe poramiguapy tchevy oetchauka a'erakatu opita'i djurua kuery ha'evey arami avatchi haĩ omobo yvaterami ae nda'etchai a'etu tcheretchapy etei nda'etchai a'edjepe, nhande kue'iry amboa'eirami nhande kue'iry,

Wanderlei: avatchi ogueruvy mbaetchatu onhogatu anhia avatchi petcha ko nhatchi mbiru pamarire mbaetchakatu odjapo raka'e,

Wherá tupã: ha'e vama inhati mbiru ramama kyrigue'i anhete avi idjayvuavi ndopokorivei koo inhati'iovyramo claro que kyriquerami avipy, kuri inhati mbiruovyma rako a'ekueryma idja imbovare oguera'a pama, inhati mbiruma pedjeramo aygui rei aiporami inhati mbiru petcharamo mba'etcha katu anyĩ imbovare oguera padjuma, oemogoviadju ko yvyre tekoatchi djaikoiramo dja pyta

avarami, ha'e idjypy oguera'a ko ipoty oguerava'e ha'evama perfumerã aekuery oguera'a, yva'epy avatchi ipotyma heakua porã idja oguera'a eỹ mbove, nhande kueiramo ay nhanhambo'etevei

Wanderley: mbaetchatu tcheramoĩ rangue'i aetcha karambo'ae avatchi omboivy omotchaĩ

mba'erãtu ha'e omotchaĩ,

Wherá Tupã: ha'e vyma idjypy'i idjapedjupa'i ramo dja omoapytama omotchã redai ipiru'i aguã, ha'e va'ekuedjuma yvy re onhoty'i aỹ djurua kueryrami haĩ rã irudju idjypy idjapedjukatu antigo veio dja omotcha reda'i, noaroĩ idjapedjupa'i, ha'e omotcha ypy idjaedjupa , ay reinhi'a fevereiro heia yroy idjypy onhoty, haĩ ra'i ekovia dja'e .

ay dje avatchi pe avatchi djareko djurua kuery mba'erã eỹ, ha'e kuery nhandevy obodjerá va'ekue, aykatu nhande djurua pamavy, anheteavi etarami meme nhande kuai.

wandelej: nhande kuery ndadjaikuapotai avi mberapa

wherá tupã: ndadjaikuapotavei haỹ, aiporamigua'i voi ma mava'einda'u pedu va'erã idjayvu vamoĩ rague'i ikatcho ague oapytchare oguereko va'ekue pedevy aguã rame aguepy, etavy oy'u apy

Eu: mba'etchaguapy okopi aguã ha'e kuey oporu djepi?

Wanderley: o ymagua petcha , ymaramo macete reigua ndaipoĩ mbaetchaguapy

Wherá tupã: yvyra raĩbeipy, ita raĩbe'i , ita ikytche poraipy , itavy yvyrá ty hya'ĩ , takua ty'iapy oinupã omonhetchuitchui, kova'e arã guydje onhoty rire omoegovia, oguero va'ekue, djadjetchavai ore rodjetchavai va'ekue rima, djety rodjo'oi aguãtu ita rakua ipy

Wanderley: mba'etchatu oka'api avy?

Wherã tupã : anỹko rotcharo ipyauĩ katu ndjai va'ey ,**Rosa Poty Dja** yvy ratã heỹ iramo va'e rotcharo pyauĩ, ava'etu omodoro doro'ĩ nhande kua porã ha'eregua nhamodoró.

Wherá tupã: ayma etarami meme tenko.

ANEXO 04

FOTOS DE LAVOURAS AGRICULTURA EM GERAL
PESSOAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A PESQUISA



















**AGRICULTURA,
MEIO AMBIENTE E
TERRITORIALIDADE**

**ETNOTERRITORIALIDADE E A
HOMOLOGAÇÃO DA TERRA
INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

JOÃO BATISTA GONÇALVES

**Etnoterritorialidade e a homologação da Terra Indígena Morro dos
Cavalos**

FLORIANÓPOLIS-SC
Fevereiro de 2015

JOÃO BATISTA GONÇALVES

**Etnoterritorialidade e a homologação da Terra Indígena Morro dos
Cavalos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Santa Catarina, como
parte das exigências para obtenção de Licenciado
no Curso Licenciatura Intercultural Indígena do
Sul da Mata Atlântica.

Orientador: Prof. Msc. João Rivelino Rezende Barreto.

FLORIANÓPOLIS-SC
Fevereiro de 2015

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 09 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 09 horas do dia 09 de fevereiro de 2015, na **Terra Indígena Morro dos Cavalos**, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador, **João Rivelino Rezende Barreto**, Titular da Banca, **Maria Dorothea Post Darella**, e, **Helena Alpini**, Suplente, designados pela **Portaria n°.24/HST/2015**, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o **Trabalho de Conclusão de Curso** do acadêmico **João Batista Gonçalves**, subordinado ao título: **Etnoterritorialidade e a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Orientador, **João Rivelino Rezende Barreto**, a nota final **9,0**, da professora **Maria Dorothea Post Darella**, a nota final **9,0**, e da professora, **Helena Alpini**, a nota final **9,0**; sendo aprovado com a nota final **9,0**. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Terra Indígena Morro dos Cavalos, 09 de Fevereiro de 2015

Banca Examinadora:
 Prof. *João Rivelino Rezende Barreto*
 Profa. *Helena Alpini*
 Profa. *Maria Dorothea Post Darella*
 Candidato *João Batista Gonçalves*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) João Batista Gonçalves, matrícula n.º11100064, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Enoterritorialidade e a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta azul sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

Aos meus filhos e esposa Luciana Moreira (in memória)

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por me dar a força para continuar no curso, mesmo depois do falecimento da minha esposa de quem jamais esquecerei; em segundo lugar aos meus filhos, Adilson César Gonçalves e Yasmin Moreira Gonçalves, que sempre me deram forças para continuar estudando.

Minha sogra Sônia Moreira e sua filha Marcelina Moreira que assumiram o papel de mãe para minha filha depois do falecimento da minha esposa.

Ao Senhor Alcindo Wherá Tupã Moreira, que sempre me deu assistência na cura, uma vez que é reconhecido como um grande líder espiritual e todas as pessoas que o acompanham na aldeia M'biguaçu.

À cacique da comunidade senhora Eunice Antunes Kerexu, que sempre me deu apoio e tem confiança no meu trabalho.

Aos moradores da aldeia Morro dos Cavalos e parceiros da luta pela causa indígena na região, Maria Dorothea, Helena Alpini, Ana Luzia, Clovis, Osmarina, Maria Inês Ladeira, Clarissa Mello, FUNAI, CIMI e a todos meus colegas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Ao professor Lucas Reis Bueno, e toda a equipe de Coordenação da Licenciatura Indígena, Ariana, Murilo, Juliana.

Ao professor João Rivelino Rezende Barreto, que me orientou e ajudou no que foi necessário na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por fim, a todos os guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos.

Lei é Lei e eu sou uma pessoa confiante, penso que quem está lá em cima tem que cumpri-la e nós devemos estar atentos para mostrar para eles que conhecemos a lei e exigir nossos direitos. Eu conversei com o ministro Tófolli e conheci o Zavaski, eles já me conhecem.

Cacique Eunice Kerexu

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como meta de reflexão a situação em que se encontra a Terra Indígena Morro dos Cavalos com a demora da homologação mesmo já tendo sido identificada no ano de 2002. A partir disso, se descrevem os valores culturais e a importância da terra para os guarani a partir do ponto de vista da aldeia *Itaty* Morro dos Cavalos. Contudo, pretende-se com isso apresentar a importância da homologação dessa terra demarcada para os guarani, ao mesmo tempo mostrando que a vida guarani não está apenas nas danças, pinturas, rituais, curas, mas também em conexão com a terra.

Palavras-Chave: Morro dos Cavalos, Terra Indígena, homologação.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1: Aldeia Itaty Morro dos Cavalos.

Foto 2: Fogo Sagrado

Foto 3: Escola *Itaty*

Foto 4: Casa de Reza

Foto 5: Atividade cultural na casa de reza

Palavras em Língua Guarani

Ita: pedra; *Ty*: monte/ bastante. *Itaty*: bastante pedras.

Itaty: bastante pedras

Opy'i: casa de reza

Kuaa: saber

Ra'y: filho

Mirĩ: pequeno

Tatá: fogo

Marae'y: sagrado

Kuaray Mirĩ: filho de sabedoria

Kuaray: Sol= filho do sol

Tatá marae'y: fogo sagrado

Mbo'e: Ensinar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - TERRA INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS	16
1.1 Construindo os dados e as unidades pessoais.....	17
1.2 Aldeia Itaty Morro dos Cavalos	20
1.3 Ações culturais na escola Itaty Morro dos Cavalos	24
1.4 Ações culturais na casa de reza (Opy).....	27
CAPÍTULO 2 – IMPASSES PARA A HOMOLOGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS.....	31
2.1 Alguns dados da identificação da Terra Indígena Morro dos Cavalos.....	32
2.2 Elementos que dificultam para o processo de homologação.....	34
2.3 Mídia e terra indígena Morro dos Cavalos.....	37
Considerações Finais.....	41
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	43
ANEXO.....	44

TERRA INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS



Fonte: google Earth

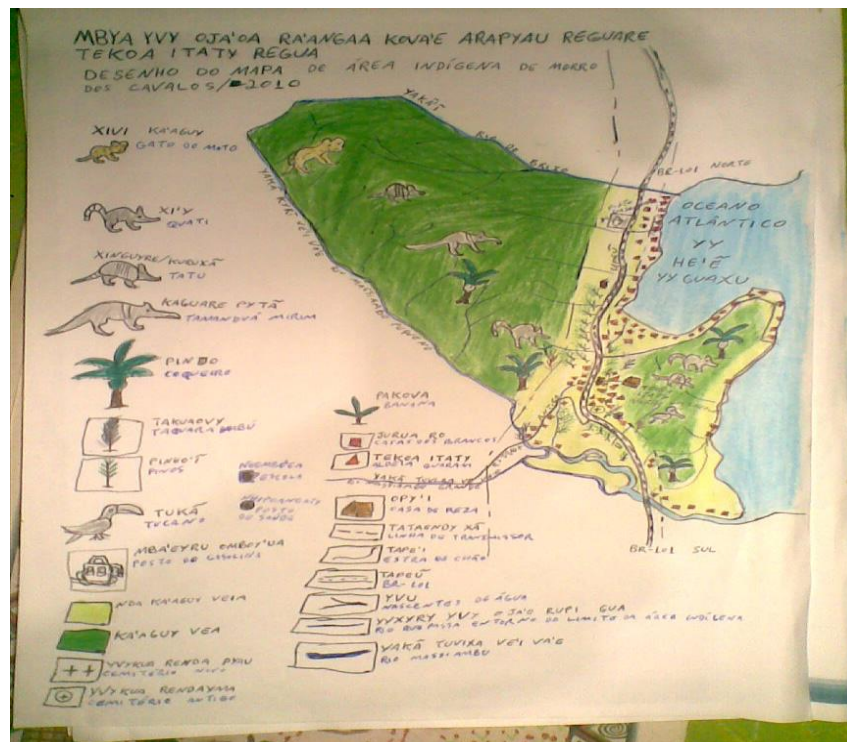


Ilustração de João Batista Gonçalves

INTRODUÇÃO

Apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso em um contexto acadêmico requer um esforço duplo para quem é indígena porque envolve o exercício da tradução de uma língua (guarani) para a outra (portuguesa). É essa experiência que pude obter no decorrer da produção textual a partir daquilo que se vive no contexto aldeão, das experiências profissionais na escola, bem como o Tempo Universidade.

Essa formação acadêmica possibilitou-me ter duas experiências em que transito, muitas vezes, sem mesmo notar: a experiência no espaço acadêmico e a experiência reflexiva sob a cultura onde vivo ou sobre a realidade em que me encontro, onde temos desafios no dia a dia como guarani.

Creio que esse trabalho não aborda a temática em sua generalidade, muito menos quer esgotar o assunto em tela, mas o que apresento aqui é uma leitura de uma ótica guarani, ao mesmo tempo em que se procura questionar o porquê de tanta demora da homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos.

Vários são os fatores que impedem para que a homologação se concretize na Terra Indígena Morro dos Cavalos, até mesmo o próprio modo de compreender a realidade para cultura indígena por parte de quem não é indígena torna-se obstáculos. Isso porque muitas pessoas que não são indígenas e que porventura seus ancestrais chegaram um dia nessas terras, hoje Estado de Santa Catarina, Brasil, interpretam de forma preconceituosa, justamente porque não conhecem os valores culturais indígenas em seus respectivos aspectos.

Diante desse parâmetro é que no Capítulo I procuro apresentar os valores culturais vivenciados e desenvolvidos na Aldeia *Itaty* Morro dos Cavalos, pois, nada melhor do que

começar descrevendo a história pensando minha própria trajetória de vida na aldeia, as atividades na escola, as atividades na casa de reza, a relação das famílias com a escola e vice-versa, enfim, aquilo que costuma estabelecer a vida na aldeia enquanto guarani.

Esse exercício proporciona o conhecimento do ser indígena sendo estabelecido no dia a dia na aldeia, o modo de pensar, compreender, viver, articular e dialogar. Ao mesmo tempo possibilita para que os próprios guarani entendam melhor sua própria história e costumes culturais que precisam ser repensadas no dia a dia frente a muitos desafios, entre as quais a própria questão envolvendo a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos. Em outras palavras, o que se entende é que a aldeia tem que estar fortalecida com seus próprios valores culturais, justamente para ter mecanismos que sustentem o porquê da importância de uma demarcação de terra indígena.

Esse exercício é justamente para entender que o fortalecimento interno de uma cultura local obviamente vai trazer um bom reflexo para o diálogo com o sistema governamental, mas só isso não basta para os indígenas, em certo momento, é necessário ter uma formação para entender melhor a regência da lei federal, especificamente a própria Constituição Federal de 1988, entre outras garantias. Por esta razão é que no caso o Capítulo II, mesmo que parcialmente, procura descrever o histórico envolvendo a demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, as atividades realizadas pelos especialistas, as pessoas envolvidas nesse propósito. Além disso, apresento também os conflitos existentes, como a própria mídia catarinense, enfim, as divergências que pairam no dia a dia seja em nível das mídias, das pessoas que moram dentro da terra indígena e que não são indígenas. Procuro apresentar o porquê de tanta demora para homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos.

Certamente, esse exercício acadêmico que resulta como Trabalho de Conclusão de Curso pode não ter grande relevância pela própria dificuldade que tive para desenvolvê-lo,

mas me sinto satisfeito por ter conseguido apresentar o que penso, entendo, vivo e o que os meus parentes também acreditam que seja o caminho para alternativas que condicionem melhores oportunidades em nossa aldeia. Essas oportunidades são justamente o contato com a escola, com as universidades. Mas entendendo que por esse motivo passamos a ser mais cobrados, a responsabilidade para a continuidade de uma cultura local passa a ser como parte do que aprendo na universidade em diálogo com a aldeia. Dessa forma, nossos líderes na aldeia passam a ter outra visão em relação a nós que estudamos, fazemos cursos, somos professores. Estou confiante de que, de certo modo, meu trabalho vai contribuir para outros parentes meus possam ter contato com o que produzi e a partir disso fortalecerem cada vez mais os nossos ideais no que envolve a cultura e o ser guarani. É importante para nós a vida da nossa cultura, e a vida da nossa cultura se inspira pelos valores da tradição guarani em conexão com a vida da natureza da terra.

Vale ressaltar ainda que foi muito difícil produzir esse trabalho, primeiro porque não tenho domínio na escrita técnica como exige as normas acadêmicas, segundo porque o nosso sistema de transmissão de conhecimento sempre foi oral, mas que agora começa a dar novos passos com a produção da escrita, seja em Língua Guarani ou em Língua Portuguesa. A princípio, não sabia por onde começar, como escrever, enfim, buscar dados que proporcionassem para o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso. Creio que tenho conseguido alcançar meus objetivos acadêmicos a partir do Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, ao mesmo tempo sinto que agora tenho mais mecanismos para continuar contribuindo na minha aldeia, bem como para fortalecer a discussão sobre a importância de continuarmos lutando para que em breve a nossa Terra Indígena Morro dos Cavalos possa finalmente ser homologada.

CAPÍTULO I - TERRA INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS

1.1 Construindo os dados e as unidades pessoais

Sou João Batista Gonçalves, em Língua Guarani meu nome é *Kuaray Mirĩ* (filho de sabedoria, *kuaa*= saber, *ra'y*= filho). Nasci na Terra Indígena de Ibirama SC¹, em 1972. Meu pai se chama Roberto Gonçalves, tem mais de noventa anos. Minha mãe Natalina da Silva faleceu quando eu tinha dois anos de idade.

Somos em sete irmãos, sendo cinco irmãos do primeiro casamento (dois homens e três mulheres), e dois irmãos do segundo casamento do pai e hoje meus irmãos moram em diferentes lugares/aldeias. Depois do falecimento da minha mãe, eu e meu pai mudamos para o Rio Grande do Sul, onde ele trabalhou na lavoura dos fazendeiros daquela região e assim encontrou condições financeiras para nos sustentar.

Fui criado por várias tias, só me lembro de um dia quando meu pai disse que naquele dia fiz sete (07) anos de idade. Desde então, ajudava meu pai no trabalho na lavoura, assim como aprendi a fazer artesanato com ele, através da observação. Aos 13 anos de idade eu já era independente, fazia artesanato e trabalhava na lavoura dos brancos. Foi assim que eu cresci e morei no Rio Grande do Sul até 27 anos de idade.

Em 2000, retornei para o Estado de Santa Catarina, precisamente para morar na Aldeia *Itaty*, Terra Indígena Morro dos Cavalos, Município de Palhoça - SC. Mas antes de vir morar em definitivo tinha vindo conhecer pessoalmente a Terra Indígena Morro dos Cavalos, fato que me fez gostar do lugar e projetar novos planos de vida, assim como passei também a estudar na escola da aldeia e meu interesse pelos estudos passaram a fazer parte dos meus planos profissionais. Isso mostra que o acesso escolar foi tardio, inclusive foi só no ano de

¹ Nome atual: Terra Indígena Ibirama LakLãnõ. Localização: Alto Vale do Itajaí/SC.

2000 que comecei a estudar pela primeira vez na Escola Indígena de Ensino Fundamental *Itaty* da aldeia, matriculando-me no Centro de Educação de Jovem e Adulto (CEJA). E ensino escolar era na Língua Portuguesa, isso envolvendo leitura e escrita, até então nunca tive aula na língua guarani; mesmo assim, aprendi a ler e escrever sozinho na língua guarani.

Mas, sou falante da Língua Guarani, e o desafio era como escrever tecnicamente, aliás, procurei ilustrar o que falava conforme a nossa verbalização linguística, sem muito me preocupar como se deve escrever com normas técnicas. Essa preocupação é mais da responsabilidade dos linguistas e pesquisadores, visando o lado mais técnico e científico. Nós Guarani, pelo contrário, não temos a preocupação com hábito de observação técnica sobre aquilo que nós falamos, assim entendemos que preservando a nossa língua estamos imortalizando uma língua tradicional de nosso povo que traz um caráter específico, enfim, a concretização de uma cultura chamada guarani.

Esse esforço foi muito importante, pois, ao mesmo tempo em que aprendia a ler e escrever em Língua Portuguesa me preocupava também em aprender a escrever em Língua Guarani. Enquanto aluno escrevendo em Língua Portuguesa, sentia muitos obstáculos, as ideias não vinham, parecia que a produção do meu texto não fluía. Em contrapartida, enquanto Guarani, ou melhor, escrevendo como guarani e em língua guarani sentia-me mais a vontade. E minha vontade de estudar era maior, fato que me possibilitou a prosseguir nos estudos completando o Ensino Fundamental e o ingresso ao Ensino Médio no Magistério.²

² O curso de Magistério foi criado para formar professores indígenas para lecionar da primeira à quarta série do ensino do fundamental pelo MEC e seus parceiros que firmaram em 2004, o Protocolo Guarani, que possibilitou a um professor a um professor iniciar o curso em Santa Catarina e concluí-lo no Espírito Santo, e foi assegurada pelas secretarias de educação dos cinco estados que integraram o protocolo. O curso foi até 2008, e foi realizado em parceria com a Fundação Nacional do Índio (Funai com as secretarias estaduais de educação de cinco estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo) e com o povo guarani-mbya. Fonte: <http://portal.mec.gov.br> (acessado em 27/02/15).

Depois de três anos de estudos no Centro de Educação de Jovem e Adulto (CEJA), comecei a trabalhar na sala de aula como intérprete da Língua Guarani do professor que atuava na Terra Indígena e que não era indígena. Minha presença na sala de aula era uma necessidade, porque, as crianças não entendiam a Língua Portuguesa, por este motivo os pais dos alunos se preocuparam no aprendizado dos filhos na escola. Na verdade, os pais tinham razão, porque, ao mesmo tempo em que se preserva uma cultura tradicional é importante que os alunos guarani tenham acesso ao ensino regular, para assim poderem pensar melhor sua própria cultura. E, portanto, como eu já tinha concluído a 8ª série fui designado pela comunidade para acompanhar o professor, que era um não indígena, na sala de aula.

Essa superação frente a vários desafios e o interesse pelos estudos proporcionou-me ainda a conseguir uma vaga para cursar o Magistério, quando as inscrições para o referido curso foram abertas no final de 2003. Tratava-se de um curso de Magistério específico para Formação de Professores Bilíngues Guarani (*Kuaa-Mbo'e*: conhecer e ensinar). Como na ocasião estava acompanhando os trabalhos escolares na comunidade, tive aval das lideranças locais para participar do curso, e assim fui indicado para fazer a inscrição e conseqüentemente fazer o curso de Magistério Guarani. Com muita dificuldade consegui concluir o curso, assim como pude qualificar a minha formação para melhor atuar na minha aldeia, mesmo assim sentia que precisa continuar com a formação, aliás, é preciso estarmos sempre em formação contínua, seja estando em formação acadêmica, assim como atuando em sala de aula ou em atividades em nossas comunidades de base.

No final de 2010, iniciou-se um novo desafio quando participei do vestibular para cursar a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina, e tendo conseguido uma classificação boa passei então a fazer parte do grupo de Kaingang, Xokleng e Guarani, alunos indígenas que iniciaram o curso no ano de

2011. Desde então passei a ter nova experiência profissional, a de ser professor bilíngue em minha comunidade e acadêmico da Licenciatura Indígena na Universidade Federal de Santa Catarina. A questão é que cada dia somos envolvidos a novos desafios, e precisamos estar a par disso para melhor atuar em nossas comunidades como professores e lideranças indígenas.

1.2 Aldeia Itaty Morro dos Cavalos



Aldeia Itaty Morro dos Cavalos. **Foto (1):** João Batista Gonçalves

A Aldeia *Itaty* Morro dos Cavalos está localizada no Município de Palhoça, centro Sul do Estado de Santa Catarina, situada na margem esquerda da BR-101, no km 233. Tem uma população de aproximadamente 100 pessoas e 32 famílias.

A extensão de área na Terra Indígena Morro dos Cavalos é de 1988 hectares, tendo como limites: norte, Rio do Brito; sul, Rio Massiambu; leste, uma parte chega na praia em Araçatuba, e para oeste, o rio Maciambú Pequeno e encosta no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

No que se refere a impactos culturais no Morro dos Cavalos é a ausência de captação da água e a rodovia BR 101 que corta a Terra Indígena. A captação da água fica do outro lado da aldeia, o problema, não é a falta de água, e sim a presença dos não indígenas (“brancos”) que causam obstáculos, inclusive costumam cortar o cano de água que abastece todas as casas da aldeia. E a outra, é o barulho dos carros que trafegam a rodovia, em geral o barulho gerado pelos carros que trafegam na rodovia é dia e noite, não se têm um silêncio necessário na área. Esse incômodo acaba afetando as atividades escolares, pois os professores e alunos dividem as atividades em sala de aula com os barulhos dos carros na rodovia.

O abastecimento da água na aldeia se torna problemático na medida em que a proximidade dos não indígenas é constante nessa área indígena. O não indígena, no caso, encontra um meio para criar implicância com os índios Guarani que vivem no Morro dos Cavalos. Por outro lado, as pessoas que trafegam com seus veículos na rodovia, principalmente aqueles ligados à grandes empresas, criam uma conspiração contra os indígenas classificando-os como uma causa de obstáculo para o desenvolvimento econômico na região.

É em meio a essa situação que nós índios Guarani continuamos construindo a nossa vida e nossa cultura local. O lugar não é plana. As casas também não estão em um único lugar. Como a área não é plana as famílias construíram suas casas em lugares íngremes. No tempo de verão o lugar é mais agradável, os caminhos que dão acesso de uma casa para outra são limpos, assim como o interior das casas também são bem conservados, mesmo que as famílias não tenham condições financeiras suficientes para construírem uma casa com as melhores condições estruturais.

O problema é no tempo do inverno. Pelo fato da aldeia não ter uma infraestrutura, acaba sofrendo com as consequências causadas pela chuva quando os caminhos que dão acesso a outras casas ficam comprometidos. Não vem a ser o caso de acontecerem erosões ou desabamentos, mas que são dominados pela lama pelo fato dos caminhos serem de argila. Assim ao passo que caminhamos na aldeia as solas dos calçados vão acumulando o barro, além disso, o caminho que dá acesso à Casa de Reza acaba sendo de difícil acesso.

Ainda no período de inverno as necessidades das pessoas na aldeia são grandes, uma vez que faltam agasalhos para muitas famílias. Mesmo assim, cada família estabelece uma estratégia para viver, principalmente para se aquecerem no frio. O fogo, no caso passa a ser de suma importância, tanto para o aquecimento durante o período da friagem, assim como no dia a dia da comunidade. Geralmente, nas aldeias guarani o fogo tem um significado muito importante, simboliza a união, persistência, perseverança, enfim, o sentido da preservação e aquecimento aos valores culturais guarani, com sua história e tradição.

Fogo sagrado na casa de reza



Foto (2): João Batista Gonçalves.

A Aldeia *Itaty* Morros dos Cavalos continua existindo na medida em que seus membros se fortalecem a cada dia, mesmo que as opiniões contrárias a esse povo de cultura e história milenar continuem existindo em diversos âmbitos, sejam institucionais ou pessoais. São desafios que não são de agora, pelo contrário, isso vem acontecendo há muitos anos. Uma situação de incompreensão por parte de alguns não indígenas com os valores da cultura Guarani.

Contudo, os valores culturais guarani que entendemos envolve muitas coisas, entre os quais, o próprio lazer dos homens, das mulheres, dos jovens e das crianças. Quando os homens fazem algum planejamento, todos participam nas atividades quando é possível, nos mutirões da comunidade, mas tem a sua atividade individual que são artesanatos, quando não trabalha fora da aldeia. As mulheres têm associação chamada *kunhangue rembiapo* (trabalho das mulheres). É um trabalho coletivo, quando surge um projeto para elas. Tem reuniões só para mulheres, então elas se unem para executar alguns tipos de trabalhos como cestaria, colares, brincos. As mulheres saem mais para fora da aldeia para vender artesanatos, e as crianças acompanham as mães quando vão a para cidades de Florianópolis e para Balneário Camboriú. Enquanto que os jovens participam de todas as atividades, além de tecnologia que está avançando na comunidade. Não deixam de praticar a língua falada, a dança tradicional, participam na casa de reza, além do esporte. Enquanto que as crianças gostam de participar de todas as atividades, mas não é por obrigação e sim por vontade própria da criança. Os espaços onde as crianças brincam são as casas, o pátio da escola, além dos mesmos se comunicarem na língua no dia a dia, e a língua escrita se usa somente na sala de aula. Isso é a vida sendo constituída diariamente pelos Guarani.

1.3 Ações culturais na escola *Itaty* Morro dos Cavalos

Vista parcial da Escola *Itaty* Morro dos Cavalos.



Foto (3): João Batista Gonçalves

Tendo apresentado a aldeia *Itaty* anteriormente, passaremos agora a falar das atividades desenvolvidas na Escola Indígena de Ensino Fundamental *Itaty* que, numa tradução livre, significa monte de pedras ou lugar onde tem bastante pedras.

Essa escola está dentro da aldeia, portanto, situada próxima à Rodovia BR-101 a 50 metros. Possui 3 salas de aula, 2 banheiros, 1 cozinha, 1 sala de informática. A biblioteca fica numa sala de aula. Na verdade não se trata de uma biblioteca de grande porte, é um lugar que os professores, juntamente com a direção e comunidade, conseguiram organizar para guardar alguns materiais didáticos para que os alunos tivessem acesso.

As aulas funcionam em três turnos, isto é, matutino, vespertino e noturno. Pela manhã estudam alunos que estão no 4º 5º ano juntos numa sala; de 6º ao 9º anos na outra sala. No período vespertino entram em atividade os alunos do 1º ano numa sala separada e alunos do 2º e 3º anos juntos. Ressalta-se ainda que a nova escola *Itaty* foi inaugurada no dia 2 de outubro de 2002. Além disso, no início do ano de 2014, por exemplo, as atividades escolares

começaram com 45 alunos e terminaram com 30 alunos mais ou menos, por motivos de desistências e alguns por deslocamento de aldeia para outros.

Com exceção da diretora que não é indígena, os demais professores todos são guarani, com total de seis professores. Todos tiveram uma formação para assumirem essa função na aldeia, e continuam obtendo uma formação qualificada em várias oportunidades que surgem ou são disponibilizadas pelas instituições governamentais. Assim como são articuladas pelas lideranças locais através de convênios com a Funai, Secretario de Educação (Municipal e Estadual).

No período noturno se desenvolvem na escola atividades com duas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), séries finais do Ensino Fundamental, e séries iniciais do Ensino Médio. Em geral, são atividades escolares desenvolvidas dentro da aldeia ou que procuram dialogar com o que se vive na aldeia culturalmente. Destarte, o método de ensino que se adota na escola é em consonância com as atividades culturais desenvolvidos na aldeia. Os alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental, 1º ao 3º anos, são alfabetizados em Língua Guarani. Ao passo que, a partir do 4º e 5º anos, isso nas séries iniciais do Ensino Fundamental ainda, são alfabetizados em Língua Portuguesa.

Essa consonância entre as atividades da escola e as atividades de vida cultural na aldeia tem funcionado bem, satisfazendo tanto a parte dos professores e direção, tanto a comunidade em geral. Uma vez que as atividades da comunidade durante a semana estão conectadas às atividades da escola na aldeia, as crianças logo seguem a programação estabelecida para a sala de aula, assim como o dia a dia com as famílias. Nesses termos, as crianças, adolescentes, jovens e adultos participam das atividades escolares em turnos específicos e de acordo com sua idade, tempo e espaço.

Embora a escola estabeleça as atividades em turnos, muitas crianças não seguem especificamente o turno em que estão matriculados. Assim, por exemplo, os irmãos menores geralmente acompanham os irmãos maiores na escola pela manhã e vice-versa, mesmo que não estejam matriculados na escola, mas simplesmente porque participam das atividades, entre os quais lanche. De outro modo, aqueles que estudam à tarde seguem com seus irmãos que estudam na parte da manhã, assim como aqueles que estudam pela manhã seguem para escola na parte da tarde. Trata-se de um acesso livre em ambiente escolar, precisamente como extensão de uma atividade educacional da aldeia para a escola.

Em outros momentos, precisamente quando não estão em sala de aula, as crianças costumam acompanhar as mães quando estas vão vender artesanatos na cidade, nesse caso não vão à escola. Outras vezes os irmãos maiores cuidam dos irmãos menores nas casas dos seus familiares na ausência dos pais. Nesse caso, a produção de artesanato é um meio para comercialização com os não indígenas. Mesmo que não tenha um valor alto, a venda possibilita a aquisição de produtos industrializados para o consumo das famílias na aldeia. Assim, costumam adquirir alimentos e roupas com o recurso que vem da comercialização do artesanato.

Contudo, a Língua Guarani é falada diariamente pelas famílias, assim como na escola. Desta forma, a comunidade encontrou um meio para continuar preservando a língua materna. Atualmente os professores são guarani, exceto a diretora que não é indígena. Além disso, toda atividade escolar procura trabalhar de acordo com as questões culturais guarani, envolvendo nomes de animais, lugares, histórias, ao mesmo tempo em que ensina a escrever, ler em Língua Portuguesa pensando justamente no aluno que precisa ter uma formação tanto do ponto de vista e valores culturais, assim como para sua própria convivência com o contexto não indígena.

1.4 Ações culturais na casa de reza (Opy)

Casa de reza (*opy*) da aldeia *Itaty*



Foto (4): João Batista Gonçalves.

Outro espaço importante é a Casa de Reza (*Opy*) que se destaca na aldeia pela representação cultural e simbologia guarani, em especial o fogo no centro da Casa de Reza. Para os alunos, as atividades desenvolvidas na Casa de Reza, fazem parte da vida na medida em que os mesmos participam em todos os encontros dessa natureza, com rituais, danças e cerimônias. Além disso, como se nota na imagem 5 abaixo, os alunos costumam participar do encontro na Casa de Reza junto com os professores de arte, assim realizam danças, cantos em guarani, além de desenvolverem confecções de artesanatos e armadilhas.

Professores e alunos na casa de reza



Foto (5): João Batista Gonçalves.

Em prática, na aldeia *Itaty* Morro dos Cavalos não tem rezador que é o responsável direto para dirigir as cerimônias quando articulado pela comunidade, sendo assim, é chamado ou convidado um rezador de outra aldeia guarani para fazer cerimônia, batismo e cura.

A casa de reza representa a cultura guarani. A maioria das aldeias tem essa casa. Poucos são rezadores que fazem curas. Sempre que é possível a comunidade organiza um evento maior com convidados de outras aldeias, mas no dia a dia a própria comunidade organiza para as pessoas que moram naquela localidade. Portanto, é uma atividade realizada de forma restrita para a comunidade, e em outros momentos é uma atividade aberta para outras comunidades, inclusive aberta também para as pessoas que não são indígenas. Nesse caso, é estabelecido uma taxa simbólica, só para os que não são indígenas, para ajudar nos custos da organização de cada cerimônia, e quando o valor das taxas é significativo passa a ser compartilhado na comunidade através de alimentos e outros benefícios.

Geralmente, quando o evento na Casa de Reza é de grande número envolve o consumo de Ayahuasca, especificamente nas aldeias M'Biguaçu e Morro dos Cavalos. Destacamos as duas aldeias, porque, são as duas comunidades que mais organizam esses tipos de rituais

envolvendo o consumo de ayahuasca (bebida medicinal) outras aldeias não praticam desta forma ou as atividades na casa de reza se concentram sem a presença de ayahuasca (bebida medicinal). Por este motivo, existem certas críticas por parte das comunidades que não adotaram ou estabeleceram esse costume em relação às comunidades que adotaram esse ritual na casa de reza com o consumo de ayahuasca. Mas na compreensão do senhor Alcindo, da aldeia M'Biguaçu, “antigamente alguns guarani já tinham utilizado essa bebida ayahuasca, com o tempo foi esquecido um pouco, agora voltou a ser utilizado”.

Ainda do ponto de vista de atividade na casa de reza, geralmente se articula para estender o convite tanto na comunidade assim como para outras comunidades. Assim, dentro da comunidade, a participação é livre, depende de cada pessoa, não é uma obrigação também. Costuma-se organizar na casa de reza atividades que envolvem canto, assim como são verbalizadas as palavras religiosas da cultura guarani. No que se refere às palavras religiosas entende-se que são sagradas, portanto, são poucas pessoas que entendem sobre isso, pois, não se usam essas palavras sagradas no dia a dia, muito menos na escola, nem nas famílias. Essas palavras são utilizadas especificamente na casa de reza e no momento da oração.

Os dirigentes dessa atividade são conhecidos como *karaí* (*pajé/opygua*). A atividade, mesmo não sendo obrigatória, é aberta para toda a comunidade. Envolve a participação dos pais, mães, filhos, crianças, jovens. Ultimamente começou a ser pensada para a participação de pessoas não indígenas nas comunidades, especificamente nas aldeias M'Biguaçu e Morro dos Cavalos. Os brancos geralmente comparecem quando é organizada uma atividade com a bebida ayahuasca e quando é aberto para pessoas de fora no caso, mas em certo momento não é aberto, portanto, nesse caso os não indígenas não participam.

A atividade na casa de reza tem uma finalidade muito particular da cultura guarani, ou seja, é o momento que proporciona a busca de proteção para toda a comunidade. É uma busca

de fortalecimento espiritual, assim como para equilíbrio emocional. Os mais velhos sempre falam que a casa de reza é um símbolo importante para uma aldeia guarani, portanto, torna-se uma obrigação uma aldeia ter essa casa, pois sem ela não tem fortalecimento da comunidade em geral. Essa é a compreensão dos mais velhos, uma compreensão que para os mais jovens vai ficando como exemplo dos mais velhos, assim como os mais velhos tem também a responsabilidade para repassarem essas informações e conhecimentos sobre os valores da casa de reza.

Hoje existem também conflitos e críticas. Uma das questões que levam a essas críticaS é justamente a falta de conhecimento e compreensão referente aos valores e sentidos específicos por parte de quem cria crítica. Mas que essas críticas não abalam os valores culturais guarani que é o mais importante em tudo que se vive, seja isso na escola, na aldeia assim como na casa de reza.

**CAPITULO 2 – IMPASSES PARA HOMOLOGAÇÃO DA TERRA
INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS**

2. 1 Alguns dados da identificação da Terra Indígena Morro dos Cavalos

Terra Indígena Morro dos Cavalos



Fonte: Google Earth (acessado em dia 11 de dezembro de 2012)

Quando verificamos no mapa acima a linha vermelha que corresponde a área demarcada a partir dos laudos antropológicos, percebe-se que não se trata de uma grande área de uma terra indígena, aliás, o que mais incomoda é que tendo nós sido um dia os donos dessas terras agora lutamos para viver e ter espaços nela. É como se alguém tivesse invadido a sua casa e você lutar para morar na sua casa de sua propriedade, que tem sua história, que você construiu com suor e trabalho, e que outro simplesmente se apossa e ainda exige que você justifique para dizer que aquela casa é sua. Enfim, é o sistema do Estado que muitas vezes não compreende os valores das terras indígenas.

Em se tratando de dados que levaram à demarcação de terra entende-se que não foi uma atividade tão simples, pois foi preciso que houvesse uma concentração acerca disso tudo, a ponto de ter se constituído por décadas de lutas. Além disso, entre muitos interesses em jogo, as respostas alcançam aspectos administrativos, legislativos, judiciais, econômicos. No que envolve as questões administrativas a Funai continua fazendo a sua parte, uma vez que o

processo demarcatório, além das iniciativas e participação das comunidade indígenas interessadas, é de responsabilidade do órgão indigenista, justamente porque é ligado ao Ministério da Justiça.

Em um primeiro momento houve o trabalho desenvolvido por um grupo técnico que foi criado no ano de 1993 sob a coordenação de Wagner de Oliveira e que desse trabalho foi apontado 121, 8 hectares, de forma que esse resultado não foi aceito pela comunidade. Devido a não aceitação da comunidade nos laudos apontados em 1993, precisamente no ano de 2001, a Funai criou novo grupo técnico, agora coordenado por Maria Inês Ladeira, de onde constatou-se com os trabalhos conclusivos a dimensão de 1.988 hectares. Inclusive, dois anos depois, no ano de 2002, esse relatório circunstanciado foi aprovado pela Funai que publicou o resumo no Diário Oficial da União, mas foi só no ano de 2008 que o então ministro da Justiça assinou a Portaria Declaratória da Terra Indígena.

Os desafios que se assolam no momento como passos seguintes são: demarcação já realizada física, a desintrusão de não indígenas, (em efetivação) a homologação pela Presidência da República, o registro na Secretaria de Patrimônio da União e no cartório de Palhoça. A demarcação física já foi feita, mas conforme os relatos da Funai, por exemplo, marcos foram tirados no Maciambu Pequeno, e, que pelo o que reza a Lei, isso é crime. A retirada, a desintrusão das pessoas que não são indígenas, também está em processo com indenizações das benfeitorias para algumas pessoas. Mesmo assim, as pessoas ou maioria delas não quer ser indenizada, porque não aceita a demarcação.

De fato, precisamente são essas negações por parte das pessoas que recebem as propostas de indenizações para saírem da Terra Indígena é que são alguns dos obstáculos iniciais. Outro fator é a duplicação da rodovia BR 101 - trecho sul. Nesse caso entram ou surgem muitas contradições sobre os Guarani que são acusados como os que estivessem

impedindo a duplicação, ou que não queriam colaborar com a estrada e a economia. Diante desses desafios, surgiram outras propostas e que muito falou-se nos túneis e ultimamente na quarta pista, que agora ficou pronta para uso.

2.2 Elementos que dificultam para o processo de homologação

No ano 2000 Maria Dorothea Post Darella, Ivori Garlet e Valéria de Assis realizaram um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) da duplicação da BR 101, trecho sul e apontaram muitas informações sobre a ocupação do Morro dos Cavalos.

Entre as acusações de moradores de Enseada do Brito de que os Guarani limitarão ou cortarão o uso da água para aquela comunidade, assim como informações de que viriam para Morro dos Cavalos de 5.000 a 15.000 indígenas do Paraguai e da Argentina, o que, diziam, seria motivo de grande preocupação para a redondeza. Assim como a produção significativa de mariscos na região faz as pessoas desconfiarem se a terra indígena vai prejudicar essa economia regional.

Além desses elementos, existem outros processos judiciais que tramitam, inclusive um que ainda tramita na Justiça Federal de Florianópolis, e que pedem a anulação do processo demarcatório. Esses processos são de pessoas contrárias à demarcação e que vivem ou são ligadas à Enseada do Brito, um bairro da cidade de Palhoça que fica próximo a aldeia Morro dos Cavalos e que entendem que o processo demarcatório é ilegítimo, sem qualquer validade e se dizem prejudicados com a demarcação.

No que se tem conhecimento, existem, portanto, as duas ações que estão no Supremo Tribunal Federal, a saber: uma da Procuradoria Geral do Estado de Santa Catarina e outra de

pessoas contrárias à demarcação e a própria existência do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, bem como a posição contrária da Fatma à criação da terra indígena. Por outro lado, em Dezembro de 2013 e Março de 2014 o Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, veio a Florianópolis na tentativa de avançar no entendimento e nas negociações da duplicação e da demarcação.

Segundo as informações da cacique Eunice Kerexu, o principal impasse que impede a homologação da terra indígena de Morro dos Cavalos foi a criação de uma portaria chamada **ACO Ação Civil Originária** n° 2323-janeiro/ 2014³. Diante disso, desde o início ou precisamente a partir do momento em que foi reconhecido como terra indígena, sem ainda ser homologada, os moradores que ficam próximos se manifestam contra a homologação e fizeram até documento para impedir o processo de demarcação.

Os próprios Guarani que vivem na aldeia Morro dos Cavalos, assim como de outras áreas da Terra Indígena em tela, passaram a ter conhecimento, através das lideranças locais, sobre a existência de vários processos que dificultam a homologação, e que passam a entender que envolve os processos políticos, os processos judiciais, além dos preconceitos e racismo.

Do ponto de vista de aspectos judiciais existem dois processos judiciais no Supremo Tribunal Federal a ACO 2323, distribuída para o ministro Teori Zavaski, de autoria do procurador do Estado que entrou com o pedido de anulação da portaria declaratória 771 do dia 18 de abril de 2008⁴. Nesse processo, o Estado questiona a originalidade dos Guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos. Além disso, também usam um marco temporal dizendo que em 1988 não existia guarani aqui. A questão é que esse marco temporal tem como base de

³ <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/documentos/133265527/acao-civil-originaria-n-2323-do-stf>(acessado em 29/01/2015).

⁴ <http://campanhaguarani.org/morrodoscavalos/wp-content/uploads/2014/03/Cronologia-TI-Morro-dos-Cavalos-27-03-14.pdf> (acessado em 29/01/2015).

informação o ano que em que foi aprovada a Constituição Federal (1988). Esta ideia traz preocupações em nível interno das terras indígenas inclusive, pois, estão sendo questionadas todas as demarcações de terra no Brasil.

Outro processo é um mandado de segurança feito por dois moradores da Enseada de Brito, com um pedido para negar a homologação da terra encaminhado inclusive para o Supremo Tribunal Federal, precisamente ao Ministro Dias Tófolli. De forma que buscaram uma inspiração nos mesmos argumentos do governo do Estado de Santa Catarina, mas esta já foi negada pelo ministro e foi para a 6ª Câmara do Ministério Público Federal. Diante disso, as lideranças locais estão confiantes nos processos que tramitam junto as instituições federais, como afirma a cacique Eunice Kerexu⁵: “lei é lei e eu sou uma pessoa confiante, penso que quem está lá em cima tem que cumpri-la e nós devemos estar atentos para mostrar para eles que conhecemos a lei e exigir nossos direitos. Eu conversei com o ministro Tófolli e conheci o Zavaski, eles já me conhecem”.

A questão é que tudo isso envolve os processos políticos, os prefeitos, governador, deputados, bem como os empreendedores que, em geral, estão por trás dessas ações que conflitam ou que impedem a homologação em efetivo. Falam da terra indígena, criticam ou apresentam argumentos em vista de interesses particulares, “o prefeito de Palhoça nunca apareceu aqui na aldeia, mas fala dos índios a mesma história de sempre e ao mesmo tempo culpa os indígenas pelos seus próprios interesses” (Cacique Eunice Kerexu).

A resistência por parte dos não indígenas para a homologação da terra indígena é tanta que causa perplexidade, como é o caso do prefeito da Palhoça Pitanta que ocupou o cargo

⁵ Eunice Antunes Kerexu. Cacique da Terra Indígena Morro dos Cavalos, aluna do Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina. A entrevista foi cedida no dia 26 de Dezembro de 2014, na aldeia Itaty Morro dos Cavalos.

interinamente, que “teve a maior cara de pau pra falar ao Ministro da Justiça dizendo que nós iríamos corta, a água deles” (Cacique Eunice Antunes kerexu). Esse tipo de justificativa não tem cabimento, afinal,

Eles que cortaram nossa água e que ele nunca fez um trabalho de saneamento básico em Enseada do Brito, a não ser campanha, os esgotos de lá estão a céu aberto, correndo tudo para o mar onde existe a criação de marisco, é a maior nojeira, só estou falando isso para você ter uma noção do absurdo desses políticos. (Cacique Eunice Kerexu). Dia 26 de dezembro de 2014 em Morro dos Cavalos.

Como se nota, existe uma série de situações que impedem ou dificultam o processo da homologação em definitivo. Existem muitos interesses particulares por trás de algumas autoridades, dos políticos, enfim, envolvendo ainda questões financeiras que acabam embargando muitas coisas. Assim, as pessoas que são contra a homologação da terra indígena não são também pessoas de condições mínimas e sim proprietários de diversos tipos de empreendimentos, são empresários e de outros ramos de negócios.

2.3 Mídia e terra indígena Morro dos Cavalos

Afirmamos anteriormente que existe uma série de situações que impedem a homologação da terra indígena Morro dos Cavalos. Uma delas é a mídia. Não é de hoje que os indígenas são “bombardeados” com séries de acusações sem fundamentos, e que trazem informações sem no mínimo terem ouvido os indígenas.

Algumas vezes já estiveram na aldeia alguns jornalistas para fazer entrevistas com os moradores e lideranças locais, mas que sempre publicam informações distorcidas, ou seja, não publicam realmente o que as pessoas falaram durante a entrevistas, e assim com informações

inconsistentes que saem da mídia (como Diário Catarinense, por exemplo), a culpa acaba sendo ligada aos indígenas por parte dos empresários, políticos e os outros interessados envolvidos em seus próprios interesses.

Assim, surgem séries de processos que na verdade se fundamentam em questões preconceituosas e racistas. Em outras palavras, temos uma sociedade que finge acreditar nessas histórias porque existem mídias que veiculam informações distorcidas sobre a realidade indígena em seu contexto interno.

Na verdade, a mídia em si é um veículo de comunicação que leva informações para a população, agora quando existem interesses por parte de alguns políticos que estão por trás das câmeras e que pagam ou compram os jornalistas de televisão e jornais já perdem totalmente o valor e significado da mídia, ou seja, já perdem a ética de profissão e são manipulados e manipulam inverdades. O pior é que a justiça fecha os olhos para esses crimes e acaba praticando outro crime que é bem óbvio, o crime de racismo. Digo racismo por que eles sabem o que estão fazendo, mas a sociedade que desconhece a nossa realidade acaba acreditando em tudo o que a mídia veicula, o resultado disso são os preconceitos contra os indígenas. E se existem essas questões preconceituosas obviamente que acabam envolvendo muita coisa acerca disso, principalmente criando obstáculos para a homologação da Terra Indígena.

É importante salientar que as lideranças locais da Terra Indígena, além de instituições parceiras como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e CIMI (Conselho Indigenista Missionário), lutam pela homologação da terra indígena amparados pela lei, portanto, não existe uma invenção de história acerca disso tudo, assim existem documentos que comprovam essa garantia, bem como é do conhecimento dos ministros. Na prática só falta a boa vontade

da Presidente da República, Dilma Rousseff, para assinar a homologação, uma vez que a mesma tem esse conhecimento.

As terras para os Guarani não são uma questão de ambição para fins lucrativos como pensam os ruralistas, mas sim a vida da natureza que proporciona espaço, tempo e vida diária na aldeia. Em geral, a demora pela homologação da terra indígena cria uma incerteza da vida cultural nas aldeias guarani que passam a ser vítimas. Essa incerteza acaba afetando desde os mais velhos que resistem em manter a cultura, língua e crença; os jovens, adultos que são novos articuladores da tradição cultural guarani em massa; as nossas crianças que estão nas aldeias hoje e outras que vão nascendo.

É difícil hoje na terra indígena, e dá um aperto no coração, ver que existem pessoas com mais de 100 anos, que tiveram seus filhos aqui no Morro dos Cavalos que sempre tiveram a esperança de que tudo iria melhorar e que um dia iriam ter condições para plantar sem mais serem incomodados pelos brancos, especificamente na certeza de estas terras sempre foram dos Guarani ou de outros povos indígenas na região, dependendo do lugar do qual estivermos nos referindo.

De outro modo, é muito triste ver também que os mais velhos da aldeia veem hoje seus filhos e netos nascidos na aldeia e que hoje são lideranças e que continuam ainda lutando pelos mesmos objetivos que os pais tiveram há muito tempo atrás, a fim de condicionar uma vida melhor na aldeia. Diante desses fatores, a cacique Eunice Kerexu tem a seguinte ideia,

Eu às vezes choro por que nossos velhos já estão indo embora sem ter este sossego, as lideranças não vivem suas vidas porque estão sempre lutando. Mas ao mesmo tempo tenho um grande orgulho, porque, quando vejo hoje alguém falando sobre a população indígena no Brasil, dizendo que o maior povo é o Guarani e que somos considerados o povo mais tradicional pela língua e pela crença. O fato é que só quem é indígena para saber destes sentimentos de tristeza e orgulho, pois, não conseguimos viver de maneira livre, somos torturados psicologicamente todo tempo, com ameaças, calúnias; e temos que estar também todo tempo contando quem somos e de onde somos. Sendo que esta pergunta é nossa, devemos

começar a questionar tudo isso e também perguntar, quem são vocês, de onde vieram, em que ano chegaram aqui? Agradeço por ter vindo me entrevistar, espero que tenha ajudado no seu trabalho e que o mesmo sirva de material de luta, pois é assim que o branco luta, com papel e com a escrita. *Ha'evete!* (Eunice Antunes, Morro dos Cavalos, 26 de dezembro de 2014).

Os fatos descritos acima não podem também ser vistos como pessimistas, de certo modo já temos apontamentos que vão se concluindo, entre as quais o reconhecimento, a declaração e a desintrusão da Terra com a resolução nº 229, de 07 de dezembro de 2012, DOU 12/12/12, seção 1, pg, 28. Além da própria presidência da Funai que pede a constituição da comissão de pagamento de benfeitorias aos moradores de boa fé, inclusive em julho de 2014 alguns moradores que não são indígenas mas que moram dentro da terra indígena receberam as indenizações, possibilitando assim para que os Guarani comecem a se articular na reocupação de uma parte das terras.

Desta forma, segue-se confiante para que a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos se efetive neste ano de 2015. Mas, para que isso se concretize é necessário continuar pressionando os governantes, os empreendedores, os políticos, enfim, “soltar nosso grito de guerra”.

Considerações Finais

Diante da vida e da cultura local em desenvolvimento entende-se que é de suma importância realizar um trabalho que possa nortear para uma compreensão mais adequada sobre manutenção e preservação de uma Terra Indígena. Os desafios, geralmente, surgem de vários níveis sociais, entre os quais, a presença dos não indígenas em circunstância da terra indígena. Contudo, se torna um desafio não só para a manutenção das terras em si, mas para a própria cultura local.

Um contexto como o da Aldeia *Itaty* Morro dos Cavalos, tem sua importância devido à necessidade da valorização das terras que ainda temos e que precisa ser demarcada por razões de preservação da cultura guarani. A terra indígena Morro dos Cavalos tem 1988 hectares, sendo que a própria BR- 101 passa pela área indígena.

Os moradores não indígenas, em diversas circunstâncias, passaram a construir moradias, mesmo sabendo do aval do Ministério da Justiça que homologou a portaria N° 771/2008 para a declaração da terra indígena de Morro dos Cavalos. Eles insistem com manifestações contra a demarcação.

Há várias razões para uma demarcação de terras indígenas, principalmente porque é a fonte da vida dos índios Guarani, assim como parte da história cultural. Esse lado cultural é que não é compreendido pelos não indígenas quando muitos afirmam que “tem muita terra para pouco índio”. Dessa forma, para um não indígena muitos casos a floresta ou a terra indígena é pensada como local de produção agrícola, por isso a necessidade do desmatamento.

Quando se fala que as nossas terras representam uma vida cultural para nós, não estamos afirmando por acaso ou por questões possessivas, mas por simples razão de que precisamos formular um ciclo de atividade como meio de sustentabilidade local. É o caso da parte que envolve o lado oeste da BR-101 onde há espaço mais adequado para plantações e coleta de matérias primas para produção de artesanato.

Em geral, essa terra indígena se divide por lugares diferentes, entre rios e oceano. Ao norte com o rio do Brito, ao sul o rio Maciambu Pequeno e o leste com uma parte que chega no Oceano Atlântico e oeste, o rio Massiambu Pequeno e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Precisamente na aldeia *Itaty* Morro dos Cavalos, que fica no leste, tem pouca caça, assim como as nascentes de água também. Por outro lado, ou seja, oeste, ocorre ao contrário, tem mais caça e nascentes de água, assim como ervas medicinais e frutas silvestres. É por meio dessas localidades que o povo guarani vive e mantêm a dinamicidade da aldeia em relação com a natureza, uma vez que nas nossas concepções tradicionais a natureza representa um meio de nosso conhecimento, pois é através dela que buscamos as nossas sustentabilidades e as curas.

Referência Bibliográfica

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. (acessado em 29 de Janeiro de 2015).

LADEIRA, Maria Inês et al. Estudo de Impacto Ambiental da duplicação da BR 101 (EIA, 2000).

Terra Indígena de Morro dos Cavalos. Relatório de Identificação e delimitação PORTARIA 838/PORTARIA/FUNAI/OUTUBRO 2001.

TERRA INDÍGENA GUARANI MORRO DOS CAVALOS. “TEKOA YMA”. Município de Palhoça-Santa Catarina. Relatório de Identificação e delimitação nº 838 PRES FUNAI/ BRASÍLIA, 16 de OUTUBRO 2001.

Sites acessados

<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/documentos/133265527/acao-civel-originaria-n-2323-do-stf> (acessado em 29/01/2015)

¹ <http://campanhaguarani.org/morrodoscavalos/wp-content/uploads/2014/03/Cronologia-TI-Morro-dos-Cavalos-27-03-14.pdf> (acessado em 29/01/2015)

<http://portal.mec.gov.br> (acessado em 27/02/15).

- Cacique Eunice

- Karai Alcindo

ANEXO

IMAGENS DA CAMPANHA PARA HOMOLOGAÇÃO



Aldeia Massiambu, 04 Dezembro 2000

Ilmo Sr. Marcos Paulo Fróes Scheitino
 DEID - Departamento de Identificação e Delimitação
 FUNAI
 BRASILIA - DF

Prezado Marcos

Nós, caciques das comunidades do Massiambu, Morro dos Cavalos e Marangatu estamos reunidos para discutir a proposta de demarcação da Terra Morro dos Cavalos e Massiambu, a qual estamos encaminhando, conforme combinamos no mês passado, durante sua visita.

Em anexo estamos enviando o documento (cópia) encaminhado no dia 14 de julho de 2000, ao Sr-chefe do DEID, Sr. Vagner Coutinho. Reafirmamos aquela proposta e continuamos no aguardo dos encaminhamentos. Apresentamos à aquela proposta mais alguns elementos que consideramos importantes sobre o uso da Terra:

- Atualmente usamos o Mar para lazer, pesca, coleta de frutos do mar, como berbigão, merisico, etc;
- Usamos o rio Maniambu e Maniambu pequeno para pesca e lazer;
- Usamos os matas, em ambos os lados da BR 101, para coleta de material do artesanato, coleta de Mel, frutos como jaboticaba, avelãs, Sipo, Lulo; Ervas medicinais, canha, caju e outras atividades;
- A água utilizada na aldeia Maniambu vem de fora dos 4,6ha de Terra;

A

Presidente Dilma Rousseff
 Palácio do Planalto—Praça dos Três Poderes
 CEP 70150-900—Brasília—DF

COLE
 O SELO
 AQUI

Senhora Presidente,

A sobrevivência física e cultural da comunidade Guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos, localizada em Palhoça/SC, depende fundamentalmente da terra garantida. A sua homologação é o que vai garantir a retirada e o pagamento da indenização das benfeitorias aos ocupantes não indígenas e a ocupação definitiva da terra pelos Guarani, seus ocupantes tradicionais.

Portanto, demandamos que a homologação da Terra Indígena Morro dos cavalos seja assinada pela senhora.

Nada é mais importante do que a vida de um povo.

Certo/a de sua atenção.

Nome: _____

Endereço _____

CONVITE



**LANÇAMENTO DA CAMPANHA PELA
HOMOLOGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA
MORRO DOS CAVALOS
DIA 25 DE MARÇO DE 2014
20 HORAS
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SANTA CATARINA
AUDITÓRIO DEPUTADO PAULO STUART WRIGHT**

**O FUTURO DO POVO GUARANI
DEPENDE DA HOMOLOGAÇÃO
JUNTE-SE A NÓS NESSA CAUSA!**

Mais informações:
Fone: 48 3242 4426 (escala da aldeia)



AGRICULTURA, MEIO AMBIENTE E TERRITORIALIDADE

O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU, JAPORÃ, MATO GROSSO DO SUL:

um diálogo de saberes entre a cultura guarani e a lei federal 9.433/97 Sobre a importância do reconhecimento das águas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
DO SUL DA MATA ATLÂNTICA
TERMINALIDADE - GESTÃO AMBIENTAL**

Por

EDSON AMAURILIO

**O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY
KATU, JAPORÃ, MATO GROSSO DO SUL: *um
diálogo de saberes entre a cultura Guarani e a Lei Federal
9.433/97 sobre a importância do reconhecimento das águas.***

Florianópolis
2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL
DA MATA ATLÂNTICA
TERMINALIDADE GESTÃO AMBIENTAL**

EDSON AMAURILIO

**O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY
KATU, JAPORÃ, MATO GROSSO DO SUL**

Trabalho de Conclusão de
Curso para Curso
Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata
Atlântica da Universidade
Federal de Santa Catarina,
sob orientação do **Prof. Dr.
Daniel José da Silva** e Co-
orientação da **Me. Rívea
Medri Borges.**

Florianópolis
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 30 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 16:00 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Daniel José da Silva e Co-orientadora Rívia Medri Borges, Titular da Banca Professor Aldo Litaiff e Suplente, Professora Natália Hanazaki designados pela Portaria nº 19/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Edson Amaurilio, subordinado ao título: **"Diálogos de Saberes sobre a Gestão da água na Terra Guarani Yvy Katu, MS"**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Orientador Daniel José da Silva e Co-orientadora Rívia Medri Borges, a nota final 1,0, do Professor Aldo Litaiff, a nota final 9,5, e da Professora Natália Hanazaki, a nota final 9,5; sendo aprovado com a nota final 9,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 30 de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Daniel José da Silva

Prof. Aldo Litaiff

Prof. Rívia Medri Borges

Candidato Edson Amaurilio

[Assinatura]



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Edson Amaurilio, matrícula n.º 11100045, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU, JAPORÃ, MATO GROSSO DO SUL: *um diálogo de saberes entre a cultura Guarani e a Lei Federal 9.433/97 sobre a importância do reconhecimento das águas***, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de Março de 2015.

Assinatura manuscrita em azul sobre uma linha horizontal.

Daniel José da Silva

Orientador(a)

RESUMO

Este trabalho surgiu da preocupação com a preservação da natureza para garantir uma boa qualidade da água para o futuro da comunidade Guarani Ñandeva, da *Terra Indígena YvyKatu*, Município de Japorã, Mato Grosso do Sul, Brasil. O objetivo geral foi construir um diálogo de saberes entre a *cultura Guarani* e a *Lei Federal 9.433/97*, que estabelece a Política Nacional Brasileira da Água. Os objetivos específicos e respectivos resultados foram: a elaboração de um mapa etnográfico; a comparação entre saberes guarani e saberes acadêmicos da lei 9.433; e a proposição de soluções na melhoria do *uso da água* da comunidade. A metodologia utilizada foi: a revisão bibliográfica do tema com o estudo das leis e da cultura guarani; entrevistas com anciões da Aldeia; e práticas de campo com os alunos do 9^a ano do ensino fundamental. Esta pesquisa apontou uma contribuição da cultura guarani para a gestão sustentável das águas e da natureza através de sua participação nos Comitês de Bacias.

Palavras-chave: Uso da Água, Lei Federal 9.433/97, Cultura Guarani, Terra Indígena YvyKatu.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO PESSOAL.....	3
2. INTRODUÇÃO	5
3. REVISÃO BIBLIOGRAFICA.....	9
3.1. LEI DAS ÁGUAS E AS LEIS IRMÃS	9
3.2. ESTUDO DA CULTURA GUARANI.....	10
3.2.1. TEKOHHA - Caracterização da Área de Estudo	9
3.2.2. TEKHO - Caracterização da cultura.....	20
3.3.Sabedoria dos Anciões – Etnoconhecimento	20
3.4.Metodologia Especifica da Revisão Bibliográfica	Erro! Indicador não definido.
4. METODOLOGIA DO TRABALHO	24
5. RESULTADOS.....	26
5.1. DIALOGO DE SABERES	26
5.2.MAPA ETNOGRÁFICO	29
5.3.SUGESTÕES	31
6. CONCLUSÃO	32
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1. APRESENTAÇÃO PESSOAL

Meu nome é Edson Amaurilio e sou do povo Guarani Ñandeva. Nasci na Terra Indígena (TI) YvyKatu, Aldeia Porto Lindo, Município de Japorã, sul do Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, na Bacia do Rio Iguatemi, afluente do Rio Paraná, terra dos meus ancestrais. Comecei a estudar muito cedo, mas com a necessidade de me manter tive que sair da escola para trabalhar fora da aldeia. Não cheguei a concluir os anos letivos, com isso demorei mais tempo para completar meu ensino médio. Sempre estudei em escolas públicas no ensino regular.

Dentro da minha comunidade eu frequentei a escola até a 4ª série, depois fui à escola não indígena e fiquei até no meio da 6ª série. No segundo semestre de 2004 fui morar no Estado do Espírito Santo, na Aldeia Boa Esperança, Município de Aracruz. Lá eu continuei meus estudos em escola não indígena e em 2007 terminei o segundo ano e voltei para minha Aldeia Porto Lindo onde concluí o ensino médio. No ano seguinte voltei à aldeia Boa Esperança e fui indicado pelas lideranças para fazer um curso de Saneamento Básico em Montes Claro-MG.

Y JEPORU – TEKHA YVY KATUPE

Aduração do curso foi de quatro meses. Nesse tempo eu aprendi muitas coisas relacionadas ao meio ambiente.

Na volta à Aldeia Boa Esperança eu coloquei alguns conhecimentos em prática, trabalhando junto com a comunidade até 2012. Essa aprendizagem no curso de Saneamento e no trabalho foi decisiva na escolha da terminalidade Ambiental na Licenciatura Indígena da UFSC. Quando comecei o curso em 2011 já sabia qual seria a minha escolha. Atualmente moro na Aldeia Porto Lindo, em MS, onde trabalhei como professor de educação física do Pré-escolar ao 3^a ano das séries iniciais do ensino fundamental desde 2013. No segundo semestre de 2014 passei a trabalhar junto com a assistência social no Conselho Tutelar devido à necessidade da comunidade. Ao ter que decidir o meu tema de trabalho de conclusão do curso, lembrei-me da questão do meio ambiente que me preocupa muito. Pensei nos problemas do meu povo sobre o uso da água.

Y JEPORU – TEKoha YVY KATUPE

2. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na Terra Indígena (TI) YvyKatu(figura 1C) as margens do Rio Iguatemi (Yguaçu) o ultimo afluenteda margem oeste do Rio Paraná em terras brasileiras, localizado ao Sul do estado do Mato Grosso do Sul (figura 1A) no município de Japorã(figura 1B) onde está a população Guarani Ñandeva. Esta terra é formada por duas aldeias, com menor tamanho é Porto Lindo com a população maior, a outra antes chamada Aldeia Jakare'yé maior pelo tamanho e com menor população conhecida hoje como Acampamento YvyKatu.

As partes menos degradadas da Terra Indígena YvyKatu hoje são utilizadas na agricultura, nas plantações de Mandioca para comercialização. Esta área até pouco tempo atrás era ocupada por fazendeiros que deixaram a terra bem degradada por utilizá-la na pecuária. Hoje a vegetação principal e predominante é a braquiária e o colônio, existe ainda algumas matas que sobraram, pelo menos na beira dos rios que fazem as fronteiras da TI.

Y JEPORU – TEKHA YVY KATUPE

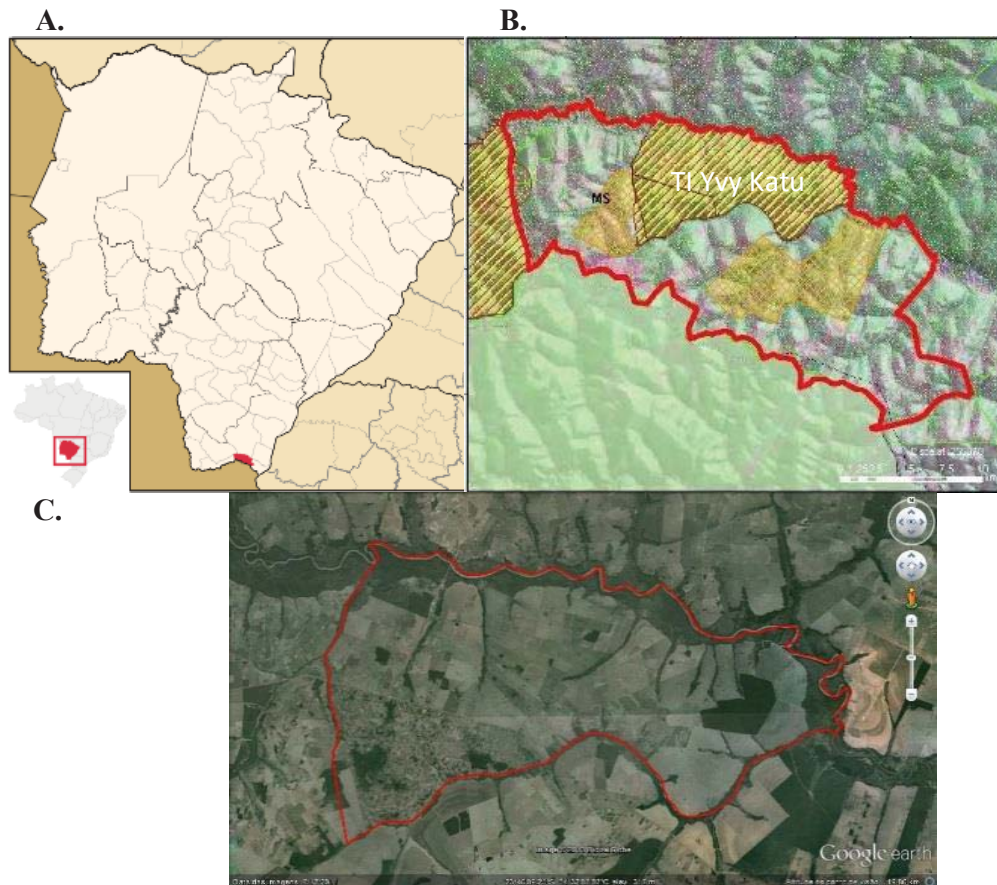


Figura 1. A. Localização do município de Japorã, Mato Grosso do Sul. B. Mapa do município de Japorã. C. Imagem de satélite da Terra Indígena YvyKatu(**coloca as fontes dos mapas**)

Os ambientes que existem hoje estão muito modificados. A invasão do não indígena feita inicialmente com a chegada da Companhia Mate Laranjeira, segundo Rosalino Ortiz – ancião e liderança da TI YvyKatu, antigamente tinha muitas frutas em volta dos rios, em todas as regiões, as matas eram abundantes, tinham variedades de madeira que eram úteis para todas as necessidades da comunidade local. Esse cenário

Y JEPORU – TEKHA YVY KATUPE

mudou completamente com a exploração do erva mate na região, a maior parte da vegetação que existia praticamente desapareceu e com o passar do tempo foi substituída pelo pasto, plantado pelos fazendeiros para criação de gado. O resultado de tudo isso é que resta hoje desmatamento, frequentes queimadas e poluição dos rios.

Diante deste cenário o objetivo deste trabalho foi reconhecer a relação dos Guarani com a água na TI YvyKatu e propor sugestões de melhoria da relação da comunidade com o uso da água. Tendo como objetivo específico: a) criar um quadro comparativo entre os saberes guarani e o saber acadêmico sobre a Lei Federal 9.433/97 (Lei das Águas); b) construir um mapa etnográfico sobre a água na TI YvyKatu; c) elaborar sugestões de melhoria da relação do povo Guarani com a água na TI YvyKatu.

3. REVISÃO BIBLIOGRAFICA

3.1. LEI DAS ÁGUAS E AS LEIS IRMÃS

3.2. ESTUDO DA CULTURA GUARANI

3.2.1. TEKOKHA - Caracterização da Área de Estudo

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola PóloMunicipal de E.I.E.F do Porto Lindo – TekohaGuaranimbo`ehaoTekoha Guarani, onde está registrado o relato da indígena Ava Tupã Chirino, consta que o povo Guarani sempre morou nessa região da Bacia do Rio Iguatemi e afluentes do Rio Paraná,os avôs deles sempre contavam que não havia nenhum morador além do povo Guarani. Em cada região morava uma grande família guarani e em cada família havia liderança para organizar politicamente, economicamente e socialmente. A aldeia não era onde esta atualmente, o local atual fazia parte, mas seu território era maior. As famílias viviam espalhadas na beira do rio Iguatemi, principalmente por causa da água, pesca, caça e também por que os guaranis utilizavam muito a erva mate. Em cada afluente como Guassory e Jacare'y também moravam famílias grandes,

Y JEPORU – TEKOKHA YVY KATUPE

TCC:O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU-MS

assim se configurava uma grande aldeia. Já nos meados de 1918 chegou nessa região a Companhia Mate Laranjeira com o empreiteiro chamado Ataliva Vereasto Neto Batista. Ele era um paraguaio que veio para explorar e vender erva mate e madeira de lei que se encontrava em abundância na região. O empreiteiro foi o primeiro não indígena a ter contato com o povo Guarani. Como havia bastante indígena na região ele procurou uma forma de expulsá-los para explorar melhor matéria prima. Dessa forma então articulou com SPI (Serviço de Proteção ao Índio) para demarcar uma área para comunidade guarani obrigando todos indígenas a abandonar os seus lares longe dos rios, pesca e caça que hoje se chama aldeia Porto Lindo, com 1648 hectares, e o Guaranipassaram a trabalhar exploradamente no cultivo da erva mate. Nessa comunidade tinha várias lideranças que trabalhavam coletivamente, apesar de ter um líder maior, mas o contato não indígena fez mudar também a organização política deste povo. Em muitas ocasiões era empreiteiro que nomeava liderança da comunidade como Capitão, que até hoje é chamado pela comunidade.

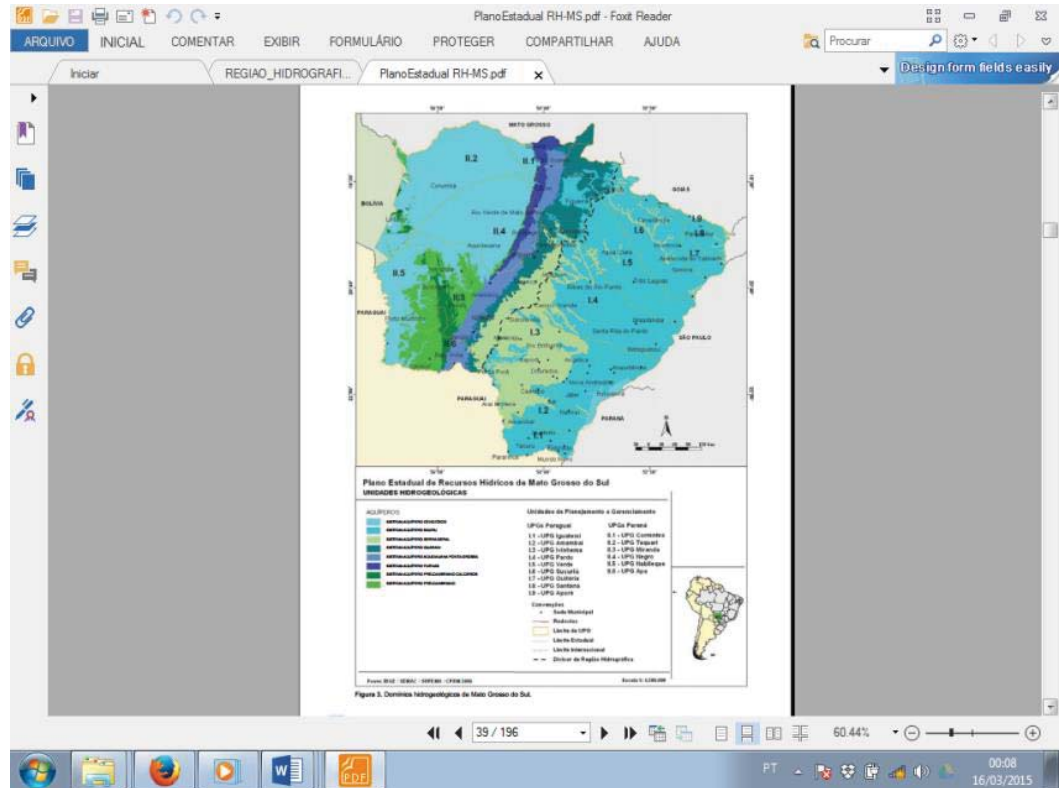
Y JEPORU – TEKHA YVY KATUPE

A principal via de transporte para locomoção da matéria prima para outro estado ou fora do país eram os rios Iguatemi e Paraná. Após a derrubada da mata e dos ervais utilizou o solo para o desenvolvimento da lavoura e criação de gado até hoje o espaço tradicional do guarani e cultivado a plantação da lavoura e criação de gado. Esse um dos motivos que levou a comunidade a reivindicação da terra tradicional YvyKatu, que está em processo de homologação.

Geologia

Segundo o Plano Estadual de Recursos Hídricos do Mato Grosso do Sul ([citar na referencia](#)), a região da TI YvyKatutem a presença da formação geológica Bauru, Cenozoica, Serra Geral (figura 2).

TCC: O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU-MS



Y JEPORU – TEKOKHA YVY KATUPE

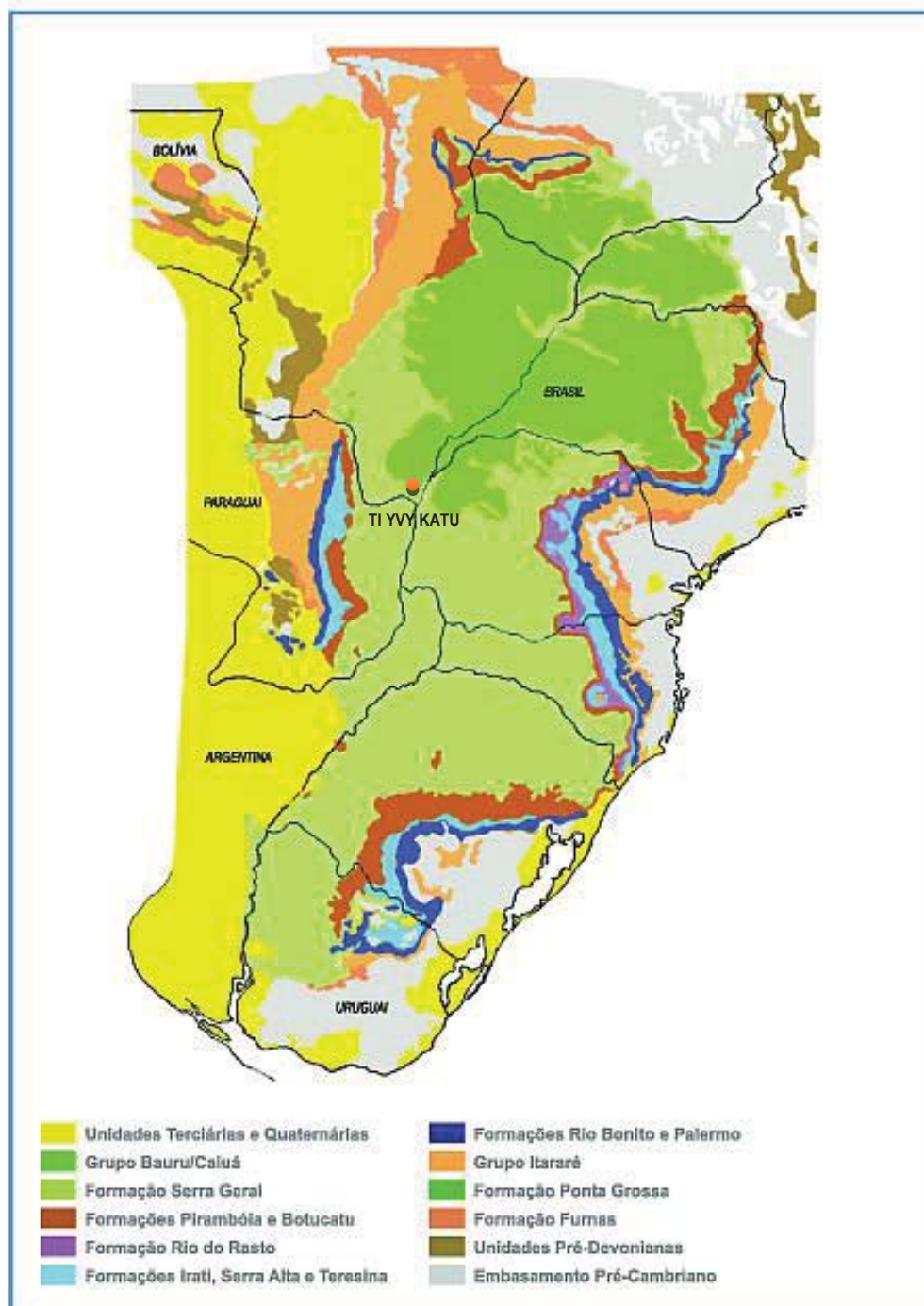


Figura 2. MAPA GEOLÓGICO SIMPLICADO DA BACIA DO RIO PARANÁ. Fonte: Modificado de Paulipetro, 1981.([inclui na lista final referencias](#))

Y JEPORU – TEKHA YVY KATUPE

A Formação Geológica Bauru é formada por rochas sedimentares do tipo arenito. A Forma Geológica Cenozoica fica localizada na superfície é composta por rochas sedimentares. A Formação Serra Geral, é caracterizada por rochas de natureza vulcânica. Encontra-se sobreposta aos arenitos eólicos da Formação Botucatu, e sotoposta as rochas sedimentares da Bacia Bauru (grupos Bauru e Caiuá) ou depósitos sedimentares inconsolidados do Cenozoico (MACHADO, 2009)(coloca na referencias)

Hidrologia

A Terra Indígena Yvykatué delimitada ao norte pelo Rio Yguaçu (Iguatemi), ao sul e leste pelo Rio Jakare’y (Jacareí) ao oeste pelo Rio Ygassori (Guassori). Está na Bacia Hidrográfica do Rio Iguatemi, Região Hidrográfica do Rio Paraná.

Os povos Guarani sempre habitaram a região da bacia do Rio Paraná e não amazônica. Todos os rios na região da terra indígena tem riqueza natural para o sustento das famílias e tem enorme significado para os povos Guarani local. Cada rio tem sua *marca* registrada

Y JEPORU – TEKHA YVY KATUPE

TCC:O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU-MS

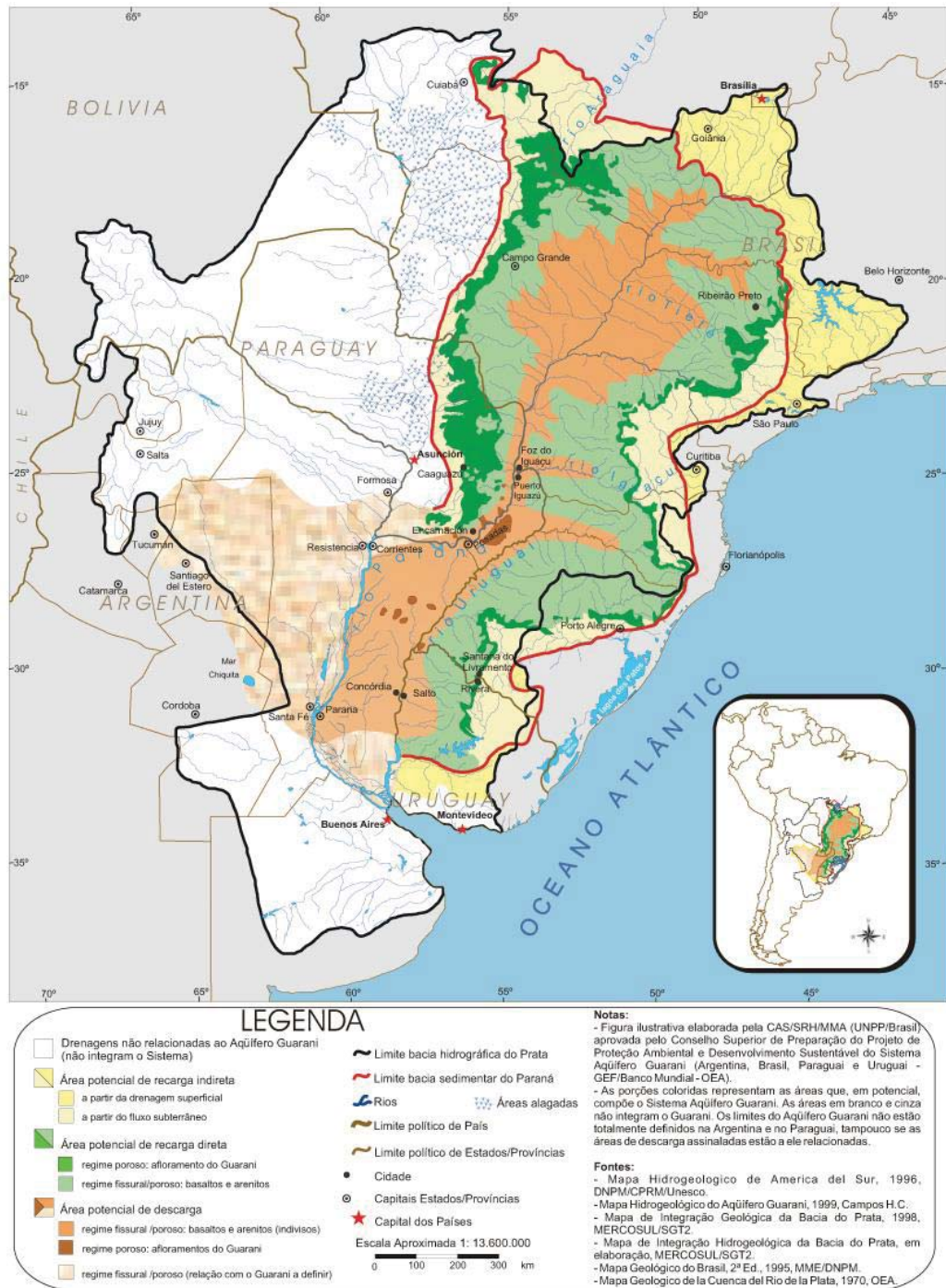
na memória dos mais antigos, e com a retomada das terras os sonhos do povo Guarani começou a ter sentido novamente mesmo tendo perdido a maior parte do valor como: recurso natural, a qualidades das águas, do solo e principalmente das matas.

O Sistema Aquífero Guarani, um dos maiores Aquíferos da América do Sul, exhibe limites transfronteiriços entre os estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no Brasil, e os países Uruguai, Paraguai e Argentina. Encontram-se em Mato Grosso do Sul, 18% da área total e 25% da área brasileira do Aquífero. É formado por rochas arenosas da Bacia do Paraná (Grupo Rosário do Sul e Pirambóia no Brasil, e Buena Vista no Uruguai, Formações Botucatu, no Brasil, Misiones, no Paraguai, e Tacuarembó, no Uruguai e Argentina) (GASTMANS, 2007). O Sistema Aquífero Guarani, um dos maiores Aquíferos da América do Sul, exhibe limites transfronteiriços entre os estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no Brasil, e os países Uruguai, Paraguai e Argentina.

Y JEPORU – TEKHA YVY KATUPE

Encontram-se em Mato Grosso do Sul, 18% da área total e 25% da área brasileira do Aquífero. É formado por rochas arenosas da Bacia do Paraná (Grupo Rosário do Sul e Pirambóia no Brasil, e Buena Vista no Uruguai, Formações Botucatu, no Brasil, Misiones, no Paraguai, e Tacuarembó, no Uruguai e Argentina) (GASTMANS, 2007).

TCC: O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU-MS



Fonte: www.sg-guarani.org, acessado em dezembro de 2005.

Figura 1 – Mapa esquemático do Sistema Aquífero Guarani.

Figura 3. Aquífero Guarani

Y JEPORU – TEKOKHA YVY KATUPE

Ecologia

Este trabalho iniciou os estudos sobre a ecologia presente na TI Yvy Katu. Realizou estudos bibliográficos e fez visitas às matas da Terra Indígena YvyKatu observando que as espécies locais são típicas do Bioma Mata Atlântica, Floresta Estacional Semidecidual, nos limites da transição para o bioma Cerrado. O mapa de biomas do Brasil (figura 3) mostra que mata atlântica se estende ao longo da mata ciliar do Rio Paraná e seus afluentes como Rio Iguatemi.

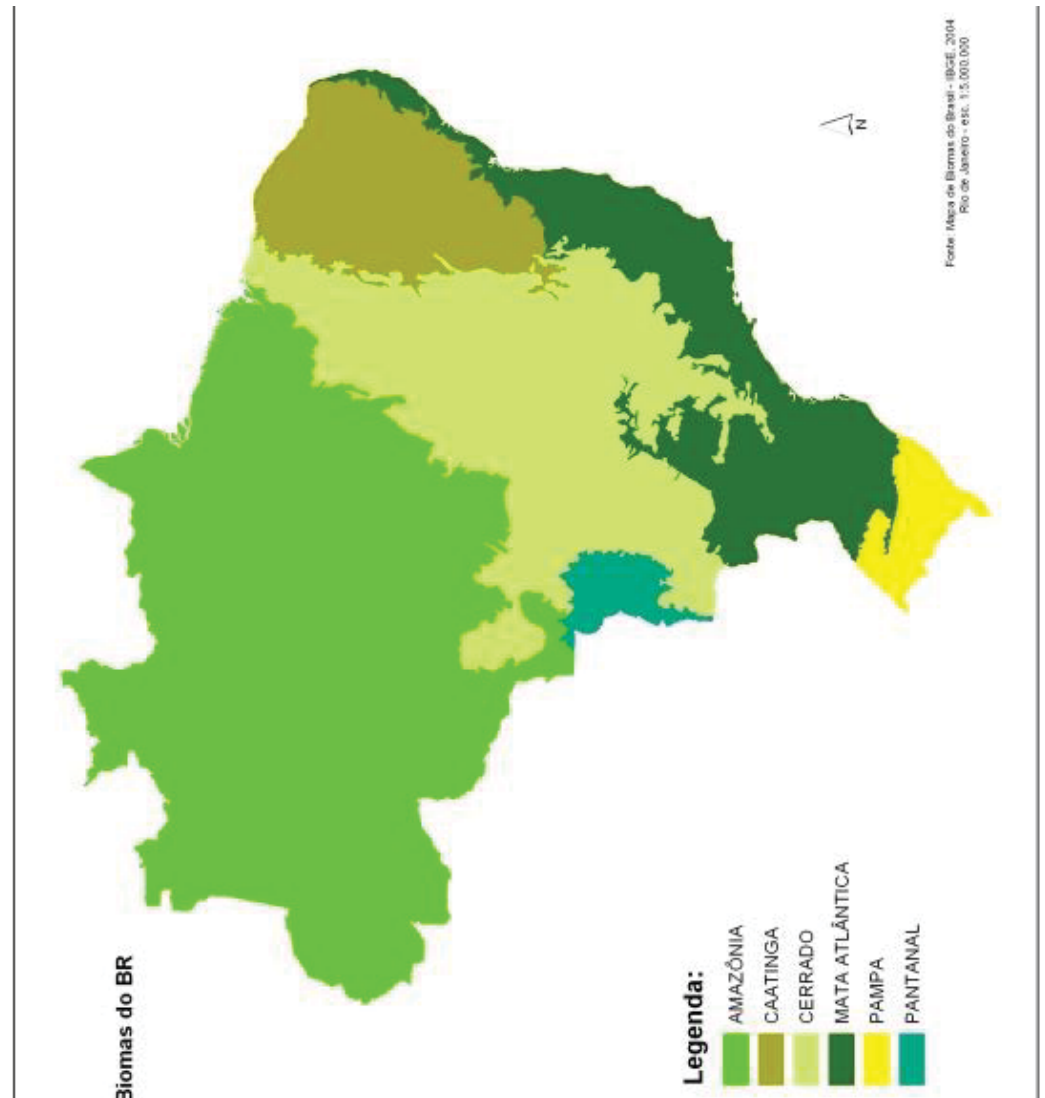


Figura 4. Mapa Biomas do Brasil. Fonte: IBGE 2004

3.2.2. TEKÓ - Caracterização da cultura

O povo Guarani surgiu há mais de dez mil anos, desde essa época a cultura sempre e muito forte, por parte da agricultura e também por parte da religião e organização social que diferencia dos outros povos. O povo Guarani vem da região das matas, campos e dos rios segundo a cultura milenar, através da história contada pelos mais velhos e consegue ainda manter seu modo de vida e se atualizando cada dia, ou seja, passando o conhecimento antigo de geração a geração. Isso enriqueceu o conhecimento do povo Guarani. No território brasileiro vivem os Mbya, Kaiowa e Guarani (Ñandeva), e no estado de Mato Grosso do Sul há Guarani Kaiowa e Ñandeva, ambos têm algo em comum e diferenças em seu modo de viver os rituais e os dialetos.

No Mato Grosso do Sul muitas coisas contribuíram para que Guarani (Ñandeva) e Kaiowa deixassem de viver no seu modo de vida, umas das principais foi a invasão do seu território pelos fazendeiros diminuindo seus espaços, suas matas, e suas águas de qualidade. Assim, foi impossível viver na sua maneira, com isso

Y JEPORU – TEKÓHA YVY KATUPE

TCC:O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU-MS

Guarani e Kaiwa procuraram alternativa para garantir sua sobrevivência conseqüentemente mudando seus hábitos de caça, alimentar, rituais e a prática de esportes tradicionais.

Outro fator que contribuiu muito para a mudança de hábito de viver dos Guarani Kaiowa e Nandeva foi a evangelização, que tirou maior parte da cultura guarani na TI YvyKatu transformando a religião guarani em religião não indígena. Atualmente existem aproximadamente 14 Igrejas diferentes na TI YvyKatu (Aldeia Porto Lindo). Mas mesmo assim por maior parte da comunidade ainda pratica-se os jogos tradicionais ao menos em grandes eventos, como dia 19 de abril e, os rituais - Danças e Cerimônias – ainda são praticadas com mais frequência área do Acampamento YvyKatu, tais momentos são frequentados por indígenas de outras etnias não Guarani. A comunidade local vive com o que o ambiente oferece e também adaptando o hábito que vem de fora.

Y JEPORU – TEKOKHA YVY KATUPE

Descrição da população

A maioria população da terra indígena YvyKatue do povo Guarani Ñandeva, mas também tem algumas famílias dos Guarani Kaiowa. Aproximadamente de 50% da população do município é Guarani, ou seja, quase a metade da população do município é do povo Guarani.

Segundo Secretaria Especializada da Saúde Indígena (SESAI) existem 4863 pessoas cadastradas, supõe-se que ultrapasse 5000 pessoas, considerando as pessoas não cadastradas. A população está dividida na seguinte forma: tabela 1. Figura 4.

Tabela 1. Distribuição da população da TI YvyKatu.
Fonte SESAI/Pólo Base Iguatemi

Período	Aldeias	Quantidade de pessoas por sexo	Quantidade Total de pessoas
2014	Acampamento YvyKatu feminino	248	482
	Acampamento YvyKatu masculino	234	
	Aldeia Porto Lindo feminino	1934	3863
	Aldeia Porto Lindo masculino	1929	

Y JEPORU – TEKoha YVY KATUPE

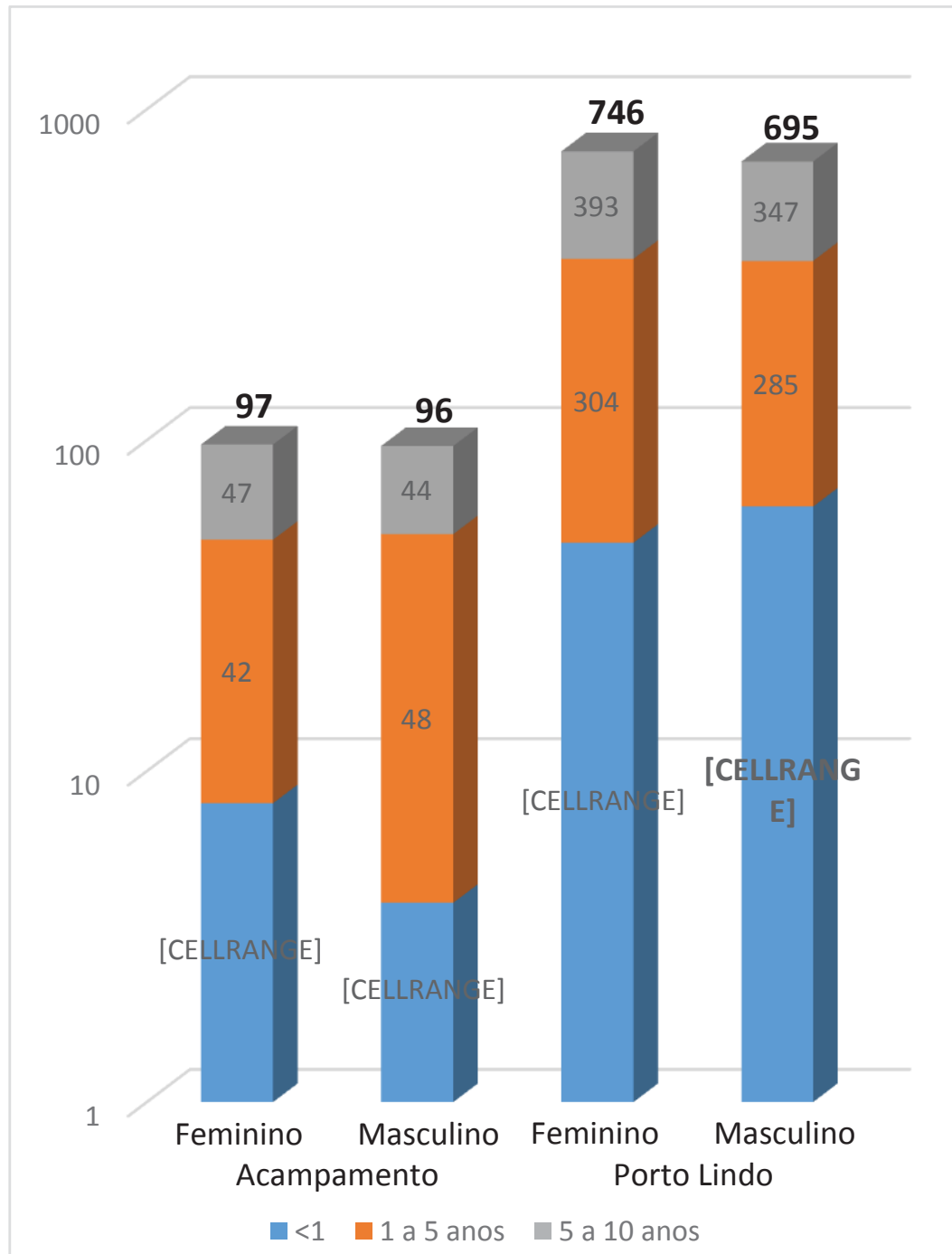


Figura 5. Distribuição das crianças da TI YvyKatu.
Fonte SESAI/Polo Base Iguatemi

4. METODOLOGIA DO TRABALHO

Para alcançar os objetivos utilizou-se os seguintes métodos: diálogo com pessoas mais velhas, mulheres e homens; com os jovens Guarani, diálogo com a SESAI (Secretária Especializada em Saúde Indígena), responsável pelo Saneamento e Centro de Saúde. Levantamentos bibliográficos (mapas, plantas e registros históricos) e estudos da lei 9433/97 – Política Nacional de Recursos Hídricos, da lei 11445/2007 – Política Nacional de Saneamento, da lei 9795/99 – Política Nacional de Educação Ambiental e da lei 7747/2012 Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas. Além de

As idas a campo e com juntos com os alunos de 9^a ano do ensino fundamental do series finais tirando fotos identificando a situações dos rios atuais, pesquisa como eram antes preservadas as águas dos rios na TI e entender por que hoje há secamento de algumas nascentes; como foi diminuindo a largura dos rios e porque está acontecendo poluição das águas na TI; compreender a relação da comunidade com o uso das águas na TI.

Y JEPORU – TEKHA YVY KATUPE

TCC:O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU-MS

Levantamento de dados sobre o monitoramento das águas poços artesianos que servem a águas de consumo da maioria da população local, juntos a Prefeitura Municipal de Japorã

Elaborando sugestões para melhoria da relação entres o povo Guarani e a água na TI YvyKatu envolvendo a comunidade e a escola na recuperação das matas ciliares e das águas (nascentes e córregos).

5. RESULTADOS

5.1. DIÁLOGO DE SABERES

Quadro Comparativo			
	Conceito	Lei Federal	Visão Indígena
FUNDAMENTOS	Água Bem Comum	<p>Água domínio público – Artigo 1</p> <p>Uso prioritário dos recursos hídricos é o consumo humano e a dessedentação de animais;</p>	<p>Água está em tudo, tem que ter para todos.</p> <p>Uso prioritário para consumo humano, dos animais, das plantas, peixes, terra, alimentar rios, ar, ventos, chuva.</p>
	Usos múltiplos	A gestão deve sempre proporcionar o uso múltiplos das águas	A proteção deve manter a água para todas as vidas.

OBJETIVOS	Futuras gerações	Assegurar à atual e às futuras gerações a necessária disponibilidade de água, em padrões de qualidade adequados aos respectivos usos; A articulação da gestão de recursos hídricos com a do uso do solo.	Garantir as águas de boas qualidades pensando nos futuros guarani que virão
DIRETRIZES	Articulação		Para o guarani a água e a terra estão sempre juntas.
INSTRUMENTOS	Classificação	O enquadramento dos corpos de água em classes, segundo os usos preponderantes da água	Classificação por uso: para beber, para pescar, para banho, sagrado.
GESTÃO		1- Conselho Nacional do recurso hídrico; 2- Agencia Nacional de Águas;	- Morador local (familiares) - Comunidade inteira. - Lideranças / SESAI - Cacique

Esse quadro foi construído através do diálogo com os acções da TI YvyKatu e do estudo da lei 9.433, no diálogo adquirimos vários informações sobre as importâncias das águas para o povo Guarani. Depois que coletamos informações organizamos por ordem de acordo com as estrutura da lei 9.433 e construímos o quadro.

5.2. MAPA ETNOGRÁFICO

O estudo possibilitou o reconhecimento das nascentes da TI e o resgate dos nomes dos rios e afluentes segundo a tradição Guarani. Pode-se perceber que a nomenclatura é feita segundo a característica das águas e o uso delas. Notou-se também que a cultura não indígena nomeia os rios segundo a nomenclatura guarani, porém com escrita em português, muitas vezes trocando alguns nomes e sem entender o porquê do nome de cada rio.

A terra está entre dois rios, figura 5, e seu meio possui elevação fazendo um divisor de água. Os afluentes nascidos ao sul correm para o Rio Jacareí e nascidos no Norte correm para Rio Iguatemi.

5.3. SUGESTÕES

Com os estudos feitos apontamos alguns caminhos sugestões para melhoria do uso da água do povo Guaraní como:

- Levando o conhecimento dentro da escola passando os problemas e possíveis soluções para os alunos.
- Incluir as saídas a campo nas aulas das Escolas da aldeia.
- Levar todos os problemas que surgem relacionados às águas nas reuniões. Os alunos acham que isso é um dos caminhos que podem ser solução.
- Educação familiar, ou seja, sensibilizar a comunidade sobre as importâncias das águas. Com isso pode-se educar a família dentro da própria casa.
- Retomar a tradição das grandes reuniões com toda população para dialogar sobre os bens comuns.
- Preparar as lideranças para representar os povos indígenas no Comitê de Bacia, preparar para

representação no Conselho Estadual de Recursos Hídricos.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho foi o início de um levantamento para diagnosticar alguns problemas que surgiram durante o período da ocupação dos brancos. A comunidade foi muito prejudicada nessa parte do meio ambiente que é essencial para sobrevivência do Povo Guarani. Esse tema jamais foi trabalhado pelos pesquisadores locais até mesmo pelos brancos. Percebi que as informações que adquirimos durante essa caminhada foram essenciais para dar a continuidade para estudo focando nessa área de preservação e recuperação das nascentes tendo a comunidade e a escola como parceiras.

Com o estudo observei que para nós povo Guarani Ñandeva a água é importante tanto para outros povos e também para os brancos, mas seu significado é completamente diferente do que os brancos. Nesse trabalho conseguimos levantar muitas coisas que já foram deixadas para trás pelos mais novos, através desse

levantamento poderemos trabalhar mais em cima dos problemas identificados durante esse trabalho.

Tenho a certeza de que os objetivos propostos do trabalho de identificar a importância da água, na natureza e na vida dos habitantes da Terra Indígena YvyKatu reconhecer os tipos de água usada na escola e nas casas, diferenciar entre conhecimento do Guarani e conhecimento das ciências, pesquisar, observar, comparar os dois conhecimentos e mapear as fontes de água em torno da Aldeia, foram atingidos.

Além disso, esse foi um trabalho sistemático de atividades de aprendizagem desenvolvidas no decorrer do trabalho, visando trabalhar conceitos científicos sem deixar de valorizar a cultura Guarani e a realidade local da TI YvyKatu (Aldeia Porto Lindo) Reconheço que foi um planejamento sistematizado com pesquisa, atividades diversificadas de diferentes tipologias, saída de campo para observar, pesquisar, comparar e registrar o vivido. Discutir informações com o auxílio de mapas, observações e pesquisa constantes juntos com os alunos, Diálogo com os anciãos foi essencial para chegarmos os

objetivos propostos desse trabalho.

Espero que os estudantes com os quais eu trabalhei vão ter um olhar mais crítico a respeito dos assuntos discutidos durante o trabalho juntos com eles.

Em todas as avaliações que eu apliquei consegui anotar que eles realmente têm muitas preocupações sobre os futuros gerações da comunidade a respeito das águas e também notei que os mais velhos também tem enorme preocupação para garantir o futuro dos mais novos. Além disso, esperamos que esse trabalho possa contribuir até mesmo para garantir o ambiente mais adequado para nossa comunidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.

BRASIL. Lei nº 11.445, de 5 de janeiro de 2007.

FUNAI. <http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani?start=1#>

GAMARRA, Abelina et al.

TekohaRa'angaKuatiañe'neme. Dourados, ÁraVerá/SED/MS, MEC, 2011

Paulipetro.1981...

Machado,2009...



AGRICULTURA, MEIO AMBIENTE E TERRITORIALIDADE

VISÃO GUARANI SOBRE O TEKOA:

Relato do pensamento dos
anciões e líderes espirituais
sobre o território

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA GUARANI, KAIGANG E XOKLENG
TERMINALIDADE- LICENCIATURA EM HUMANIDADES- ÊNFASE EM
DIREITO INDÍGENA
ACADÊMICO: MARCOS MOREIRA
ORIENTADOR: ALDO LITAIF

VISÃO GUARANI SOBRE O *TEKOA*:

Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o
território

Florianópolis, 30 de janeiro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 30 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 14 horas, na Sala 309 Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Aldo Litaiff e Presidente, Professor Lucas de Melo Reis Bueno Titular da Banca, e Professor, Diógenes Edígio Cariaga Suplente, designados pela Portaria nº 05/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Marcos Morreira, subordinado ao título: "A Visão Guarani sobre Tekoa: Território Guarani". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Lucas de Melo Reis Bueno, a nota final 8,0, do Professor Diógenes Edígio Cariaga Suplente, a nota final 8,0, e do Professor Aldo Litaiff, a nota final 8,0; sendo aprovado com a nota final 8,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 30 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aldo Litaiff

Prof. Diógenes Edígio Cariaga

Prof. Lucas de Melo Reis Bueno

Candidato Marcos Morreira



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Marcos Morreira, matrícula n.º 11100082, entregou a versão final de seu TCC cujo título é VISÃO GUARANI SOBRE O TEKOA: Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o território, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.

Assinatura manuscrita do orientador, escrita em tinta preta sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

SUMÁRIO:

Apresentação

1. Introdução

2. Descrição do contexto histórico e etnográfico: como são as aldeias, como vivem os Guarani nestas comunidades

3. CONVERSAS E INFORMAÇÕES DOS SÁBIOS GUARANI DAS COMUNIDADES: análise dos dados

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. Referências bibliográficas

Anexos

RESUMO:

Esta pesquisa visa falar sobre a visão Guarani sobre o território, com isso pretendo colocar na escrita a fala da oralidade dos anciões e líderes espirituais que buscam e repassam o conhecimento da crença e da tradição milenar do povo guarani. Descrever essa visão de como é o significado e a importância do nosso território para o povo Guarani, que se assemelham o bem viver com a natureza. Essa dificuldade que todos os povos indígenas enfrentam diante da política etnocêntrica. Desde antigamente o modo de ser Guarani é andar pelo espaço guiado pelos deuses, sendo liderados pelas lideranças espirituais a beira mar, procurando a terra perfeita para a gente viver e manter a nossa vida espiritual.

PALAVRAS-CHAVE:

Índios Guarani, território, territorialidade e terra (tekoa).

APRESENTAÇÃO

Meu nome original é KARAÍ VERÁ YVYDJU da etnia Guarani, em brasileiro é MARCOS MORREIRA, atualmente sou professor do ensino médio e orientador pedagógico da escola indígena ITATY, na aldeia a qual onde moro. Nasci na terra indígena CACIQUE DOBLE, município de CACIQUE DOBLE mesmo, RIO GRANDE DO SUL no dia 24 de novembro de 1982. Sou filho de DÁRIO TUPÃ MOREIRA E DE DORALINA PEREIRA. Em 1998 minha família mudou-se para canta galo R.S. que se chama tekoa jataíty, lá estudei até o ensino médio, em 2000 aos 18 anos de idade fui contratado pela Secretaria de educação do estado do Rio Grande do Sul como professor bilíngüe para trabalhar nessa aldeia. Onde na época não tinha uma estrutura física para lecionar. Mas trabalhei em um espaço pequeno de quatro (4²) metros quadrado, cedido pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) onde funcionava um pequeno escritório do chefe da FUNAI. Em 2003 entrei no curso de magistério guarani da região sul e sudeste do Brasil KUAA- MBO'E) CONHECER- ENSINAR. Hoje sou formado no magistério. No final de 2004 mudei para terra indígena guarani Mbiguaçu Yyn Moroti Whera SC, devido ao meu problema de saúde onde eu também conheci meus tios ALCINDO WERÁ TUPÃ E ROSA MARIANI POTY DJA e meus primos na qual nunca tinha conhecido, daí passei a conviver com eles e fui professor do ensino fundamental nessa aldeia na escola indígena de ensino básico WHERA TUPÃ – POTY DJÁ, eles é que me passaram muitos conhecimentos e sabedoria da minha cultura. No final de 2010 iniciou- se mais um desafio na minha vida foi quando fiz o vestibular para cursar a Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica Guarani, Kaigang e Xokleng na Universidade Federal de Santa Catarina. E tendo uma excelente classificação então passei a fazer parte da primeira turma guarani graduando em uma licenciatura.

1 - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa falar sobre a visão Guarani sobre o território, com isso pretendo colocar na escrita a fala da oralidade dos anciões e líderes espirituais que buscam e repassam o conhecimento da crença e da tradição milenar do povo guarani. Descrever essa visão de como é o significado e a importância do nosso território para o povo Guarani, que se assemelham o bem viver com a natureza. Essa dificuldade que todos os povos indígenas enfrentam diante da política etnocêntrica. Desde antigamente o modo de ser Guarani é andar pelo espaço guiado pelos deuses, sendo liderados pelas lideranças espirituais a beira mar, procurando a terra perfeita para a gente viver e manter a nossa vida espiritual. Nhande kuery ete'i ikuai vy oguata okua py vy yy he'ê rembe re yvy rupi nhaneramo'i opita'i va'e rembikuaa rupi oeka okua py yvy marae'y ikuai pora'î água.

O objetivo geral desse trabalho é apresentar a visão guarani sobre o *tekoa*, o território indígena, através da concepção do mundo guarani. Os objetivos específicos são: pesquisar a visão dos sábios dos líderes espirituais (*karai kuery*, *kunha karai kuery*) sobre o *tekoa*; fazer levantamento das principais referências bibliográficas sobre o assunto; buscar o conhecimento arqueológico, especificamente, as inscrições rupestres, como, por exemplo, os da Ilha do Campeche.

No processo de mudança que vem acontecendo ao longo desses anos de colonização e o crescimento do mundo capitalista, e nos estamos exprimidos a essa ideologia etnocêntrica. Hoje, agora é preciso escrever no papel e registrar a fala dos nossos anciões, anciãs e sábios a concepção e visão que ninguém jamais terá a sabedoria de como os nossos territórios é feita e, por que. Hoje o nosso movimento que acontecia antigamente, hoje não acontece mais. Antes da chegada dos europeus tínhamos e almejávamos aventuras ao cumprimento da lei divina no processo ao caminho do YVY MARAE'Y (terra sem males). Após a chegada dos europeus desestruturam toda a organização social do povo Guarani, interrompem e chegam ao momento em que agora

temos a terra, mas que é limitado. A partir disso vejo uma ansiedade dos anciões de contar falar de como é a nossa visão em relação quando se pensa em território ao NHANDEREKO dentro do nosso sistema de visão. Também temos muitas referencias bibliográfica, principalmente: Curt NIMUENDAJU Unkel, Alfred METRAUX, Francisco S. NOELLI, Bartomeu MELIÁ, Maria Inês LADEIRA, Aldo LITAIFF.

A metodologia e técnica utilizadas neste TCC., foram as seguintes: principalmente a pesquisa de campo – observação participante; entrevista diariamente os sábios e os anciões e anciães guarani, xeramoí kuery, sendo que essas entrevistas foram filmadas. Transcrever as entrevista em língua guarani em português. Fazer pesquisas bibliográficas na biblioteca da UFSC e no NEPI (Núcleo de Estudos dos Povos Indígenas). Pontuei e identifiquei os lugares pesquisados através de atividade de campo com os alunos da escola de Morro dos Cavalos. Visitarei a ilha do Campeche, onde existem inscrições rupestres. Apresentarei um vídeo durante a defesa do TCC. Com a minha pesquisa pretendi cooperar com o processo demarcatório das nossas terras para a importância dos espaços físicos e reprodução física do nosso povo e também de poder a sociedade e governos entender a nossa transição livremente em nossos territórios com a virtude de um povo que sempre adquiriu a luta em defesa e na preservação do meio ambiente em que vive. Sempre levando em geração a geração o cumprimento da lei divina o nhandereko (nosso sistema) de ver e entender o nosso pensamento de como é a nossa concepção sobre o mundo em que vivemos.

2 – CONTEXTO PESQUISADO (quem são os Guarani, qual a sua história)

Pertencentes à família Tupi-Guarani do tronco lingüístico Tupi, os Guarani¹ constituem uma das sociedades indígenas brasileiras mais numerosas. Atualmente, a população Guarani no Brasil é de cerca de 50.000 indivíduos, destes, menos da metade vivendo junto aos postos indígenas, pois, até recentemente não possuíam quase nenhum aldeamento definitivo, sendo comum encontrá-los ainda hoje em pequenos grupos circulando pelas rodovias do país. Mesmo assim eles procuram se isolar, buscando o mínimo de contato com a sociedade nacional. Existem hoje quatro grupos guarani localizados na América do Sul: *Chiriguano*s na Bolívia (60.000 indivíduos), *Kayowa* (40.000), *Chiripa* ou *Nhandeva* (30.000) e *Mbya*² (30.000), distribuídos na região centro oeste, sul e sudeste do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Os Guarani, que historicamente eram denominados *Carijo*, habitavam a costa atlântica, desde a Barra da Cananéia até o Rio Grande do Sul (onde era o grupo mais numeroso), a partir daí até os rios Paraná e Paraguai. No litoral sul e sudeste brasileiro encontra-se atualmente uma grande concentração de *Mbya* e de *Chiripa*, habitando o território onde viveram seus ancestrais *Carijo*, até seu desaparecimento no século XVII. Estes lugares são importantes pontos de referência histórica e mitológica, uma vez que eles ainda conservam seus “nomes Guarani”, topônimos que se referem à cosmologia e à descrição geográfica destes locais. Estes índios continuam então fiéis ao seu território de origem, procurando se estabelecer nos mesmos *amba*, ou seja, lugares ou espaços criados e deixados por Deus para serem ocupados por eles. Ressaltamos que estes *amba* estão localizados nos mesmos limites geográficos observados pelos cronistas durante a conquista (Litaiff, 1996).

Os Guarani atuais intensificaram seus deslocamento populacionais em direção ao litoral

¹ A designação “*Guarani*” foi dada pelos Jesuítas no século XVII a certos grupos indígenas da região platina.

² Como ocorre na maioria dos povos indígenas, “*Mbya*” ou “*Mbüa*”, significa “gente”. Segundo Schaden (1969: 83), existe grande confusão quanto aos nomes dos vários grupos em que se dividem os Guarani, por este motivo adotamos esta nomenclatura em obediência ao que estabelece a convenção sobre a grafia de nomes tribais firmada por ocasião da Primeira Reunião Brasileira de Antropologia, 1953, Rio de Janeiro”.

do Brasil no início do século XX, provenientes do interior da América do Sul (Paraguai, Argentina e do estado brasileiro do Mato Grosso do Sul), forçados pela invasão de suas terras por colonizadores, pelos conflitos com outros autóctones, e, principalmente, em busca de *Yvy mara ey*, a “Terra sem Mal”. Os Mbya, que outrora habitavam exclusivamente as florestas do sul da América do Sul, atualmente circulam também sobre as rodovias, visitando parentes, procurando terras, vendendo o artesanato que produzem e/ou buscando trabalho sazonal. Tanto no litoral como no interior dos estados do sul e do sudeste do Brasil, os Mbya e os Chiripa têm sido vizinhos, por vezes coabitando uma mesma área, em razão de suas semelhanças culturais (Litaiff, 1996). O Guarani, e em particular o Mbya, é um desterrado, um estrangeiro em seu próprio território.

DESCRIÇÃO DAS ALDEIAS PESQUISADAS

Segundo o documento “Os Índios Guarani Mbya e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro”, apresentado na XXII Reunião Brasileira de Antropologia, no Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação, ocorrida em Brasília em 2009, por Litaiff e Darella, o litoral de Santa Catarina é parte integrante do território tradicional guarani, sendo que os arqueólogos Fernando La Salvia e José Proença Brochado (1989: 163) esclarecem: "A área na qual foram identificados sítios com cerâmica Guarani forma um bloco maciço de aproximadamente 1.200.000 km², situado entre a costa Atlântica e o Rio Uruguai, e estendendo-se do Trópico de Capricórnio até o Rio da Prata."

Já durante o transcorrer do século XVI, se somaram aos sítios arqueológicos da tradição Tupiguarani ou Guarani - testemunhos da ocupação Guarani mais antigos dos quais se tem conhecimento -, os relatos de viajantes, cronistas, aventureiros, náufragos, religiosos. O período colonial inaugurou, assim, uma espécie de complementação dos registros que destacaram a existência de aldeias de índios Guarani, descreveram usos e costumes, comprovando a presença desse "outro" através de documentos, cartas, relatos, desenhos. Esse material foi produzido por pessoas que aportaram e/ou viveram no

litoral de Santa Catarina ou por terceiros, podendo-se citar Binot Paulmier de Gonneville, Aleixo Garcia, Sebastião Caboto, Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, Hans Staden, Juan de Salazar y Spinoza, Pedro Ortiz de Zárate, dentre outros, que certamente acrescentaram informações quanto à existência ou ao modo de vida dos Guarani. Gabriel Soares de Souza também auxiliou nessa contextualização, elaborando o Tratado Descritivo do Brasil em 1587.

Sendo os que povoavam o litoral no século XVI e os primeiros contatados no litoral sul, os Guarani foram alvo de intenso intercâmbio comercial, escravização, catequização, apresamentos, deslocamentos, guerras, doenças, epidemias e cobiça, causando significativa diminuição da população ou “depopulação”, mas não sua extinção. Os novos limites, cerceamentos e imposições causaram transformações e recriações do "modo de ser" Guarani, acentuando a identidade e a liberdade, aprofundando a “cataclismologia” e a fala profética dos Karai.

Partindo do trabalho intitulado “Terra indígena Morro dos Cavalos: acordos políticos ignoram direitos e ameaçam a integridade do povo guarani do litoral de Santa Catarina, a equipe do CIMI/SUL/Florianópolis (Clovis Antonio Brighenti e Osmarina de Oliveira), há pelo menos três anos e cinco meses a comunidade indígena Guarani da Terra Indígena Itaty ou Morro dos Cavalos, aguarda a assinatura da Portaria Declaratória da referida Terra Indígena, pelo Ministro da Justiça (o prazo legal para a decisão é de 30 dias). Porém os acordos políticos estão colocando os direitos indígenas em segundo plano e ameaçando a integridade da comunidade Guarani. Praticamente todos os aspectos constatados na resistência do Ministério da Justiça em assinar a Portaria Declaratória desta Terra Indígena são aplicados às demais terras indígenas no estado de Santa Catarina, porém é preciso considerar algumas particularidades utilizadas pelos setores contrários à demarcação, para justificar a não-demarcação desta terra. Essas particularidades somente são relevantes pela ausência de vontade dos órgãos competentes do governo federal em equacionar definitivamente os problemas que envolvem as demarcações nesse estado. Os elementos antropológico que fundamentam a tradicionalidade da ocupação do grupo indígena envolvido estão todos contemplados no relatório circunstanciado de identificação e delimitação, elaborado pela antropóloga Maria Inês Ladeira, mediante Portaria nº 838 PRE/Funai de 16 de outubro de 2001 e

Portaria nº 622 de 24 de junho de 2002. Os questionamentos à demarcação não são de caráter antropológico, histórico ou jurídico, são fundamentalmente políticos, conforme ficará demonstrado.

Em Outubro de 1993 a FUNAI emitiu a Portaria nº 973/PRES, constituindo o Grupo Técnico para “identificação e delimitação da TI Morro dos Cavalos”, coordenado pelo antropólogo Wagner de Oliveira. Apesar de estar finalizado em 1995, o relatório foi submetido às novas regras de identificação e delimitação definidas a partir da publicação do Decreto 1775 em Janeiro de 1996. As adequações foram concluídas no ano 2000. Porém o estudo foi recusado pela comunidade indígena por não ter participado do processo e por não se sentir contemplada na sua necessidade, ou seja, a maior parte das terras tradicionalmente ocupadas pela comunidade ficou fora da delimitação. No dia 17 de Julho de 2000 a comunidade Guarani enviou, por escrito, suas razões ao Sr. Valter Coutinho, chefe do Departamento de IEID - Departamento de Identificação e Delimitação, FUNAI, atual CGID – Coordenadoria Geral de Identificação e Delimitação. Segundo a equipe do CIMI/SUL/Florianópolis, o documento relata que no mês de Agosto de 2000 o coordenador do DEID/Funai, voltou a solicitar a anuência da comunidade. Novamente a comunidade recusou os estudos e verbalmente teceu as argumentações em contrário. A terra proposta pela Funai era 121,8 ha, abrangendo apenas terra de morro. Diante da recusa da comunidade indígena o estudo teve que ser refeito. No dia 16 de Outubro de 2001 a Funai emitiu a Portaria nº 838 PRES/FUNAI constituindo o Grupo Técnico, coordenado pela antropóloga Maria Inês Ladeira. Esse estudo foi concluído em dezembro de 2002, aprovado pela Funai e publicado no DOU - Diário Oficial da União em 18 de Dezembro de 2002 e no DOE - Diário Oficial do Estado em Março de 2003.

3 – CONVERSAS E INFORMAÇÕES DADAS PELOS DAS COMUNIDADES E ANALISAR DOS DADOS

Na nossa visão espiritual todo o espaço onde NHANDERU criou é nosso é a riqueza do povo guarani. A TERRA É PARA NÓS CUIDAR, somos guardiões do universo somos um povo em que NHANDERU confia por isso deu toda a sabedoria e conhecimento de como cada elemento surgiu, a humanidade plantas sagradas pássaros enfim tudo.

Quando cantamos e rezamos, estamos reverenciamos à NHANDERU, e seus guardiões, TUPÃ, NHAMANDU, JAKAIRA, KARAI por tudo que ele nos ensinou para sobreviver, alegria, sentimentos, amor, tranquilidade, a sabedoria de falar somente a verdade e o necessário na vida, respeito aos outros, e repassar, praticar a tradição na oralidade e também o nossa regra da palavra escrita na oralidade, de hoje termos a linguagem falada pelos homens, mulheres, crianças, tcheramoi, tchedjaryi. A linguagem de falar com os espíritos das plantas medicinais, frutas, e sementes que plantamos a forma de falar com o NHANDERU E NHANDE CHY. E principalmente a nossa organização social. Tudo isso praticamos em nosso espaço físico e espaço cosmológico. As antigas aldeias e atuais estamos por onde nossos antepassados sonharam ou terra revelada por NHANDERU para que ali pudéssemos viver e praticar tudo que nossos ancestrais por algum momento rezaram para que nós hoje continuássemos á reverenciar por tudo e por todos. Quando rezamos. Rezamos para as quatro direções ao céu e a terra ao pai sol a NHANDERU e NHANDE TCHY , quando vamos ocupar os espaços físicos pedimos licença para o guardião daquele lugar, que cuida daquele espaço, ao guardião da agua, para que assim nós possamos se usufruir da natureza. Todos os lugares para formar um tekoa e construir o nosso koty são lugares revelados pelos nossos anciões e líderes espirituais: "cada povo tem seu jeito de contar a sua própria historia, cada um conta do seu jeito, a nossa historia guarani além da escrita com lápis ou caneta, esta registrada na natureza e nos nossos costumes (ORE REKO). cada povo tem o jeito de olhar para as coisas. Nós Guarani, temos o nosso jeito" texto tirada do livro Antunes, Adão (palavra do xeramoî)

Quando se fala do território guarani, estamos falando de espaço, tempo, convivência, terra, animais, plantas medicinais, deuses e da crença, ou melhor o nosso yvy rupa (território ou berço da terra), tudo junto. O filho de NHANDERU o NHAMANDU que criou o povo guarani que deu o ARANDUA (sabedoria e conhecimento) para que pudesse até hoje praticar o NHANDE REKO (nosso sistema), desde o significado de ocupação territorial de ter o respeito e manejo sobre a natureza. Deu a sabedoria de como manejar a agricultura, a origem de cada tipo de sementes para plantar de como praticar vários tipos de danças tradicionais, cantos para as crianças, cantos de reverenciar os deuses, cantos de ninar, cantos para consagração das sementes para serem plantadas e nas colheitas, rezo somente cantada no axojava ropy (casa de reza). No batismo, cantos em agradecimentos a NHANDERU ETE (Deus, Pai verdadeiro aquele que nos enviou aqui na terra) e NHANDE XY (nossa Mãe verdadeira) e a seus guardiões por tudo que ele nos deu. Cantos em diferentes cerimônias, rezas cantadas na morte explicando melhor na sua passagem da vida material para espiritual também para a vida de cada um. Rezo pela água, pelo TATAENDY REKOE (Fogo Sagrado) por que tem nos mantido vivo até hoje é o fogo ela é o nosso espírito. Até mesmo para as quatro dimensões do universo, água, fogo, terra e ar. São de extrema importância para todos os seres que vivem na terra e espaço. Também deu conhecimento e sabedoria da origem do universo, constelações e de sua morada KOTY YVYDJU. Do mar PARAGUAXU, de como fazer nossa casa, nossos alimentos. Em que estação do ano devemos plantar, em que lua é bom plantar as sementes que são consumidas? Deu a sabedoria para saber a hora de se levantar, dormir e comer as refeições. A educação de comportamento das meninas e meninos, as regras e atividades para ambos. As regras para caça e pesca enfim tudo aquilo que praticamos até hoje. Desde nossos ancestrais estes conhecimentos e sabedoria vêm de geração a geração. Mas em cada momento e época de cada geração é diferente uns dos outros, por que cada geração vem com conhecimento mais avançados para se adequarem em diferentes épocas, devido às mudanças de tempo e climas. Assim acompanhar as mudanças que acontece no tempo e na natureza. "Cada época era uma época". Para entender melhor cada estação de anos o NHANDERU e seus GUARDIÕES que estão na ordem do NHANDERU, eles também estudam sobre o universo de como melhorar cada vez mais tudo aquilo que eles geraram. Porque eles também têm seu mundo onde eles vivem o yvydju ou mesmo já mencionei o KOTY YVYDJU (morada dos deuses). Então, quando o povo guarani fala sobre territorialidade, fala do mundo onde vive e do cosmo, nada fica separado um do outro,

pois é uma visão “holística” do mundo (Litaiff, 1991). Para os Guarani os espaços da terra são para vivenciar todos estes ensinamentos dentro da nossa tradição. Durante a ocupação guarani no seu território são marcadas através de plantas sagradas que é plantadas pelos xeramoí kuery onde se estalam para formar o TEKOA (aldeia ou fazer vida nova) ali formar sua organização social o TEKO (vida guarani) NHANDE REKO (nosso sistema) ORE REKO (nosso costume). Dessa forma salientavam a iniciar o TATAYPY RUPA RÃ (futura aldeia berço para cama do fogo sagrado), onde ia ser aceso o fogo sagrado. Na visão guarani essa é a forma verdadeiramente chamado lugar ou aldeia. Nesse momento a dedicação à espiritualidade de manter a crença e sempre na busca da terra sem males (yvydju, yvy marae'y), sempre chegar ao lugar sagrado onde reverenciavam para NHANDERU, NHANDEXY, para serem levados pelo NHANDERU de volta ao seu lugar de onde viemos. Este conhecimento jamais os não índio vão compreender e entender a nossa visão e pensamento que temos sobre o território e a territorialização guarani que é além do imaginário. É o lugar visto hoje nas inscrições rupestres, ali são marcadas varias gerações que passaram e registradas. Para cada geração que ali alcançava era deixada a sua historia para que as próximas gerações chegassem a esse lugar e lerem a sua história escrita através de símbolos.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É necessário entender claramente que existe panorama de governo para o reconhecimento dos direitos consuetudinário dos povos indígenas de reivindicar a nossa terra que tradicionalmente ocupamos ou aqueles que de fato são nosso já desde antes da invasão dos europeus em nossos territórios. Também de prevalecer cada vez mais os nossos direitos, garantida pela constituição federal ou chamada de carta magna. Mas na realidade em que vivemos muitas das vezes a sociedade e governos exigem comprovação de estudos de que aquele território lhe foi e que é daquele povo. Nota-se também a luta dos xeramoí kuery juntamente com as lideranças políticas e instituições movimentos indígenas para garantir os nossos territórios. E a ferramenta mais importante de todo esses processos de luta, é a fala e o pensamento dos xeramoí kuery, por que eles são os pilares de todo o conhecimento e sabedoria do cosmo visão que visa á sobre sair de um processo demarcatório do nosso povo. Assim garantindo o nosso legado da nossa cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CLASTRES, Hélène. *La terre sans mal, le prophétisme tupi-guarani*. Éditions du Seuil, Paris, 1975.

DÍAZ-MARTÍNEZ, Noemi. « La migration *mbya* ». In: *Dédalo*. Número 24, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 1985.

LADEIRA, Maria I. M. *O Caminhar Sob a Luz. O Território Mbya e a beira do oceano*. Programa de Pós-graduação em Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

LITAIFF, Aldo. *Representações Étnicas dos Mbya-guarani do Rio de Janeiro*. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

MELIÀ, Bartomeu. « A Terra sem Mal dos *Guarani*, economia e profecia ». In: *Revista de Antropologia*, vol. 33, Faculdade de Ciências Humanas, Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

MÉTRAUX, Alfred. *Migrations historiques des Tupi-guarani*. Maison-neuve frères, Paris, 1927.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista Espiritual*. Martins Livreiro Editor. Porto Alegre, 1985 (1639).

SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

ANEXOS:**ANEXO 1****SITUAÇÃO FUNDIÁRIA DAS TERRAS INDÍGENAS GUARANI NO
ESTADO DE SANTA CATARINA**

N°	Terra indígena/aldeia	Município	População	Famílias	Hectares	Situação jurídica atual	
1	Cachoeira dos Inácios/ Marangatu	Imaruí	105	21	67	Regularização fundiária em fase de finalização	Terra Indígena do Gasodromal A ser criada de áreas de responsabilidade Aguardando (em análise)
2	Massiambu	Palhoça	05	01	4,5	Área seqüestrada judicialmente	Estudo preliminar A ser criada pela FUNAI
3	Morro dos Cavalos	Palhoça	99	19	1.988	Delimitação aprovada pela FUNAI em 2002	No aguardo do Ministério da Justiça homologação em termos de 17/02/2002
4	Cambirela	Palhoça	25	5		Sem providência	A ser criada pela FUNAI
5	Mbiguaçu	Biguaçu	105	28	59	Área homologada. REG CRI E SPU. (05/05/2003)	Falta o Relatório A ser criada de áreas de responsabilidade

6	Tekoá Itanhaem	Biguaçu	25	5	216	Regularizada	Área ind mitigador DNIT/FUNAI
7	Amâncio / Yvy Ju	Biguaçu	20	6		Sem providência	A ser criã pela FUNAI
8	Kuri'y	Biguaçu	71	18		Regularizada	Área ind mitigador DNIT/FUNAI
9	Tava'i	Canelinha	35	8		Regularizada	Área ind mitigador DNIT/FUNAI
10	Pindoty	Araquari	31	4		Em processo demarcatório	Relatório análise pe Jabuticab
11	Conquista	Balneário Barra do Sul	37	6		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI.
12	Jabuticabeira	Araquari	27	6		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI.
13	Yvapuru	Araquari	40	9		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI.
14	Tarumã	Araquari	25	4		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI.
15	Tiaraju / Pirai	Araquari	64	18		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI .
16	Morro Alto	São Francisco do Sul	81	19		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI .
17	Reta	São Francisco do Sul	32	5		Sem providência	A ser criã pela FUNAI
18	Yakã Porã	Garuva	37			Sem providência	A ser criã pela FUNAI
19	Toldo	José Boiteux Vitor Meireles Doutor	127	30			A comun: mas reivi

		Pedrinho					
20	Bugio	José Boiteux Vitor Meireles Doutor Pedrinho	47	10			A comun mas reivi
21	Limeira	Entre Rios	114	32			A comuni povo Kair
22	Araçai	Saudades / Cunha Porã	71		2.721	Área com portaria declaratória do Ministério da Justiça (19/04/2007).	Os grupo (Kaingang
23	Morro Grande	Morro Grande	?????			Em regularização	Área ind mitigador

Obs.: 1. Os dados são referentes aos ano de 2013, não atualizado. 2. O processo demarcatório de terras indígenas no Brasil está definido pelo Decreto 1.775/96, que apresenta as seguintes etapas:

- identificação (terra indígena a ser estudada ou em estudo pela Funai);
- delimitação (limites aprovados pela FUNAI, publicados no Diário Oficial da União e no Diário Oficial do Estado);
- declaração (limites reconhecidos pelo Ministério da Justiça, viabilizando a demarcação física da área);
- homologação pelo Presidente da República e
- regularização (registro no cartório de registro de imóveis do(s) município(s) e na Secretaria de Patrimônio da União).

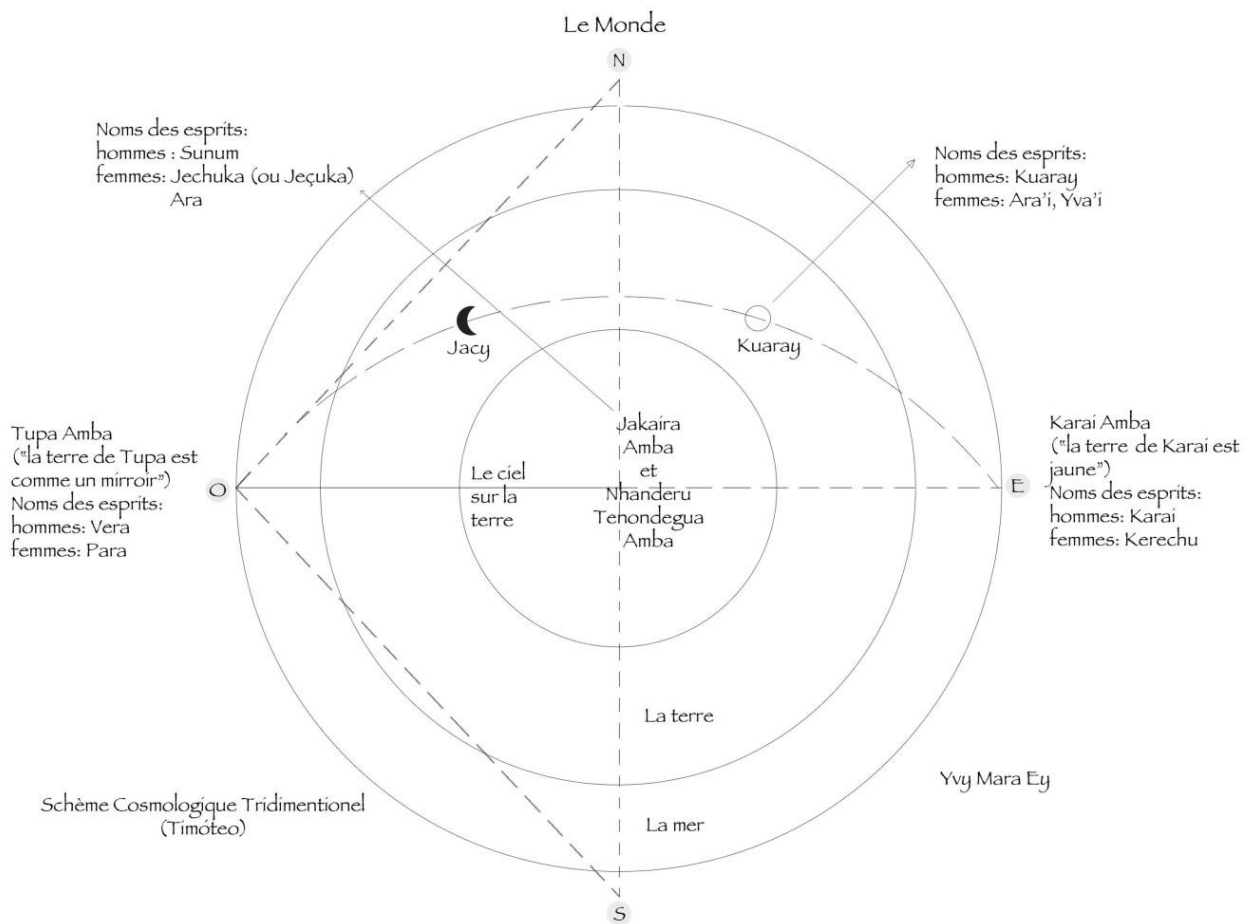
Fontes:

- PROCURADORIA DA REPUBLICA NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PR/SC) http://www.prsc.mpf.gov.br/estrutura/areas/utc/terras_indigenas_sc.pdf
- *Reunião de Planejamento dos Estudos para Identificação e Delimitação das Terras Indígenas nas Regiões Sul e Sudeste do País – O Contexto Guarani e Tupi-Guarani*, realizada pela CGID/DAF/FUNAI em Brasília/DF, no mês de setembro de 2007.
- PROJETO RONDON – ver a designação oficial da ONG.
- Laboratório de Etnologia Indígena (Museu Universitário/PRCE/UFSC).
- Site: Instituto Socioambiental (ISA – São Paulo).
- Site: Centro de Trabalho Indigenista (CTI – São Paulo, Brasília).
- Decreto 1.775/1996.

ANEXO 2:

Esquema Cosmológico Guarani

(Aldo Litaiff)





**SIMBOLOGISMO
E ARTESANATO**



SIMBOLOGISMO E ARTESANATO

**A NOSSA HISTÓRIA SOBRE O
MBARAKA MIRIM OU MBA'ÉPU
MIRIM (O CHOCALHO GUARANI)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA

ATLÂNTICA

Área de Humanidades

**A nossa história sobre o *Mbaraka Mirim* ou *Mba'epu*
Mirim (o chocalho guarani)**

Acadêmico: Cláudio Ortega Mariano

Orientador: Prof. Dr. Aldo Litaiff

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 23 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 14 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor **Aldo Litaiff**, Orientador e Presidente, Professor **João Rivelino Rezende Barreto**, Titular da Banca, e Professor, **Ana Luzia Nunes Caritá**, Suplente, designados pela Portaria nº 23/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Claudio Ortega Mariano**, subordinado ao título: "Mbaraka Mirim - o chocalho Guarani". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Aldo Litaiff**, a nota final...9....., do Professor **João Rivelino Rezende Barreto**, a nota final ...9..., e da Professora **Ana Luzia Nunes Caritá**, a nota final 9....; sendo aprovado com a nota final 9.... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aldo Litaiff.....

Prof. João Rivelino Rezende Barreto.....

Prof. Ana Luzia Nunes Caritá.....

Candidato Claudio O. Mariano.....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Claudio Ortega Mariano, matrícula n.º 11100033, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Mbaraka Mirim – o chocalho guarani, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2015.

Assinatura manuscrita do orientador, escrita em tinta azul sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

Resumo:

Essa pesquisa tratará do Mbaraká Mirim Guarani (chocalho), buscando os conhecimentos sobre a história e a importância que este instrumento sagrado tem na nossa cultura. Até hoje na maioria das comunidades guarani ainda é muito forte o uso desse instrumento tanto na casa de reza pelo xaramoi (Opygua), quanto nos cantos de corais de crianças das aldeias. As pessoas das comunidades guarani já utilizam o Mbaraká Mirim como um dos artesanatos para comercialização. Isso acontece na maioria dos casos por necessidade e principalmente por falta de conhecimento sobre a importância que tem esse instrumento para a nossa cultura Mbya Guarani. Esse trabalho foi realizado na aldeia Mymbá Roka, no Município de Biguaçu, através das pesquisas com os mais velhos da comunidade, também a partir de livros específicos sobre o Mbaraka Mirim.

Palavras-chave: Índios Guarani-Mbya, Mbaraka Mirim (chocalho guarani), Identidade Étnica.

Sumário:

Resumo - 3

Apresentação - 4

1. Introdução - 5

2. História do surgimento do Mbaraka Mirim ou Mba'epu Mirim - 9

3. Fórmula da confecção tradicional do Mbaraka Mirim - 15

4. Modo de confecção do Mba'epu Mirim atual - 21

5. Considerações finais - 34

6. Bibliografia – 35

7. Anexos - 36

Apresentação:

Meu nome em português é Cláudio Ortega Mariano, mas em guarani me chamo Werá Mirim (Pequeno Trovão). Sou natural do Município de Maquine, situado no norte do Estado do Rio Grande do Sul. Sou acadêmico da licenciatura Intercultural indígena da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), na área de Humanidades, com ênfase em Direito Indígena. Atualmente moro na aldeia Mymba Roká, no Município de Biguaçu, Estado de Santa Catarina. Antes eu morava na aldeia de Maciambu, localizada no Município de Palhoça, Santa Catarina. Nessa aldeia tive o privilégio de ser nomeado pela comunidade para participar do curso de magistério específico guarani "KUAA MBO'E - CONHECER E ENSINAR", me formando em 2010. Nesse curso tive a oportunidade de aprender muitas coisas importantes, tanto para minha vida pessoal, quanto para a profissional, para trabalhar na educação tradicional na minha comunidade.

No final do ano de 2010 tivemos um vestibular específico para as três etnias de indígenas de Santa Catarina: Guarani, Kaingang e Xokleng, na Licenciatura Intercultural Indígenas do Sul da Mata Atlântica, do CFH da Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo aprovação. O curso iniciou no início de 2011 e hoje, final de 2014, apesar de todas as dificuldades, consegui finalizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Busquei no meu TCC pesquisa sobre história do mbaraka mirim guarani, instrumento musical e ritual muito importante para a religião guarani. Com fé em Nhandereu espero fazer um bom trabalho, para que seja mais um dos instrumentos de ensino nas escolas guarani.

1. Introdução:

Fiz o meu Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura Intercultural Indígena sobre a história do surgimento e a importância do chocalho de reza para a nossa cultura, buscando os conhecimentos que os mais velhos têm sobre esse instrumento, de como eram construídos, se tinham materiais específicos. Durante esse tempo, aprofundei o meu conhecimento sobre como eram as regras de usos desse instrumento, compostas pelos karaí opy gua, se o mbaraka mirim tem o momento e o local próprio para ser utilizado. Também pretendia saber quem pode usa-lo, e se existia um formato específico para se construí-lo.

Hoje a maioria das comunidades guarani usa esse instrumento, mas sem conhecer a sua história e nem a importância que tem para a nossa cultura, principalmente para os mais velhos. Atualmente o chocalho é mais usado no grupo coral de canto das crianças das comunidades, sendo que já foi incluído como mais um dos artesanatos comerciais. Entretanto, a maioria das pessoas da comunidade, principalmente os jovens e crianças, não tem mais o conhecimento sobre a importância e as regras de uso do mbaraka mirim. Sabemos que os Guarani mais velhos ainda mantêm seu conhecimento vivo em suas memórias. Muitas vezes eles deixaram de lado as práticas de uso desse instrumento, entretanto isso acontece devido ao desinteresse das pessoas das comunidades que ali vivem. Esse trabalho irá ajudar principalmente aos jovens e as crianças Guarani no fortalecimento de teko, a nossa cultura, pois esse instrumento faz parte da história e da identidade do nosso povo.

A identidade étnica (Litaiff, 1991) trata das características específicas de uma cultura diante de outra(s), ou seja: quem somos nós, como somos, por que somos? Ela é constituída por traços que nos torna diferentes diante de outros, ou seja, a identidade surge no contato, através do contraste na constatação da diferença, pois implica na afirmação de “nós” diante do “outro”. Compreende fatores que unificam um grupo humano, diferenciando-o de outros, pois só posso reconhecer um “outro” povo através

da comparação, do contraste. Desta forma, é importante para todos os povos indígenas manterem sua identidade, seu sistema, o que chamamos teko em língua guarani.

Assim, escolhi esse tema buscando os conhecimentos que os xeramoí (nosso avô, os mais velhos) têm sobre o mbaraka mirim ou mba'epu mirim, pois alguns relatos destes mais velhos sobre esse instrumento era, e ainda é muito importante e sagrado para a nossa cultura. Percebi que por alguma razão que quero investigar, com o tempo, esse conhecimento foi perdendo a importância e valorização. Entretanto, hoje percebo que o uso desse instrumento ainda é muito forte na maioria das aldeias guarani, especificamente pelo Karaí opygua (o rezador), nas casas de rezas (opy), durante o ritual noturno, quando é cantada pelas pessoas das comunidades. Por outro lado, também percebi que muitas pessoas da aldeia, apenas usam o mbaraka mirim como mais um dos artesanatos de comercialização para o sustento de suas famílias. Principalmente os jovens e as crianças já não têm mais o conhecimento da importância que esse instrumento tem para a nossa cultura guarani.

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso foi estudar a história do surgimento e a importância do mbaraka mirim na cultura mbya-guarani. Os objetivos específicos são: investigar como era feito e de qual material o mbaraka mirim era construído antigamente, se existiam materiais específicos que os mais velhos utilizavam na construção. Analisar o conhecimento que os mais velhos têm sobre as regras de uso desse instrumento, por quem é utilizado, em quais momentos os xeramoí (avôs, os mais velhos) o usam e usavam. Finalmente, pesquisar se existiam instrumentos específicos para cada ritual diferente.

Esse trabalho foi realizado na aldeia Mymbá Roka ou Biguaçu, localizada no litoral norte do Estado de Santa Catarina, através de entrevistas realizadas com três pessoas sábias da comunidade. A pesquisa foi feita também em livros sobre a cultura guarani especificamente sobre o mbaraka mirim. Escolhi esse tema, pois quero buscar esses conhecimentos que os xeramoí têm sobre esse importante instrumento musical de reza. Constatei que em alguns relatos dos mais velhos esse instrumento é e ainda é muito

importante e sagrado para a nossa cultura; entretanto, com o tempo ele foi se perdendo sua importância e valor.

Mas até hoje vejo que ainda é muito forte o uso desse instrumento na maioria das aldeias guarani, nas casas de rezas pelos Karai opygua e, também pela as pessoas das comunidades, porém a maioria das pessoas da aldeia apenas usa o mbaraka mirim como mais um dos artesanatos, na comercialização para o sustento de suas famílias e, principalmente os jovens e as crianças já não tem mais o conhecimento da importância que esse instrumento tem para a nossa cultura guarani. Por esta razão quero buscar esse conhecimento que os mais velhos têm sobre o mbaraka mirim. Porque através dessa pesquisa quero registrar no papel os conhecimentos milenares dos nossos antepassados sobre mbaraka mirim. Também vou realizar esse trabalho com intuito de repassar esse conhecimento para os jovens e crianças guarani, para que eles mantenham vivos e fortalecer cada vez mais esses conhecimentos do nosso povo guarani sobre o mbaraka mirim, pois esse instrumento faz parte da história e o cotidiano do nosso povo guarani.

Esse trabalho foi realizado na aldeia Mymbá Roka-Biguaçu, através de pesquisas com as pessoas sábias da comunidade e também a partir de livros que tratam da cultura e sociedade guarani. Pretendo registrar entrevistas através de gravações e da posterior escritas dos relatos de histórias e dos mitos, que são os conhecimentos milenares dos nossos antepassados, contados pelos mais velhos guarani, que também tratam da origem do mbaraka mirim. Logo, entrevistei os mais velhos e também os mais novos sobre o uso e significado desse instrumento. Fiz fotos desses chocalhos e dos xeramo tocando estes instrumentos. Assim, o meu TCC foi basicamente constituído pelos relatos dos mais velhos e pelas fotografias da venda dos chocalhos e das fotos tiradas durante a execução das músicas e dos rituais. Realizei esse trabalho com intuito de repassar esse conhecimento para os mais jovens e crianças guarani, para que eles se mantenham vivos e fortalecer cada vez mais teko (sistema, cultura), conhecimentos que fazem parte da história e o cotidiano do nosso povo desde sempre.

A metodologia utilizada neste trabalho a conversa (entrevista) com os Xeramoy da aldeia, registrando relatos de histórias mais recentes e mitos contados pelos mais velhos guarani sobre o mbaraka mirim. As técnicas utilizadas foram a fotografias, gravação das conversas, desenhos feitos pelos Guarani das comunidades pesquisadas. Além disso, como foi dito acima, fiz uma pesquisa bibliográfica em alguns livros sobre o mbaraka mirim Guarani e também livros dos autores jurua (não-índios), que pesquisaram e pesquisam a cultura guarani, especificamente sobre o mbaraka mirim, seu uso e explicações a respeito desse instrumento musical.

2. História do surgimento do mbaraka mirim ou mba'epu mirim

Há muito tempo atrás, existia um semideus chamado “Nhanderu Mirim” que vivia nesse mundo que vivemos hoje. Nessa época o “Nhanderu Mirim” tinha um tipo de ruína onde era a sua morada. Ele vivia nesse “Yvy vaí” como os mais velhos chamam esse mundo, por opção de “Nhanderu hete”(Deus). Ele o enviou com uma missão a cumprir nesse “Yvy vaí”. Então a missão que o Nhanderu hete deixou para o “Nhanderu Mirim”, era proteger o povo que viviam nesse “Yvy Rupá”, de todo o mal que existe nesse Yvy vaí, cumprindo essa missão direitinho como o Nhanderu Hete queria. Ele levaria o Nhanderu Mirim de volta para “nhanderu retã”, a morada do Nhanderu Hete. Assim ficou o Nhanderu Mirim cumprindo a sua missão na terra como o guardião do nosso povo. Assim passaram-se anos e anos e ele lá com o seu instrumento sagrado rezando todos os dias e noites. Até que num certo dia cumpriu a sua missão nesse mundo e, chegou o dia de Nhanderu Mirim retornar para a morada de Nhanderu Hete (Yvy Maraen’y). Assim realmente ele retornou para Yvy Maraen’y com a missão cumprida. Mas como ele é o guardião do povo guarani, falou consigo mesmo e diz: “vou deixar as sementes para construir um instrumento para meus irmãos lembrarem-se de mim eternamente, usando e tocando meu instrumento”. Assim ele se foi deixando as suas sementes nesse mundo.

Certo dia nasceu um menino guarani, mas havia um problema com essa criança. Durante o primeiro ano o menino não crescia com saúde. Estava sempre doente e com quase dois anos de idade, ainda não conseguia andar, a criança era muito magrinha e fraca. Seus pais ficaram bem preocupados com o destino de seu filho. Numa noite o pai dele sonhou com Nhanderu. No sonho Nhanderu lhe disse que enviou o menino para este mundo para ser o “yvyra’ija” desse povo. Então esse menino foi escolhido pela comunidade para que ele fosse o líder da aldeia e conseqüentemente o “yvyra’ija” do povo Guarani. Seria um protetor espiritual, mas era preciso que ele sarasse e crescesse forte e saudável, pois só assim poderia ser o yvara’ija (pajé ou chamam). Para que isso

ocorresse com criança o pai deveria construir o mbaraka mirim ou mba'epu mirim para seu filho.

Através daquele sonho que o pai do menino teve, recebeu também a revelação de que o Nhanderu Mirim, antes de retornar da terra, tinha deixado algumas sementinha de cabaça num lugar onde, esse pai do menino sempre rezava. No dia seguinte o homem foi num lugar sonhado e realmente as sementes estavam lá. Então ele pegou e levou para plantar como o Nhanderu pediu no sonho e que quando crescesse a planta e tivesse cabaça do tamanho certo, era para ser construído um instrumento sagrado, mas que esse instrumento deveria ser chamado de mba'epu mirim e assim foi feito. Desde a época a cabaça é muito importante para o utensílio. Porque ela tem várias utilidades: usa-se para colocar água, mel, farinha e outros alimentos tradicionais e importantes para o cotidiano da aldeia. Por esta razão o Nhanderu aconselhou a este homem fazer o Mba'epu mirim para seu filho de hy'akua (cabaça). O pai assim o fez, o primeiro Mba'epu Mirim, furou uma cabaça despejou as sementes e dentro dela fincou uma pequena madeira chamada guajuvira, que lhe serviu de cabo do instrumento e semente colada era guãpim'í, pois as sementes a serem colocadas dentro daquela cabaça não poderiam ser qualquer tipos de sementes deveriam ser especiais como guãpim'í, aguai, yvau'í ou kapi'í'a (lágrimas de nossa senhora), só elas tinham o som certo para dar poder ao yvyra'ija à ter forças para enfrentar o mal espíritos e fazer a cura para o seu povo. Depois do instrumento pronto, até então um simples objeto que soltava o som, foi preciso usar o petyngua (cachimbo guarani) e soprar uma baforada de fumo no objeto musical para que ele se tornasse um instrumento sagrado.

O homem ainda guiado pelo seu sonho acendeu seu petyngua (cachimbo) e começou a assoprar e a fumaça envolveu o instrumento como um leve manto suave. Então o chocalho se transformou em um instrumento de uso sagrado. Feito o mba'epu mirim o pai deu esse objeto sagrado ao seu filho, ainda estava doente. Nhanderu orientou então que pai e filho continuassem a dar baforada naquele instrumento sagrado e, que toda a tarde o pai ensinasse o menino a toca-lo, mas era importante entoar o som certo. Assim, passaram-se vários dia e meses e eles aprenderam a tocar brincando juntos, cada um tocando seu mba'epu mirim, e assim o menino sarou de sua doença com força desse

instrumento sagrado. Quando se tornou jovem e sadio. La por volta de quatorze anos o menino já estava preparado para curar as pessoas das doenças, e principalmente curando as doenças espirituais de seus parentes da aldeia. Assim era a vida desse jovem no dia a dia na comunidade, ele vivia sempre rezando, com seu inseparável instrumento sagrado que o salvou da doença, quando era criança. Ao aprender a tocar corretamente seu Mba'epu mirim, ele adquiriu a força e se tornou um yvyra'ija, o guardião enviado por Nhanderu. Esse instrumento sagrado é chamado de Mba'epu Mirim, porque ele é deixado e era usado por Nhanderu mirim nas rezas que fazia para Nhanderu heté, pedindo a proteção das pessoas. Assim, surgiu o Mba'epu mirim. Por isso, “até hoje todos os guarani passaram a fazer o mba'epu mirim como o sonhado”.



O menino sonhador e (a seguir) índio Guarani caçando (foto de Claudio Ortega Mariano)







Guilherme Bentes e seu mba'epu mirim, 9 anos (foto de Claudio Ortega Mariano, 15-12-2014)

3. Fórmula da confecção tradicional do mba'epu mirim

- Colher uma Cabaça (hy'akua) e deixar secar ao sol.
- Fazer uma abertura na cabaça e inserir dentro dela sementes de guãpi'i, aguaí, yvau ou pode ser também kapi'í'a (lágrimas de nossa senhora).
- Cortar um pedaço de madeira específica para confecção de mba'epu mirim que nós guarani chamamos de nhandyta para fazer o cabo do chocalho.
- Fixar a madeira à hy'akua com fios de embira ou cipó Imbé usando cera de abelha como colante.
- Colher uma Cabaça (hy'akua) de globular e deixar secar ao sol.
- Fazer uma abertura na cabaça e inserir dentro dela sementes de yvau ou pode ser também kapi'í'a (lágrimas de nossa senhora).
- Cortar um pedaço de madeira específica para confecção de mba'epu mirim que nós guarani chamamos de nhandyta para fazer o cabo do chocalho.
- Fixar a madeira à hy'akua com fios de embira ou cipó Imbé usando cera de abelha como colante.

Atualmente os jovens já não tem mais o conhecimento de como antigamente era as confecções desse instrmento sagrado. Porém os mais velhos guarani ainda matém esse conhecimento de como é o modo tradicional de confeccionar o mba'epu mirim para usar nas rezas, batismo ou nos rituais de cura, conforme as seguintes fotos (de Claudio Ortega Mariano):









Mba'epu Mirim tradicional (foto de Claudio Ortega Mariano)



Casa de reza na aldeia Mymbá Roká (foto de Claudio Ortega Mariano)



Mba'epu Mirim atual (foto de Claudio Ortega Mariano)

4. Modo de confecção do mba'epu mirim atual

- Colher uma cabaça de qualquer formato ou tamanho raspar e deixar secar ao sol.
- Fazer uma pequena abertura nos dois lados da cabaça em forma vertical e inserir dentro dela sementes, pedrinhas, conchas do mar ou quaisquer elementos naturais que resulte em som.
- Cortar qualquer tipo de madeira de madeira, como taquara lixa, bambu etc., para fazer o cabo.
- Fixar a madeira à cabaça com barbante usando cola comum para fixar.
- Adornar o topo da cabaça com as penas de galinha (caipira ou d'angola), colorindo-as como a sua preferência.
- Pirogravar a cabaça com os traçados diversos, traçados dos símbolos de animais como peixe ou cobra, que são os mesmos grafismos utilizados nas cestarias guarani e isto depende da criatividade das pessoas que estão confeccionando esses instrumentos, conforme as seguintes fotos (de Claudio Ortega Mariano):





D. Tereza Ortega confeccionando mba'epu mirim, aldeia Mymba Roka (foto de Claudio Ortega Mariano, 05-11-2014)



Mba'epu mirim confeccionado para as apresentações culturais e comercialização (foto de Claudio Ortega Mariano)

O mba'epu mirim é feito de cabaça. Porém os Guarani que habitavam o litoral, também produzia esse instrumento de coco. Depois que a cabaça foi recolhida, devemos tirar todas as sementes e esperar dois ou três dias. Quando estiver pronto devemos levar para a casa de reza para que fique lá junto com os demais instrumentos que o Karaí opy gua utiliza na reza ou na cerimônia. O mba'epu mirim é um instrumento de percussão masculino e também é muito sagrado na nossa cultura guarani. Seguindo a tradição, ele é confeccionado somente pelos homens, com fins ritualísticos e religiosos, homens e meninos chocalham o instrumento para frente e para trás e posição vertical ou horizontal, dependendo do canto ou músicas e do momento ritual, a cabaça se agita em ritmos regulares, ao final de cada canto entoado por todos Mba'epu hete'i, o mba'epu mirim é tocado individualmente por um líder espiritual de forma contínua e ininterrupta por alguns segundos, sempre acompanhado pelo outro instrumento muito importante para os Guarani que é o Angu'apu ou mba'epu'i, tambor. Desde antigamente esse instrumento para os Karaí opygua kuery já era indispensável no acompanhamento do mba'epu mirim nas rezas. O Mba'epu Mirim também é tocado nas dança de Xondaro (dança dos guerreiros guarani), sendo que essa prática de dança geralmente acontece no pátio da Opy'i (casa de reza) e também são utilizados quando tem visita ou despedidas dos parentes das outras aldeias, acompanhado com a dança dos guerreiros e guerreiras da aldeia.

Nas praticas de curas tradicional guarani é entoado sem acompanhamento de outros instrumentos. Nessas situações específicas de reza, chocalha-se em diversas posições e ritmos, de modo vibrante e em postura concentrada neste instrumento de uso sagrado, as sementes devem ser somente yvau'in, guãpi'in ou kapi'i'a, a fim de que o som seja capaz de evocar os ensinamentos de Nhanderu hete. E só quem é guarani pode distinguir que som é esse. Até hoje os Xeramoí kuery usam esse instrumento nas rezas, cerimônias e principalmente nas praticas de cura, porém já com o acompanhamento do violão feito pelo os Jurua (Branços). Essa prática de utilizar o violão nas rezas, vem

desde a época do contato com os não índios. Mas como o Mba'epu Mirim ainda é sagrado para nós e para os mais velhos rezadores, que ainda geralmente nas praticas de curas, os karaí opygua sempre toca o mba'epu mirim, mas sempre acompanhado pelo som do violão e violino. Esse instrumento, o violão, foi adaptado pelo os karaí opygua de acordo com a necessidade, para que o som tenha a harmonia com os demais instrumentos guarani.

Por essa razão o violão que os karai opygua (pajé) usam nas rezas tem apenas cinco cordas e, afinação do Mbaraka (violão) é diferente da afinação normal dos não índios. Nesse passar do tempo, esse instrumento foi se tornando um dos mba'epu'i mais importante nas práticas religiosas do povo Guarani, sempre junto com o mba'epu mirim. Por esta razão os sábios e rezadores mbyá incluíram o mbaraka (violão) como mais um dos instrumentos muito importante nas danças, rezas e curas guarani. Mbaraka mirim, como a maioria de nós jovens guarani chamamos hoje esse instrumento, essa denominação vem do mbaraka. Isso porque o mba'epu mirim é tocado pelos mais velhos, sempre acompanhados pelo mbaraka. Por esta razão também foi denominado por mbaraka mirim. Esse dois instrumentos são muito importantes para os karaí opygua nas rezas e curas até dia atual. Hoje a maioria dos jovens e crianças Guarani não tem conhecimento da historia da origem desse instrumento sagrado, como foi o inicio de toda a sua historia etc. Porém para os mais velhos Guarani, esse instrumento ainda é um dos meios mais importantes para manter e fortalecer cada vez mais a nossa cultura, a identidade de ser guarani (ver fotos seguintes de Claudio Ortega Mariano).









Kova'ema kapi'í'a (lágrimas de nossa senhora - foto de Claudio Ortega Mariano)

Misturando a outras sementes, o kapi'í'a também é usado pela maioria das pessoas das comunidades guarani para fazer colares, que podem ser feitos para o uso próprio ou para comercializá-la aos Juruá. Já o mbaraka mirim ornamentado é feito para a comercialização e apresentações culturais, sendo também produzidos pelas mulheres. Neste caso, são entoados ao gosto do Juruá, seguindo os critérios rítmicos aleatórios. O som emitido pelo objeto decorado para a venda não é igual ao que é tocado na Opy. Neste instrumento de uso para comercialização e apresentações culturais, as sementes podem ser de acordo com o gosto de cada pessoa que confecciona o instrumento. Portanto, neste caso, não há sementes específicas.



Secagem das cabaças ao sol para confecção do mba'epu mirim (foto de Claudio Ortega Mariano)

Venda de artesanatos feitos na aldeia Mymba Roká (foto de Claudio Ortega Mariano - 03/12/2014), conforme sequência a seguir:





5. Considerações finais:

O foco principal deste trabalho foi desvendar a história contada pelos mbya kuery sobre a origem do mbaraka mirim, busquei esses conhecimentos entrevistando algumas pessoas da minha comunidade da aldeia Mymba Roká. Realizei o meu trabalho através das conversas e algumas gravações com três sábios de minha comunidade. Nessa caminhada de trabalho tive algumas dificuldades, porém também tive muitas aprendizagens com as pessoas entrevistadas, que me ajudaram muito para que esse trabalho fosse concluído como nós queríamos. Graças á ajuda deles e com muito esforço consegui concluir o meu trabalho de pesquisa.

Durante essa pesquisa percebi também que a questão que mais interfere atualmente na desvalorização do mba'epu mirim pelos os mais jovens guarani é o intenso contato com a tecnologia dos não índios, que praticamente invadiram as comunidades guarani, por isso hoje os jovens e crianças valorizam mais essas tecnologias modernas, que deixaram de dar valor no que é da nossa cultura, nossa historia. Realizei esse trabalho com intuito de conscientizar os jovens e crianças da minha comunidade e consequentemente os jovens guarani em geral, para que eles tenham mais o conhecimento da importância que esse instrumento tem para os nossos Xeramoí e para a nossa cultura.

Esse instrumento mba'epu mirim é um dos símbolos mais importantes na nossa cultura. Pois, através da simples existência desse instrumento, podemos nos identificar, considerando, finalmente, que a identidade surge no contato, através do contraste, da constatação da diferença, pois implica na afirmação de “nós” diante do “outro”. Compreende fatores que unificam um grupo humano, diferenciando-o de outros, pois só posso reconhecer um “outro” povo através da comparação, do contraste. Desta forma, é muito importante manter a nossa identidade, para nós, o nosso teko, o nosso modo de viver e de ser guarani.

Bibliografia:

CADOGAN, León. « Las Tradiciones Religiosas de los Mbya-guarani del Guaira ». In: *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. VII – 1, Assunção, Paraguai, 1946.

_____. « Ayvy-Rapyta (fundamentos da linguagem humana) ». In: *Revista do Museu Antropológico*. Vol. 1 e vol. 2. São Paulo, Brasil, 1953.

LITAIFF, Aldo. *Representações Étnicas dos Mbya-guarani do Rio de Janeiro*. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

MELIÀ, Bartomeu. « A Terra sem Mal dos Guarani, economia e profecia ». In: *Revista de Antropologia*, vol. 33, Faculdade de Ciências Humanas, Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

SCHADEN, Egon. « Características específicas da cultura Mbya-guarani ». In: *Revista de Antropologia*. vol. XI, São Paulo, 1963.

_____. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

ANEXO:

Pessoas entrevistada



Eu com a minha mãe, Dona Tereza Ortega (todas as fotos a partir desta são de Claudio Ortega Mariano, 23-10-2014)



Minha mãe, Dona Tereza Ortega, 59 anos, aldeia Mymba Roká (23-10-2014)



Senhor Alcides Bentes, 85 anos e esposa, aldeia Mymba Roká (13-10-2014)



Eu e meu amigo Fabiano Bentes, 32 anos, aldeia Mymba Roká (20-12-2014)



SIMBOLOGISMO E ARTESANATO

MBA'EREI REI RA ANGA

As esculturas de madeira
e seus aprendizados

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

ADELINO GONÇALVES

MBA' EREI REI RA ANGA

As Esculturas de madeira e seus aprendizados

Florianópolis
2015

ADELINO GONÇALVES

MBA' EREI REI RA ANGA
As Esculturas de madeira e seus aprendizados

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado no Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica com ênfase em Linguagens. Orientado pela Dr.^a Clarissa Rocha de Melo.

Florianópolis
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 20 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 17 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Clarissa Rocha de Melo e Presidente, Professor Rafael Devos, Titular da Banca, e Professor, Suzana cavalheiro de Jesus, Suplente, designados pela Portaria nº 16/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Adelino Gonçalves, subordinado ao título: “**Mba'erei Ra anga - As esculturas de madeira e seus aprendizados**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Orientador Clarissa Rocha de Melo, do Professor Rafael Devos a nota final 3,0, do Professora Suzana cavalheiro de Jesus, a nota final 4,0, e do Professor, a nota final 4,0; sendo aprovado com a nota final 4,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 20 de de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. *Clarissa Rocha de Melo*

Prof. *Rafael Devos*

Prof. *Suzana Cavalheiro de Jesus*

Candidato *Adelino Gonçalves*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a), **ADELINO GONÇALVES**, matricula n.º 11100002, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **MBA' EREI REI RA ANGA - As Esculturas de madeira e seus aprendizados**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 11 de março de 2015.

Claudia Rocha de Melo

Orientador(a)

Resumo:

Este trabalho de conclusão de curso trata-se de um audiovisual intitulado “**MBA’ EREI REI RA ANGA: As Esculturas de madeira e seus aprendizados**”. O audiovisual pretende demonstrar a importância deste tipo de artesanato zoomórfico em madeira para o povo e cultura Guarani. Pretende-se ainda, demonstrar os aprendizados presentes nessas esculturas, assim como registra-los para que os guarani não percam estes saberes tradicionais. Este trabalho de conclusão de curso no formato audiovisual tem por objetivo reforçar a manutenção dos conhecimentos guarani sobre a existência dos animais tanto reproduzidos em madeira, quanto os aprendizados possíveis a partir de histórias e relatos sobre as utilizações de partes desses animais “reais”, nos cuidados relacionados a criança. Assim, pretende-se demonstrar o aprendizado para os jovens – a partir das entrevistas com escultores e mais velhos – algumas espécies de animais utilizados para o desenvolvimento infantil: para ser corajoso, ter agilidade e para ser forte quando crescer.

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Adelino Gonçalves moro na aldeia *Yynn Moroti Whera*, no município de Biguaçu. Na minha aldeia trabalho como AISAN – agente indígena de saneamento e também sou artesão. Sou casado e tenho 5 filhos, nasci em aldeia Rio Do Toldo, no município de Jose Boiteux.

A Terra Indígena *Yynn Moroti Whera* situa-se nas margens da BR 101, no km 190, no bairro São Miguel, e possui 59 hectares, com 32 famílias e aproximadamente 210 pessoas. Ela foi homologada em 1995 e hoje está em processo de ampliação da Terra Indígena, através de um grupo de trabalho da FUNAI. Na aldeia tem roçados comunitários e também familiares, onde se plantam alguns alimentos tradicionais, como o milho, feijão, batata doce e aipim. Para nós a religião Guarani é muito forte e é mantida até os dias de hoje, porque tem uma casa de reza, *Opy*, onde os mais velhos da aldeia passam a força e os conhecimentos necessários para todas as atividades e trabalhos que acontecem na comunidade.

Na nossa aldeia valorizamos muito nossa tradição através do artesanato que todas as famílias o fazem como modo de manter a cultura, e também para gerar renda através da venda.

Sumário

Introdução.....	8
Objetivos	10
Objetivos Gerais	10
Objetivos Específicos	10
Justificativa.....	10
Metodologia	10
Desafios e Limites de Pesquisa	11
Registro dos entrevistas realizadas para a produção do trabalho de conclusão de curso em formato audiovisual.....	11
Considerações Finais.....	17
Referências Bibliográficas	19
Anexos.....	20

INTRODUÇÃO

O Tema do audiovisual realizado como trabalho de conclusão de curso é o artesanato guarani, mais especificamente sobre as esculturas de madeira e seus aprendizados.

Essa pesquisa possuía como objetivo inicial entender como essas esculturas em forma de bichinhos surgiram na cultura guarani e qual seus significados. Todavia, durante a pesquisa, e a partir das entrevistas, percebemos que as historias estavam relacionadas a vivencia dos entrevistados e sua relação com a produção dos artesanatos, assim como dos aprendizados possíveis a partir dos bichinhos reproduzidos em madeira. Assim, percebemos a utilização de espécies de animais para a manutenção da saúde das crianças e para um bom desenvolvimento ate a vida adulta.

A pesquisa para o audiovisual – as entrevistas e registro de imagens - foi realizada na aldeia *Yynn Moroti Whera* e também em aldeias próximas, como *Mymba' Roka – Amaral*, também situada no município de Biguaçu, onde residem 16 famílias; na aldeia *Morro Da Palha – Itanhaém*, município de Biguaçu, bairro Timbé, perto de cidade de Tijucas, onde residem 15 famílias.

Os bichinhos esculpidos na atualidade são: tatu, tartaruga, onça, jacaré, quati, coruja, tucano, falcão, águia, tamanduá, entre outros. Todos esses artesanatos em forma de animais possuem seus significados, assim, faz-se importante o registro, através da escrita ou através de imagens, para que os guarani não percam esses saberes tradicionais e culturais.

Cada artesanato de madeira feito em forma de bichinhos para os guarani tem o seu valor, sua historia e sabedoria. Na cultura guarani, por exemplo, o tatu e a tartaruga possuem partes do corpo que são utilizados na medicina tradicional guarani. Por isso, os guarani, quando caçam ou pegam na armadilha um tatu, o levam para a aldeia e, na hora de cortar e limpar, tiram um pedacinho da carne com gordura para guardar. A banha do tatu é medicina, por isso é passada nas crianças a cada lua nova como um creme, uma pomada. Assim a criança cresce com corpo firme e forte mesmo que ela não tenha muita massa muscular – e assim, seus ossos se tornam duros.

Além dos aprendizados relacionados aos bichinhos de madeira e sobre as utilizações de partes dos animais para a manutenção da saúde da criança, o artesanato de madeira tem seu valor comercial e cultural. Ele é feito, geralmente, pelos homens, pois exige um pouco de força nas mãos, assim as mulheres não fazem muito. As mulheres são responsáveis por fazer outros tipos de artesanatos, como o *adjaka* – o balaio, colares e pulseiras.

O artesanato é feito da madeira chamada de “caixeta” – uma árvore nativa que se encontra na floresta da aldeia. Essa madeira para fazer o artesanato tem que ser colhida no tempo certo pra não estragar. Se não for colhida no tempo certo, estraga muito fácil e a madeira é desperdiçada. Assim, todo o processo de preparo do artesanato envolve aprendizagem, pois a criança aprende quando o pai vai na floresta colher a madeira para fazer o artesanato. Quando isso acontece, o filho vai junto para acompanhar e observar. Assim, o pai faz o bichinho de madeira e conta para seus filhos os significado dos animais que existiam na terra indígena *Yynn Moroti Whera*.

Hoje não se encontram muitos desses animais na mata, que se tornou cada vez mais escassa, rodeada pela cidade. Mesmo assim, o filho vai aprendendo observando, brincando de fazer o artesanato de madeira, até que ele começa a praticar e fazer ele mesmo.

Para produzir este vídeo foi realizado entrevista na aldeia com as pessoas que fazem o artesanato de madeira. Todos falaram da importância dos bichinhos e um pouco dos significados. Os entrevistados – moradores das aldeias mencionadas – contam que até utilizam os animais como remédio: como as banhas dos animais. Esse aprendizado vem passando de geração em geração. Por isso, nessas três aldeias os guarani evitam caçar se não tem necessidade, pois assim podemos manter o nossos costume, cultura crenças.

As imagens do documentário tentam contar de como era antigamente, e porque são usadas a banha como remédio para as crianças, por exemplo. Nos processos necessários para fazer os bichinhos de madeira, faz-se necessário colher a madeira no tempo certo sempre. Tem que observar a lua para colher, porque a madeira só pode ser cortado na lua minguante ou crescente para que os artesanatos não se estraguem.

OBJETIVOS:

✓ Objetivo Geral:

Demonstrar e registrar a importância do artesanato e dos aprendizados relacionados às esculturas de madeira – no formato de animais – através de um audiovisual.

✓ Objetivos Específicos:

- Pesquisar os processos de produção da escultura de madeira na cultura guarani;
- Registrar como se faz esse trabalho, assim como as técnicas utilizadas nas aldeias *Yynn Moroti Whera, Morro Da Palha* e também *Mymba' Roka*;
- Entender a importância que cada espécie de animais reproduzidos nas esculturas de madeira;
- Pesquisar também como e onde as pessoas aprenderam a fazer o artesanato de madeira;
- registrar os aprendizados relacionados aos animais reproduzidos em madeira, assim como sua utilização entre os Guarani.

Justificativa:

Esse trabalho de pesquisa pretende mostrar – principalmente aos jovens – a importância de fazer o artesanato de madeira, seus aprendizados, assim como demonstrar que é importante fazer o artesanato de madeira para venda, mas também para valorizar e aprender sobre nossa própria cultura.

Metodologia:

Foram realizadas entrevistas com as pessoas que fazem o artesanato de madeira nas aldeias *Yynn Moroti Whera, Morro Da Palha e Mymba'roka*. Pretendia entrevistar pessoas mais velhas da aldeia, como o seu Alcindo Moreira – liderança espiritual importante porque tem

105 anos e tem muito conhecimento, mas não foi possível. Assim, fui em outras aldeias para entrevistar outras pessoas mais velhas, como por exemplo, Marcilio Mariano. Outras pessoas entrevistadas estarão descritas nesse trabalho.

Durante a pesquisa, perguntei para as pessoas que fazem o artesanato de madeira com quem elas aprenderam e como aprenderam. Observei a matéria prima utilizada, se é colhida na lua minguante, ou nova, porque tem que ser colhido no tempo certo, e o que deve-se fazer antes de cortar a madeira para fazer o artesanato.

Assim, para realizar este trabalho, fiz entrevistas, leituras de alguns textos sobre o assunto, assisti documentários e registrei as atividades de produção dos artesanatos com fotografias e imagens em formato audiovisual.

Ao final deste trabalho de pesquisa, registrei em um audiovisual dados sobre as esculturas em madeira, para que sirvam para as novas gerações aprenderem o significado dessa atividade e valorizarem a cultura Guarani.

Desafios e limites da pesquisa:

Os desafios dessa pesquisa tem a ver com a falta de equipamentos para registro de imagens no início da pesquisa. Após a aquisição de uma filmadora emprestada, a dificuldade em lidar com essa tecnologia. Além disso, a falta de conhecimento para realizar os trabalhos necessários a produção de um audiovisual: legendas e edição. A falta de tempo foi um fator que pesou, limitando a pesquisa, assim como a edição das imagens. A edição foi realizada com o apoio de um técnico indígena, Eliezer Antunes, reduzindo esse processo ao tempo disponível do mesmo.

Registro dos entrevistas realizadas para a produção do trabalho de conclusão de curso em formato audiovisual:

NOME: Fabiano Benites

IDADE: 33 anos

ONDE NASCEU: Maquiné- RS

ONDE MORA: Aldeia Mymba Roka

PROFISSÃO: AISAN – agente indígena de saneamento

Foi realizada a entrevista com o Fabiano benites que mora na aldeia MYMBA ROKA, situada no município de Biguaçu, bairro Sorocaba de Dentro. A entrevista foi sobre o surgimento da escultura de madeira na cultura guarani, também sobre sua importância e o significado dos animais para o guarani.

O Fabiano Benites fala que ele não sabe realmente como surgiu a escultura na cultura, mais relata que os avós dele contavam que primeiramente faziam os artesanato de madeira para usar no dia a dia. Faziam banquinhos em forma de animais para sentar, utilizados no *opy* – casa de reza. Depois que tiveram contatos com os brancos que começaram a fazer os bichinhos de madeira pequenos para vender.

Hoje, a maioria dos artesãos fazem bichinho pequenos só para vender. Assim o Fabiano aprendeu fazer o artesanato de madeira através dos irmãos, faz com muito respeito a natureza e gosta muito do trabalho que ele faz. É importante que os jovens de hoje continuem aprendendo fazer os bichinhos para manter o conhecimento e os significados dos animais porque através dos artesanato que se tem o conhecimentos, mesmo que muitos deles animais já tenham desaparecido aqui na região.

NOME: Timóteo de Oliveira

IDADE:53 anos

ONDE NASCEU: Aldeia Cantagalo- RS

ONDE MORA: Aldeia Morro da Palha

PROFISSÃO: Artesão

Outra entrevista foi realizada com Timóteo de Oliveira, que também mora na aldeia Itanhaém, em Timbé, Município de Biguaçu, divisa com Tijucas.

Timóteo de Oliveira conta que antigamente os guarani faziam todos os tipos de artesanatos: alguns bonecos de madeira no formato de homens e mulheres que deixavam no caminho por onde passavam, assim por diante. Antigamente faziam para deixar como marca de caminho. Hoje os artesãos fazem os artesanatos em madeira no formato de pequenos bichinhos, para vender. Antigamente não vendiam, faziam para mostrar para os outros, para as crianças e os mais jovens. Ele fala da importância dos jovens aprenderem a fazer, porque assim vai continuando o conhecimento dos passados, porque os bichinhos que existiam por aqui, muitos já não conhecem mais.

Por isso é importante mesmo manter esse conhecimentos porque talvez daqui a cinquenta anos não vai ter mais os animais – explica Timóteo. Talvez ninguém mais vai ver os animais como tatu, quati, mas através dos artesanatos poderão ver e ter alguns conhecimentos ainda.

Há muito tempo atrás, havia muitos animais, mas hoje em dia não se vê mais os bichinhos. Mas através dos artesanato ainda tem como repassar os significados, os conhecimentos, pois é os jovem que daqui para frente tem que continuar com esse conhecimento para repassar as futura gerações. Assim a nossa cultura não acaba porque através do artesanato poderão ser repassados mesmo que daqui a alguns anos esses animais não existem mais. Nas casas, são guardados para contar e dizer para as crianças que aqueles trabalhos foi feito pelos avós é daquele tipo de animais que existia no mato, mas que hoje não se encontram mais e assim poderão manter o conhecimentos.

Assim como outros artesanatos que ainda são feitos tem sua importância, como as cestas – que antigamente faziam para usar no dia a dia, nas casas, para pegar peixes nos rios, guardar os alimentos, água. Essas cestas eram feitas para guardar água antigamente, assim, faziam uma cestinha e fechavam com a cera de abelhas por fora e por dentro.

Timóteo também fala que quando vai ao mato colher a madeira para fazer os bichinhos, primeiramente tem que pedir permissão ao espírito da natureza e da árvore. Essa, é cortada bem baixa para que possa brotar de novo, pois se não souber cortar ela não brota mais. Também se não pedir permissão ao “donos a noite” quando vai dormir não consegue fazê-lo, porque os espírito da arvore vem atrás da pessoa. Essa pessoa começa ter pesadelos

e vários tipos de sentimentos ruins ou começa adoecer. Quando vai colher as ervas medicinais também é a mesma coisa, tem que pedir licença para os espíritos, se não o faz, o chá, às vezes não funciona.

Ele fala da importância dos animais, como tatu, que é muito útil para nós, porque ele tem a sua escama e banha que servem para fortalecer os corpos das crianças e adultos. Por isso, quando caçam um tatu, é tirado a banha, escama, e guardado para passar durante a lua nova como pomada nas crianças. A escama é raspada e colocada na água para dar banho nelas, pois assim crescem com saúde e fortes.

A *Karumbe*, a tartaruga, também é muito útil porque ela é resistente. Hoje, a maioria não tem esses costumes de utiliza-la. Talvez por que não encontram mais os animais ou por falta de conhecimentos sobre eles. Por isso também é importante fazer o registro escrito para ficar na escola e na comunidade, pois assim os professores podem repassar para os alunos em alguns momentos, como por exemplo, nas atividades escolares, porque se não as crianças não vão saber sobre esses animais e suas utilizações.

NOME: Mario Benites

IDADE:43 anos

ONDE NASCEU: Aldeia Pipiri- Guaçu- Argentina

ONDE MORA: Aldeia Morro da Palha

PROFISSÃO: AIS - Agente Indígena de Saúde

Entrevistei Mario Benites, *Wera Poty*, ele veio de São Paulo, mas já mora há oito anos em Morro da Palha, tem 43 anos, e aprendeu a fazer os artesanatos de madeira com os tios e irmãos. Quando eles faziam, ele ficava olhando e assim começou fazer os bichinhos e faz de todos os tipos de bichinhos: tucano, tatu, karumbe, quati, entre outros.

Sobre o surgimento dos bichinhos, Mario disse que não sabe como surgiu na cultura. Mas ele falou que sabia que os Guarani faziam para vender para os brancos. Falou que não sabe da história, mas os parentes dele fazem muito os artesanatos de madeira.

Sobre os significados, ele falou o tatu é um animais que tem escama e serve pra fazer remédio, que deve ser feito no tempo certo, pois apenas assim funciona. O tatu é importante porque se tira a escama, raspa e coloca-se na água, utilizando para dar banho nas crianças. Passa-se a banha como pomada pelo corpos assim eles crescem fortes e ágios também. Falou da tartaruga também, explicando que existem varias espécies, alem disso, o coração é muito bom, serve pra tudo.

Mário também falou que é importante continuar repassando esse conhecimentos para os jovem de hoje porque muito já não sabem mais a historia nem sobre os significados. Por isso ele fala para os filhos procurar saber e quando os mais velhos contam esse tipos de história, tem que acreditar, colocar na cabeça, escrever para poder repassar para as futuras gerações. Sempre se preocupou sobre a preservação desse conhecimento, assim, sempre repassa as histórias para sua família.

Hoje não se vê muito os animais por aqui, mas em outro lugar onde tem bastante mato, ainda existem, como perto da divisa com a argentina, onde os avós de Mario viveram por algum tempo. Em pipiriguaçu, ele se lembra quando caçavam muito e pegavam peixes no pari. Passaram por Chapecó, onde também havia bastante caça. Pouco tempo depois, em São Paulo, viu seus cunhados pegarem uma anta na armadilha, o *mondeu*. Era um bicho grande e conta que ficou com medo. La havia bastante mata, e como consequência, muita caça. Tudo isso ficou em sua memória.

NOME: Antonio Silveira

IDADE:38 anos

ONDE NASCEU: Aldeia Guarita- RS

ONDE MORA: Aldeia Yynn Moroti Whera

PROFISSÃO: Artesão

Em entrevista com Antônio Silveira, *whera rete*, ele conta que nasceu em Rio Grande do Sul, no dia 13 de junho, na Terra Indígena Guarita. Tem 38 anos e mora a

dez anos na aldeia *Yynn Moroti Whera*. Antonio Silveira falou que primeiramente os guarani faziam os bichinhos em madeira para mostrarem para as crianças para que elas pudessem ter os conhecimentos dos animais desde pequenos. No inicio faziam as esculturas, mas não era para vender, apenas após algum tempo que começaram a vender, depois que tiveram contatos com os brancos.

Assim os outros parentes também começaram a fazer porque viram que serviria para manter a família através dos artesanato e ao mesmo tempo mostrar os valores dos artesanatos para os guarani e para os brancos. Cada bichinho tem seu significado.

Antonio também conta que aprendeu a fazer depois de se tornar adulto, mas antes mesmo, já sabia quase tudo: os nomes dos bichinhos e os significados. Quando esculpe os bichinhos, conta seus significados para seus filhos. Contou que o tatu é bom para as crianças, assim como a tartaruga. São bichos que quando utilizados, deixam a criança resistente às doenças.

Sobre o corte de madeira para fazer os bichinhos, Antonio explica que toda vez que corta a madeira sempre se deve pedir licença para o espírito da natureza. Deve-se colher no tempo certo, assim não estraga a madeira nem o artesanato. É importante continuar mantendo essa pratica para não perder os conhecimentos que o guarani tem, mesmo que os pais não fazem os bichinhos. Tem que continuar ensinando as crianças para não perder os conhecimentos. É importante fazer registros escritos, filmagens e fotografias para a escola para que os alunos de hoje possam aprender é ter o conhecimento os significados sobre os bichinhos assim as futura gerações também terá o material para aprender.

Considerações Finais:

Essa minha pesquisa tentou demonstrar a importância dos artesanatos de madeira na cultura guarani. Para sua realização, achei importante realizar entrevistas com as pessoas que fazem o artesanato de madeira, assim os artesãos, perguntando os significados de cada animais e porque são importantes para os guarani.

As pessoas que entrevistei falaram que os artesanatos de madeira são muito importantes porque fazem parte da cultura e também possuem seus significados e aprendizados. Isso os jovem de hoje não estão sabendo mais, pouco sabem. Assim, é preciso continuar essa prática de esculpir os bichinhos assim não se perderá os conhecimentos que os guarani tem sobre os animais.

Então com esse trabalho pretendi mostrar aos jovens de hoje, alguns significados dos animais e sua importâncias, assim como os aprendizados relacionados as esculturas de madeira na forma de animais.

Todos os entrevistados falaram que é importante que os jovens aprendam os significados para não perder os conhecimentos dos antigos porque os animais que existiam nas matas e florestas, hoje não existem mais, são poucos.

Desse modo, é importante manter essa prática, fazer registros, para que possa ser repassado para as futuras gerações.

Os animais são muito importantes para nós, possuem parte da sua carne como medicina, permitem a utilização de pomadas feitas através de sua banha, carne ou escamas, e servem para o fortalecimento das crianças.

Hoje ninguém mais faz essas esculturas como antigamente, tampouco caçam ou utilizam as partes dos animais como se fazia no passado. Antigamente quando os guarani pegavam um tatu na armadilha, levavam para sua aldeia, e na hora de cortar para limpar, tiravam a escama, um pedaço de gordura, e deixavam guardados. Ao chegar a lua nova,

raspavam a escama e misturavam com a água para dar banho nas crianças, com objetivo de deixá-las crescer forte e ágeis. As “graxas” são passadas como creme e pomadas.

Assim, percebi com a pesquisa que existem muitos conhecimentos e aprendizados a partir de uma simples escultura de madeira. Esses conhecimentos levam aos animais vivos e sua utilização na manutenção da vida e saúde de um povo. Assim, além de registrar as técnicas de esculpir, falar sobre a importância de preservar essa riqueza cultural guarani. Devemos também proteger as matas e demarcar terras para que se possa preservar o ambiente natural dessas espécies tão importantes para o povo guarani.

Referências Bibliográfica:

TASSINARI, Antonella. *Concepções indígenas de infância no Brasil*. Campo Grande/MS, 2007.

MELO, Clarissa Rocha de. *Escola, Corpo e Tempo entre os Guarani*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

TASSINARI, Antonella. *Práticas Corporais Indígenas em Espaços Interculturais: entre o ritual, a dança, o trabalho e o esporte*. Conferência proferida no 4º Simpósio Nacional de Cultura Corporal e Povos Indígenas e do I Seminário Internacional de Socioantropologia do Desporto. Manaus, 2012.

Sites consultados:

<http://videonasaldeias.org.br>

ANEXOS:











**SIMBOLOGISMO
E ARTESANATO**

**O GRAFISMO E SIGNIFICADOS DO
ARTESANATO DA COMUNIDADE
GUARANI DA LINHA GENGIBRE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

ALEXANDRINA DA SILVA

**O GRAFISMO E SIGNIFICADOS DO ARTESANATO DA
COMUNIDADE GUARANI DA LINHA GENGIBRE**

(desenhos na cestaria)

Trabalho de Conclusão de curso apresentado
Como requisito para obtenção do título de
Licenciado do curso de Licenciatura Indígena
Intercultural do Sul da Mata Atlântica do Cen-
tro de Filosofia e Ciências Humanas, Departa-
mento de História da UFSC

Orientador: Aldo Litaiff

Janeiro
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 29 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 13 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Aldo Litaiff e Presidente, Professor Clarissa Rocha de Melo, Titular da Banca, e Professor, Carlos Maroto Guerola Suplente, designados pela Portaria nº 14/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Alexandrina da Silva, subordinado ao título: "O grafismo, artesanato e seus significados (desenhos na cestaria)". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Aldo Litaiff, a nota final 10, da Professora Clarissa Rocha de Melo, a nota final 10, e do Professor Carlos Maroto Guerola, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 29 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aldo Litaiff

Prof. Clarissa Rocha de Melo

Prof. Carlos Maroto Guerola

Candidato Alexandrina da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) ALEXANDRINA DA SILVA, matrícula n.º 11100013, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O GRAFISMO E SIGNIFICADOS DO ARTESANATO DA COMUNIDADE GUARANI DA LINHA GENGIBRE (desenhos na cestaria), com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Apresentação.....	5
Introdução.....	7
Conceito de artesanato.....	9
O artesanato e o significado.....	10
Depoimentos dos sábios da aldeia.....	17
O grafismo e sua representação.....	19
Grafismo e cestaria.....	22
O grafismo e a cestaria, desenhados na aldeia Gengibre.....	23
Considerações finais.....	28
Referências Bibliográficas.....	29

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a NHANDERU (Deus Pai), por me fortalecer e a superar as dificuldades, vencer os desafios e por estar do meu lado em todos os momentos. Pois em minhas orações que eu fazia com muita Fé, atendeu aos meus pedidos, me dando forças, coragem e otimismo.

Também quero agradecer aos meus irmãos e a minha mãe Maria Mariano, que quando me senti desanimada com os problemas e as situações que eu estava passando, me aconselharam e me ajudaram com palavras que me fortaleceram e fez com que não desistisse e seguisse em frente. Agradeço ao ex-cacique Vergílio Benites por acreditar em mim, assinando a declaração para que eu pudesse ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

È também ao meu esposo e a minha sogra que cuidaram do meu filho, que por questões de distâncias e dificuldades não pude levar comigo na universidade. Obrigado a vocês que compreenderam e me ajudaram, dando atenção e carinho para ele, nos momentos em que não pude estar presente.

Agradeço pela oportunidade e as pessoas que me ajudaram desde a inscrição para o vestibular e durante os quatro anos de Licenciatura. Agradeça pela compreensão e paciência, quando tive que me ausentar na comunidade e na escola. Agradeço a todos que me ajudaram através de entrevistas e mostrando como é e apoiaram e fizeram acreditar que, o que eu buscava era possível.

Agradeço ao meu orientador, professor Aldo Litaiff, aos colegas da Licenciatura, meus queridos Kaingang, Guarani e Laklanõ pelas palavras lindas poderosas de otimismo e que me fizeram sentir mais forte para que eu pudesse chegar até aqui.

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso é sobre os artesanatos confeccionados na Aldeia Linha Gengibre, RS (Guarani Mbya). Através de pesquisas feita na aldeia percebi que mesmo com uma forte influência dos não-indígenas, a produção dos nossos artesanatos tradicionais está muito presente, principalmente dos artesãos mais velhos que conhecem a história e estão buscando forma de ensinar os jovens e as crianças para que esses saberes e fazeres tradicionais não sejam esquecidos, mas sim fortalecidos pelas novas gerações. Para isso, o desafio está para nós professores, que segundo os mais velhos, com as nossas pesquisas, podemos despertar mais interesses nos jovens, mostrando a importância dos artesanatos na vida do Ser Guarani. Nele será abordado os tipos de artesanatos, os desenhos, os grafismos e os significados que eles representam para nós. Também como isso era feito antigamente, pois como outros povos indígenas, o povo guarani também teve um impacto muito grande e com isso houve grandes mudanças nas formas de desenhar. Mas que os grafismos da mitologia e do espírito cosmológico do passado ainda permanecem estampados nas cestarias e outros artesanatos com outros símbolos, com significados sagrados, produzidos na minha aldeia.

Palavras-chaves: artesanato, grafismos, significados.

APRESENTAÇÃO

Eu sou Alexandrina da Silva, sou Guarani Mbya e moro na Aldeia Gengibre há sete anos. A aldeia fica a 35 km do município de Erval Seco, pertencente à Terra Indígena Guarita, situado ao oeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Eu nasci na Aldeia Mbaraka Mirim, no município de Planalto, RS, em 13 de outubro de 1982. Aos quatro anos de idade, minha mãe, eu e mais três irmãos fomos morar fora da aldeia, fomos morar na colônia. Fomos para o município de Cunha Porã, SC, na localidade da Linha Sertão. Lá aos sete anos de idade, comecei estudar na escola de branco. Eu era a única indígena, então as outras crianças, faziam piadinhas preconceituosas. Às vezes eu chorava muito e nem queria ir mais para a escola. Moramos mais ou menos oito anos lá. Mesmo fora de nossa terra, minha mãe nunca deixou de falar a nossa língua com a gente. Só que tínhamos que ter muito cuidado, se um branco ouvisse, já queria saber o que estávamos falando. Alguma coisa agente até dizia o que era, mas não dava para ensinar muitas coisas.

Em 1996, voltamos para o município de Planalto, mas não fomos morar na aldeia onde nasci. Nós fomos morar na aldeia de índios Kaingang. Eu estava na 5ª série, e como nas escolas indígenas só tinha até a 4ª série, tive que continuar meus estudos na escola de branco na cidade. Tive muitas dificuldades, enfrentei muitas lutas, mas continuei estudando. Em 1999 terminei o ensino fundamental. Em tantas dificuldades já tinha conseguido dar um grande passo. O meu sonho era ser professora de educação infantil, para isso, eu teria que fazer o magistério. Então em 2000 me matriculei na outra escola, a maior das escolas do município. Mas por falta de recursos, infelizmente tive que desistir na metade do ano. Eu tinha mais quatro irmãos menores do que eu e também estavam estudando, isso era difícil para meus pais, pois eles trabalhavam muito para que nós pudéssemos estudar.

Depois que desisti, trabalhava com meus pais para ajudar nos estudos dos meus irmãos. O tempo foi passando, e em 2006 voltei a estudar no ensino médio. Quando eu estava no 2º ano, me mudei para na aldeia Gengibre, isso no ano de 2007. Lá continuei e terminei o 2º grau no município de Tenente Portela, RS.

Em 2008, comecei a dar aula para as crianças da 1ª série, minha responsabilidade dobrou, porque eu tinha que trabalhar e estudar. Hoje sou professora, sou casada, tenho um filho que amo muito e um marido que me compreendeu e me apoiou durante os quatro anos de curso de Licenciatura.

Moro até hoje nessa aldeia, gosto muito desse lugar e pretendo continuar meu trabalho para ajudar as crianças dessa comunidade. Quero ser exemplo de superação e conquistas. Mostrar que mesmo com muitas dificuldades, se agente quer e luta pelo que quer, por mais difícil que seja, devemos acreditar em nós mesmos. A gente consegue e nada é impossível para quem busca o que realmente quer. Com fé e esperança e com Deus, podemos chegar onde queremos e alcançar nossos objetivos.

INTRODUÇÃO

Para realizar esse trabalho, fiz entrevistas, roda de conversas e também através de pesquisas bibliográficas em livros, publicações , cartilhas e internet.

As pessoas entrevistadas foram: Anita Benites, Hélio Fernandes e Roberto Conçalves de Souza. Todas as entrevistas foram feitas na língua materna e na casa desses sábios.

O povo Guarani pertence ao grupo linguístico Tupi-guarani, sendo encontrados nos estados do Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também estão nos países da Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Algumas vivem em pequenas aldeias, em beiras de rodovias e também em acampamentos.

A população guarani no Brasil é estimada em torno de 34.000 pessoas (há estimativas de 50.000 indivíduos), composta por Kaiowa, Nãndeva e Mbyá. A população Mbyá atual estaria, segundo projeção, em torno de 14.000 a 15.000 pessoas. Estas são estimativas, pois no caso dos Mbyá existe uma rede de parentesco e reciprocidade, que se estende por um amplo território, compreendendo as regiões onde situam as suas comunidades.

A aldeia Gengibre tem aproximadamente nove mil hectares, sendo que a maior parte é coberta de mata. Lá moram 42 famílias, aproximadamente 212 pessoas sendo a maioria crianças. São confeccionados artesanatos para uso próprio e para vender quando chegam pessoas, que vêm conhecer a comunidade ou quando se interessam por alguns artesanatos específicos.

Através deste trabalho, pretendo mostrar um pouco dessas atividades artesanais da Aldeia Gengibre, pesquisando os significados dos grafismos existentes em alguns artesanatos confeccionados pelos Guarani, a importância que tem para o nosso povo, assim como seu significado para a nossa relação com *Nhanderu* [nosso pai ou nosso Deus] e o respeito com a natureza.

Pretendo, através desse trabalho, apresentar o significado e as variadas formas da arte indígena, especialmente a arte da minha comunidade guarani; e mostrar aquilo que é considerado arte na visão ocidental.

A arte guarani pré-colonial se caracterizou por uma expressiva variedade de desenhos geométricos, aplicados em diferentes tipos de suporte; na pintura corporal, nos tecidos, nas cestarias, nas esculturas em madeiras, mas sobre tudo, na decoração das cerâmicas.

Nos tempos antigos, o cesto era utilizado pelas mulheres para carregar as sementes de milho para levar para plantar na roça e também carregar as crianças. Hoje os Guarani Mbya, produzem para vender e têm o artesanato como principal fonte de subsistência. Em algumas aldeias, está difícil a matéria-prima, pois as matas estão escassas, quase não se usa mais as tintas vegetais e sim tintas compradas na cidade.

Cada pintura corporal e os trançados, ou seja, o grafismo impresso nas cestarias é usado para adornar corpos e objetos, por exemplo, não são simples desenhos, neles há muitos significados, pois ele é uma forma de afirmação cultural, e está associado à mitologia e cosmologia.

Através dos grafismos presentes nos artesanatos, nós guarani valorizamos historicamente e culturalmente a memória de nossos ancestrais e, assim, preservamos a nossa maneira de ser e de viver, mantendo viva a nossa tradição. Nesse trabalho, serão abordados aspectos fundamentais sobre os desenhos impressos nos artesanatos, os significados: por exemplo, do *ajaka para* (balaio com grafismo), que tem desenho da cobra jararaca, da cobra caninana e da cobra coral. Os trançados, e os desenhos básicos do grafismo existentes nas cestarias. Também outros desenhos e símbolos do pau de chuva.

Para fazer isso, nós guarani com certeza observamos muito bem os animais. Por isso que tudo o que fazemos tem uma relação com Nhanderu (Deus nosso Pai Maior) e com a natureza. Também tem tudo a ver com o espírito cosmológico. Cada um dos grafismos e desenhos têm um significado que está relacionado com a simbologia, à mitologia e o sistema guarani. Um tipo de grafismo desenhado na cestaria significa: o caminho que os Guarani percorre quando mudam-se de uma aldeia para outra ou visitam os parentes na outra aldeia.

CONCEITO DE ARTESANATO

É o resultado do trabalho manual - feito à mão - e que pode ter diversas finalidades: utilitários, estéticas, decorativas, funcionais, tradicionais, religiosas e sagradas. É uma expressão do saber acumulado através da arte, da criatividade e da habilidade.

O artesanato é tradicionalmente, uma atividade familiar, em que o artesão possui os meios de produção, trazido da natureza. Junto com a família e em todas as etapas de elaboração, desde o preparo da matéria-prima, até o acabamento final, não há divisão do trabalho, ou seja, a pessoa começa e ele mesmo termina seu objeto.

Assim, os artesãos respondem por todo processo de transformação da matéria- prima em um produto acabado. Antes da fase de transformação da matéria-prima, o artesão também é responsável pela seleção da mesma, assim como pela concepção do produto a ser elaborado.

Todos os artesanatos e os desenhos impressos é o resultado da observação, isso acontece, não só com os Guarani, mas acredito com outras etnias indígenas. Porém com visões de mundo diferentes. A natureza nos ensina a trançar, a tecer, modelar e a utilizar diversos materiais. É com ela, que aprendemos a respeitar tudo antes de usufruir: o tempo, o espaço e a forma mais adequada, de manusear para que elas não terminem. Aprendemos nos adaptar e transformar o que a natureza nos oferece às necessidades do ser humano.

Para os guarani, os desenhos feitos nos artesanatos têm dois nomes e significados distintos:

YPARÁ: significados mitológicos, simbólicos e sagrados.

TA`ANGA: significados físicos e estéticos ou seja desenhos comum.

Os Guarani Mbya, assim como outros povos, valorizam e dão grande importância às relações simbólicas de seus objetos. Utilizam sua cultura material para transmitir mensagens e informações. Estas informações estão presentes, tanto nos objetos ritualísticos quanto nos objetos de uso domésticos.

Os objetos traduzem comportamentos, visões de mundo, valores tradicionais e identidade nos possibilitando uma melhor compreensão e uma leitura da cultura em que os mesmos estão inseridos. Assim como as pinturas corporais, os desenhos do artesanato também estão inspirados na natureza.

O artesanato é algo central da vida. É por meio e partindo dele que podemos entender vários aspectos da organização do povo guarani Mbya. Isto é, as relações entre homens e mulheres, crianças e adultos até indivíduos de uma aldeia com aldeias diferentes e diferenças entre indígenas e a sociedade branca.

Através do artesanato que adquirimos conhecimentos sobre o tempo, as fases da lua, o período adequado para colher a matéria prima da mata e o tempo de secar, de trançar ou de preparar para a confecção artesanal.

O PETYNGUA (cachimbo sagrado)



Fonte: Os guarani Mbyá, um livro de Vherá Poty e Danilo Christidis.(2008)

O petyngúá é feito de argila. Mas também pode ser feito de madeira ou do nó de pinho. Na minha aldeia, ele é feito de argila. E lá só o líder espiritual usa na casa de reza (OPY). No petyngúá, também tem desenhos que representa os animais, como: a borboleta, os pássaros, a onça, a tartaruga, o peixe.

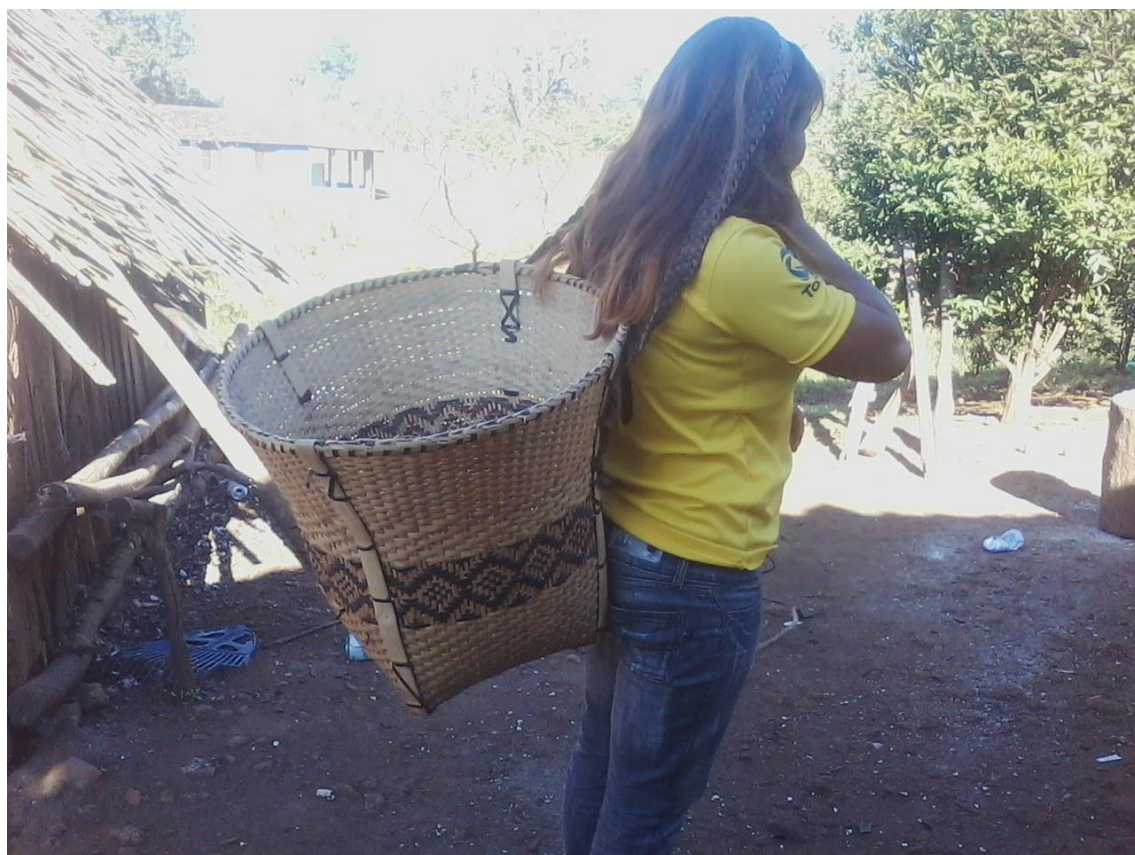
O petyngúá é um objeto sagrado para nós guarani. Através dele, nos concentramos para comunicar-se com Nhe'e (ALMA-PALAVRA).

No Petyngúá utilizamos fumos de corda que produz o TATAXINA(fumaça Sagrada). Ela é a manifestação da divindade através do Karai. Possibilita, por meio da concentração, a conexão com o Divino, a nós e seres imperfeitos. O TATAXINA , por meio de momentos cerimoniais nos dá condições do estado do universo em todos os aspectos.

Pois ele é utilizado para curar doenças espirituais, nos rituais da colheita, nas cerimônias e quando o Karai vai dar nome à uma criança e também quando as pessoas procuram o Karai.

O Petyngúá e o Karai são elementos fundamentais dentro de uma aldeia. É através desses dois elementos é possível ter um contato direto com Nhanderu (DEUS). "Acreditamos que a fumaça que sai do cachimbo, se transforma em nuvem do céu". (Darcy,professor mbyá guarani, Rio de Janeiro, RJ.) Fonte, livro Maino`i Rape.

CESTO E O BALAIO (Ajaká)



Fotos tirada por mim, na casa de Seu Roberto.

Antigamente, o cesto era utilizado pelas mulheres, para carregar as sementes de milho tradicional e também para carregar as nossas crianças.

"Nhanderu nos ensinou a trançar para que pudéssemos carregar as sementes de milho sagrado e também as crianças. E aos homens deu o arco e a flecha para caçar, para poder viver na floresta. As histórias dos antigos contam como tudo isso aconteceu. O artesanato era sagrado" (Cacique Verá Mirim).

O cesto está no princípio da criação do homem, que dele provém. Ele é um recipiente, significa um receptor pronto para receber os propósitos de Nhanderu (Deus). A palha trançada é o princípio mítico dos Guarani .As tranças dos cestos, têm um nome e um significado especial. Um tipo é chamado de Iparaxyry, que significa o caminho que os Guarani fazem quando visitam ou mudam de aldeia. As pessoas que recebem os visitantes ficam em fila uma atrás da outra.

O balaio é umas das artes mais importantes na nossa cultura. Significa várias direções do pensamento; é um instrumento de cura para pessoas que precisam de terapia. Os balaios que têm desenhos significam AMOR e aqueles que não têm significa PAZ. Por exemplo, o balaio que tem o símbolo da borboleta da cobra caninana (Nhocaninã), significa amizade ou relação de amizades com outras famílias. O balaio em si serve para carregar os alimentos e o trançado de desenhos que representa a pele de cobras, simboliza proteção dos alimentos que estão dentro da cesta.

O PAU DE CHUVA (Oky Ra'anga)



Fonte: site

O pau de chuva tem um poder terapêutico: "Quando uma pessoa está aborrecida com alguma coisa, se precisa relaxar, utiliza o pau de chuva que se consegue tranquilizar" (Sérgio, educador mbyá).

Os desenhos feitos no pau de chuva estão ligados à natureza, aos animais e a caça. Os que parecem estrelas é a marca das caças realizadas e significa uma forma de contagem. Os principais desenhos encontrados no pau de chuva são: da cobra coral (Mboi Pytã), da cobra jararaca (mboi para) e o desenho de asterisco é o que representa as caças conseguidas, é uma homenagem aos homens da aldeia que conseguem trazer da mata o animal abatido para seu consumo.

Hoje já são feitos desenhos do estilo Ta'anga que não tem significado sagrado, pois são feitos para comercializar para os não-indígenas. Então o artesão já desenha e pinta com

tintas coloridas e faz desenhos diversos para chamar a atenção já que os Juruá não entendem sobre a simbologia e a história Guarani.

COLARES (Mbo'y)



Fotos tirada por mim na sala colares de Joana Mongelo.

Os colares são confeccionados pelas mulheres. Elas utilizam sementes e miçangas. Os colares feitos de sementes servem para se distinguir de outros grupos. Eles significam

proteção e fortalecimento do espírito. As sementes são elementos sagrados para o povo guarani.

As miçangas são compradas na cidade e servem para fazer colares para uso próprio ou para vender. Com as miçangas, as artesãs criam os mais variados tipos de desenhos. Como os grafismos tradicionais já conhecidos, também nomes de times do coração, nomes em guarani e português. São representados os animais e as flores e outros objetos simbólicos como: o sol, as estrelas e corações.

Os colares feito de sementes, são elementos sagrados e é tradicional guarani. Alguns são consagrados pelos Karai. Então esse é dado para a pessoa que vai viajar e visitar seus parentes longe da aldeia. Esse colar vai proteger a pessoa durante a viagem para que nada de mal lhe aconteça.



Pulseira (Poapy reguá) feita por Cláudia Mariano (artesã em pulseiras), trabalha como professora na oficina de artesanato no projeto Mais Educação.

ESCULTURA EM MADEIRA

"A história do surgimento dos bichinhos de madeira, segundo seu João Acosta, surgiu há uns 30 anos mais ou menos. Aconteceu em uma aldeia guarani, havia um casal que tinha um filho e essa criança chorava muito e os pais não sabiam o que fazer para agradá-lo. Então um dia, o pai teve uma ideia de inventar um brinquedo com a cera de abelha. Assim a criança se acalmou. Mas isso durou pouco. pois no sol o brinquedo se derreteu. Depois o pai teve a ideia de fazer um bichinho de madeira e ele fez. Esse brinquedo ficou com a criança por muito tempo e assim esse pai foi fazendo bichinhos de todos os tamanhos e formas para seu filho. Com o passar do tempo o pessoal de fora ficou sabendo e ficaram interessados de comprar. por isso hoje os guarani fazem ou produzem para comercializar."

(José Benites, 37 anos cacique e professor da Aldeia Mymbá Roká, SC)



Fonte: Escola Sepé Tiaraju

Artesanato em madeira pirogravada, mostra a relação do guarani com a natureza (o natural) e o sobrenatural. Os animais esculpidos pertencem aos bichinhos que moram nas terras férteis, nos rios e nas matas e retratam os animais que vivem e dependem da floresta. Eles sempre serviram de alimento para o corpo e para o espírito guarani. Os bichinhos de madeira simbolizam o modo de viver e a relação da comunidade com os seres da natureza. Por exemplo: “a corujinha”, significa o fortalecimento, a direção e o respeito.

DEPOIMENTO DOS SÁBIOS DA ALDEIA

Entrevistado: Hélio Fernandes

Idade: 93 anos

LIDER ESPIRITUAL DA ALDEIA



Fonte: Os guarani Mbyá, um livro de Vherá Poty e Danilo Christidis.(

"Nós não sabemos tudo, nossos jovens conhecem menos ainda sobre a nossa história. Os antigos sabem, porque Jesus Cristo deixou escrito no papel. Isso para ensinar a história. Mas os brancos não ensinam como era antes, com o passar do tempo a história vem se modificando, há mudanças na maneira de ensinar. Nos também somos assim, por isso quando as crianças querem saber sobre os guarani de antigamente, principalmente professores e professoras, procuram os mais velhos. Eu não esqueci e não quero perder, por exemplo as sementes tradicional e os grafismos, mesmo adotando alguns hábitos do branco"

Segundo seu Hélio, com o contato com os Juruá, hoje os mais jovens não interessam em aprender a fazer Ajaká e outros artesanatos. Nem sabem os significados dos grafismos. Só os mais velhos que ainda têm esses conhecimentos e sabedorias.

Os desenhos básicos existentes nos trançados são: o Ypara Korava'e, em forma de losango, Ypara kora jo'ava'e, em forma de Cruz, Ypara Ryxyva'e, em forma de S.

"Como a sociedade vem sofrendo mudanças, nós guarani também somos assim. Só que nós não mudamos o que já está nós criamos novos desenhos e isso é muito bom por que, as crianças aprenderão mais sobre a natureza e terão mais respeito com ela" (Hélio Fernandes, líder espiritual da aldeia Gengibre, RS).

Entrevistada: Anita Benites

Idade: 70 anos

Artesã em cestarias

"Para fazer os desenhos, meu falecido pai, observava a mata, a aldeia. Eu aprendi com ele aos 13 anos de idade, aprendi olhando quando ele fazia os Ajaká. Eu faço quatro tipos de grafismos: da borboleta, formato retangular, formato arredondado e o zig-zague. Não uso tinta comprada, só uso a tinta natural. A árvore, da qual obtenho a tinta, chama-se Katiguá. Eu trago da mata e preparo para tingir a taquara".

Dona Anita, diz que primeiro ela raspa a árvore. Depois coloca numa panela para cozinhar a casca. Alguns minutos depois, ela adiciona um pouco de cinzas quente. Nesse caso segundo ela, prefere a cinza formada da lenha de Alecrim, diz ela que a tinta sai quase vermelha e ela acha bonito. Também disse ainda, que se preferir uma tinta bem escura é necessário colocar mais Katiguá e uma quantidade maior de cinzas.



Dona Anita (artesã em cestarias) Foto tirada na casa da entrevistada.



Seu Roberto Conçalves, 120 anos, um dos primeiros moradores da aldeia Gengibre.
“Antigamente se fazia balaio só para trazer milho, batata, mandioca, amendoim, peixes e frutas colhidas da mata. Hoje a maioria das pessoas fazem para vender, porque não temos mais matas e nem peixes. Então temos que vender os artesanatos para trazer alimentos para nossas crianças”

GRAFISMO E SUA REPRESENTAÇÃO

A importância da forma associada à ergonomia da natureza vem sendo aperfeiçoada a cada ano após ano. Esses artefatos têm a função de integrar a beleza ao sagrado. Símbolos, que foram sagrados para nossos ancestrais, nunca serão modificados, apenas está sendo recriada ou reproduzida. Isso porque, nossos jovens e crianças precisam conhecer para que, não deixam de lado os nossos valores tradicionais.

A simbologia inserida no grafismo e no artefato, não só transmite a tradição que vem sendo passado de geração em geração, como também de comunicar a comunidade envolvente através de uma mensagem simbólica. Por exemplo, o Petyngua (cachimbo), trás consigo diversas informações, significados e o sagrado, pois é um objeto de cura de doenças espirituais.

O grafismo não é apenas para representar algo do objeto fisicamente, ou seja, uma simples decoração vai muito, além disso. Eles têm a função de informar às pessoas que não conhecem a sua história cultural, religiosa, ritos e mitos. Ao trançarem os cestos, os guarani, transformam o elemento morte em elemento vida. Ao conferirem a esses cestos uma utilização sagrada, eles estão devolvendo a vida sua pureza original. Eles estão elevando a morte à dimensão da vida.

Os três desenhos básicos representam formas diferentes: o Ypara Korá apresenta várias formas geométricas encontradas no corpo das cobras, o Ypara Jaxá representa as correntes e é em forma de linhas retas e o Ypara Ixy representa os movimentos das cobras em forma de zigue-zague.

Na minha comunidade, além das artesãs utilizarem esses padrões de desenhos básicos, elas fazem outros desenhos como: o padrão borboleta, o padrão coração, o padrão arredondado ou figura circular, desenho reto, em fileira dobrada, torcido em forma de "S", desenho da pele da cobra cascavel, padrão Vida longa, desenho da cobra coral.

Às vezes ou alguns Guarani, fazem outros desenhos para vender. Então varia desde o tamanho, o formato e o grafismo preferido ou quando alguém encomenda. Muitos vão para outras aldeias para visitar parentes, e aprendem desenhos diferentes. Tiram fotos ou trazem para servir de referência para desenhar na cestaria.

Isso não só acontece com a cestaria, mas com a confecção de colares, sempre que saem e voltam para aldeia, chegam com novidades com novos desenhos, diferentes grafismos, novas ideias e desenvolvendo suas criatividade.



Foto tirada na Escola Sepé Tiaraju, localizada na aldeia Gengibre.

GRAFISMO E CESTARIA

Na visão não indígena o grafismo é simplesmente entendido como uma linguagem visual, isto é, para eles representa somente a beleza e decoração. Isso por que não conhecem que neles estão uma rica e diversas sabedorias e conhecimentos dos nossos anciões. A cestaria, hoje continua sendo umas das principais marcas culturais dos Mbya. Mantendo seus três desenhos básicos e outros que foram sendo inventados posteriormente.

O grafismo da cestaria está carregado de representações simbólicas, relacionadas com a natureza e com o sagrado. A confecção de cestos em taquara recebe tramas ou desenhos geométricos. As mais escuras são obtidas do uso do cipó Imbé, e as mais claras, amarelas e vermelhas, são obtidas com o uso do tingimento ou pinturas de tiras do material com tintas naturais.



Foto de ajaka tirada na escola Sepé Tiaraju

ALDEIA GENGIBRE - Os grafismos usados nas cestarias e seus significados



Ypará Korá - desenhos fechados, quadrados, em forma de losango ou redondo
Significa a casa e as portas que sempre estão abertas para os parentes de outras aldeias que vem visitar ou em busca de cura para a enfermidade.



(IPARA TANAMBI PEPO)O ajaka com o DESENHO da asa da popo - mariposa)
significa o respeito e agradecimento a liberdade, pois a borboleta sempre está a voar livremente e o guarani fica feliz quando ela voa em volta de sua casa.



Esse grafismo, significa a trajetória que os guarani fazem, pois para os guarani não existem fronteiras e eles são livres, quando saem de uma aldeia para outra, podem voltar a hora que quiserem.



Padrão cobra coral (Mboi Pytã – Cobra Vermelha), significa proteção é a malha da cobra coral e balaio com esse grafismo, segundo a mitologia, protege os alimentos que estão dentro dele.



Padrão Coração (Py'a Tytya – Batida do Coração)

Quando alguém da aldeia está com problemas no coração, é feito um cesto com esse desenho. Quando o enfermo é levado na casa reza. Lá ela é presenteada com esse cesto que possui em seu interior o pão sagrado, as frutas e o mel, que o mesmo leva para a cerimônia de cura.



Padrão cobra Jararaca (Mboi Para – Cobra Grande), foto tirada na casa de Seu Roberto

Esse grafismo é chamado de Vida Longa(Teko Puku) . Um balaio feito com esse grafismo é oferecido para a pessoa com desejo que ela tenha uma vida longa, ou seja que ela vive por muito tempo ou muitos anos.



(IPARA RYXYKARÉ) – Traços retos, em fileiras duplas em forma de S) Balaio com esse grafismo é um agradecimento a Nhanderu pelas águas e fontes que existem na aldeia. Ele significa o leito dos rios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato é muito importante na cultura guarani e possui um significado muito especial para o povo Guarani. Tudo vem de uma história que aconteceu no passado. E nós Guarani, temos uma crença muito forte nas palavras dos karai(pajé), por isso acreditamos que se agente não ouvir os conselhos dos mais velhos, poderemos sofrer graves consequências. Para nós tudo é sagrado tudo provém de Nhanderu, dizem os mais velhos tudo que sabemos fazer, no caso, os artesanatos foi Deus que nos ensinou.

No passado, o artesanato era feito basicamente para uso próprio. Hoje numa situação de necessidade a maioria das famílias, confecciona-o para vender, principalmente aquelas que moram em acampamentos e nas aldeias próximas às cidades.

O artesanato conta um pouco da história, já que traduz em seus desenhos é suas formas artísticas esse mundo místico que em geral existe na mentalidade indígena, em suas memórias ancestrais, em sua oralidade, mas que é o motor que faz esse povo continuar vivos e atuantes.

Com relação aos significados e o sagrado, todos os objetos transmitem mensagens simbólicas. Onde há sentimentos, conhecimentos, sabedorias e visão de mundo relacionado a Nhanderu e a natureza. Está visão que vai muito além da beleza física de um objeto, diferentes que vemos na visão ocidental.

Cada grafismo desenhados nos objetos, partem de uma visão relacionado à natureza e que busca a preservar e manter as raízes tradicionais que vai passando de geração em geração. Esta é a forma de registrar as memórias e os conhecimentos dos mais velhos e o respeito às essas sabedorias que os jovens de hoje já não sabem e não praticam mais esses saberes artesanais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artefato guarani: A função da beleza (José Francisco Sarmiento de Nogueira) mestre e graduado em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio- PUC Dados retirados da internet, SP., 2003.

POTY Vherá e CHRISTIDIS Danilo, Os guarani Mbyá Um livro, Artesanato indígena Kaingang e Guarani (Guia do professor) Editora Aikos, 2012.

Caderno Bilingue Mbya Reko Epagri, microbacia 2, Florianópolis, 2008.

CADOGAN, Léon. « Ayvy-Rapyta (fundamentos da linguagem humana) » in Revista do Museu Antropológico. Vol. 1 e vol. 2. São Paulo, 1953 e 1954.

LITAIFF, Aldo. As Divinas Palavras: identidade étnica dos Guarani-mbya. Editora da UFSC, Florianópolis, 1996.

Maino'í rapé O caminho da sabedoria, Editora AIKO, 2013.

SARMENTO DE NOGUEIRA, José Francisco. Artefato guarani: A função da beleza. Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC, RJ., 2003.

SCHADEN, Egon. Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. Editora EDU da Universidade São Paulo, 1989.

Tecendo relações Além da aldeia Artesãos indígenas, Editora AIKO, 2014.

Pessoas entrevistadas: FERNANDES Hélio Lider espiritual

BENITES Anita artesã em cestarias.

CONÇALVES Roberto ancião da aldeia.



**SIMBOLOGISMO
E ARTESANATO**

**PETYNGUA - SÍMBOLO
DA VIDA GUARANI**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA**

PETYNGUA – SÍMBOLO DA VIDA GUARANI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de vídeo à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, sob a orientação da Professora Maria Dorothea Post Darella.

Aldeia Linha Limeira – TI Xapecó e Florianópolis/SC

Fevereiro 2015

BELARMINO DA SILVA

PETYNGUA – SÍMBOLO DA VIDA GUARANI



Aldeia Linha Limeira – TI Xapecó e Florianópolis/SC

Fevereiro 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 20 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 09 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora **Maria Dorothea Post Darella**, Orientadora e Presidente, Professor **Lucas de Melo Reis Bueno**, Titular da Banca, e Professor **Helena Alpini Rosa**, Suplente, designados pela Portaria nº 47/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Belarmino da Silva**, subordinado ao título: "Petyngua: um símbolo da vida Guaran". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Maria Dorothea Post Darella**, a nota final 9,5, do Professor **Helena Alpini Rosa**, a nota final 9,5, e do Professor **Lucas de Melo Reis Bueno**, a nota final 9,5, sendo aprovado com a nota final 9,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Maria Dorothea Post Darella

Prof. Lucas de Melo Reis Bueno

Prof. Helena Alpini Rosa

Candidato Belarmino da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Belarmino da Silva, matrícula n.º11100023, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Petyngua: um símbolo da vida Guarani, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 12 de março de 2015.

Orientador(a)

SUMÁRIO

Apresentação.....	4
Introdução.....	5
Metodologia.....	11
Conclusão	14
Bibliografia.....	15

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Belarmino da Silva e na língua guarani me chamo Wera. Nasci em 20 de dezembro de 1978, na antiga aldeia Guarani Mbaraká Mirĩ, Terra Indígena de Nonoai, no município de Planalto, estado do Rio Grande do Sul. Minha jornada de migração começou em 1983, junto com meus pais Vitorino da Silva e Maria Mariano, quando fui morar na Linha Sertão, localizada em Cunha Porã, Santa Catarina. Linha Sertão era o nome de uma colônia de descendentes de alemães e italianos, e nela meus pais trabalhavam na agricultura. Na época, ao frequentar a escola, lembro-me de eu e meus irmãos termos sido proibidos pelos nossos pais de falar a língua materna/paterna, o guarani, para que aprendêssemos a falar bem a língua portuguesa e não fôssemos discriminados pelos não indígenas, isto é, para que não sofrêssemos preconceitos.

Por volta de 1999 voltei para a Terra Indígena de Nonoai e morei na nova aldeia chamada Passo Feio, junto à RS 324, no mesmo município de Planalto.

Em 2007 deixei a Terra Indígena de Nonoai e fui para a Terra Indígena de Guarita, município de Erval Seco/RS, onde morei até 2013.

Cursei o Magistério Kua'a Mbo'e = Conhecer, Ensinar, pelo Protocolo Guarani, que terminei em 2010. Agora estou terminando o curso de Ensino Superior Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, com ênfase em Humanidades – Direitos Indígenas, na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Atualmente resido na Aldeia Linha Limeira, situada na Terra Indígena Xapecó, município de Entre Rios/SC, onde atuei como professor na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Mbya Limeira, durante o ano de 2014.

Minha língua materna/paterna é a guarani. Em minha caminhada de vida perdi muito a fala e a compreensão da língua, mas hoje recuperei esse conhecimento também com a ajuda do curso Licenciatura Indígena, o que me permite ir nas aldeias e falar com os mais velhos.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para desenvolver a pesquisa é o cachimbo, símbolo da vida Guarani, entendendo que a palavra cachimbo sempre significa o petyngua, pois se fosse um trabalho escrito somente para os Guarani usaria ao invés de cachimbo, petyngua.

Assim o meu interesse é saber o significado e o valor do petynguá no ser e na vida Guarani. Decidi fazer o meu TCC em forma de vídeo no mês de setembro de 2014, porque acredito que a compreensão é maior, somando palavras, imagens e música. Fazer o TCC em vídeo está autorizado no Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (Artigo 15).

Quero contribuir para que não se perca a importância dos elementos da cultura guarani, pois a forma como é realizada até os dias de hoje é na oralidade, passando de geração para geração com a memória dos mais velhos e conhecedores da cultura. São os mais velhos os nossos livros vivos nas comunidades e nas aldeias.

A escolha por este tema se deve à força espiritual que está no uso do petyngua, pois muitas pessoas conseguem a cura de alguns males somente quando são ungidas com a fumaça do petyngua, usado pelo karai e pela kunhakarai (rezadores homens e mulheres, lideranças religiosas). Perceber as razões e essa força espiritual sempre acompanhou a minha vida. Muitos Guarani fazem uso diário do petyngua para inspiração nos estudos, na educação dos filhos, aconselhamento, organização do pensamento para o dia, para as decisões, para as previsões futuras. Também crianças usam o petyngua.

O petyngua é muito usado ao redor do fogo, quando há conversas com os mais velhos, nos rituais e para expressar o pensamento para a família e para a comunidade. Seu uso se dá entre os Guarani Mbya, sendo um elemento fundamental e importante para manter a tradição do povo.

Neste sentido, a pesquisa sobre o petyngua possibilita o seu registro especialmente realizado por um estudante Guarani, pois já existem trabalhos escritos por outros autores não indígenas e hoje em dia também por indígenas Guarani.

Assim, o tema foi pesquisado na Aldeia Linha Limeira e entre colegas Guarani da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Vamos a algumas considerações sobre o petyngua:

- Que material é utilizado para a confecção?

Existem várias formas de petyngua e também são usadas diversas matérias primas. Os petyngua de madeira são esculpidos em nó de pinho, do pinheiro (espécie *Araucaria angustifolia*), guajuvira (espécie *Patagonula americana*), cedro (espécie *Cedrela fissilis Vell*), aguai (espécie *Chrysophyllum viride*) e outras. Os petyngua de argila são confeccionados com argila cinza e vermelha.

- Quem confecciona?

A maioria dos petyngua são feitos pelos Guarani artesãos que fazem uso ou não, pois nem sempre quem faz usa e quem usa nem sempre faz. Alguns são comprados e outros são presenteados pelos próprios parentes quando visitam outras aldeias dentro ou fora do estado de Santa Catarina.

- Quem usa?

Na etnia Guarani quem usa os petyngua são principalmente os karai kuery (as lideranças religiosas masculinas) e as kunhã karai kuery (as lideranças religiosas femininas), mas no momento das cerimônias os petyngua são compartilhados com todos os participantes, pois alguns não têm seu próprio petyngua. Fazem uso: homens e mulheres - crianças, jovens, adultos e pessoas idosas. Isso acontece, pois é um momento de união de forças para a elevação espiritual de todos.

- Quem acende?

Para o karai apenas a sua esposa ou a sua filha, que também fazem uso.

- Em que espaços se utiliza o petyngua?

O petyngua é um companheiro dos Guarani que dele fazem uso. O principal lugar é a opy, a casa de rezas, mas também é usado nos pátios, nas casas, nas roças, na mata. Pode ser usado em qualquer ambiente, desde que sejam respeitados os ambientes públicos.

Quanto ao significado e sentido do petyngua somente quem é karai e kunhã karai saberá explicar com profundidade, mas para compreender, sentir e entender terá que ser uma pessoa Guarani.

A seguir, ilustro o TCC com algumas fotografias¹ de petyngua e seu uso na Universidade Federal de Santa Catarina, em casas de reza (opy), em outros espaços.



¹ A imagem da capa é de minha autoria (Aldeia Linha Limeira, 2014) e as demais imagens são creditadas a minha orientadora de TCC, Maria Dorothea Post Darella (anos 2002, 2013 e 2014).







METODOLOGIA

A pesquisa sobre o uso do petyngua (cachimbo) foi realizada considerando basicamente a realidade da Aldeia Linha Limeira. Vale acentuar que o petyngua é utilizado pelos Guarani da parcialidade Mbya.

Foram observadas as seguintes etapas de trabalho:

- Pesquisa bibliográfica.
- Pesquisa de campo na Aldeia Linha Limeira.
- Gravação de vídeos (ambientes internos e externos na Aldeia Linha Limeira).
- Diálogos com colegas Guarani da Licenciatura Indígena, na UFSC.
- Transcrição de vídeos.
- Edição do TCC *Petyngua – Símbolo da Vida Guarani*.

1. Pesquisa bibliográfica

Antes de começar a pesquisa de campo sobre o petyngua li alguns trechos de livros ou artigos de León Cadogan, Ivori Garlet, Franz Müller, Egon Schaden e José Perasso & Jorge Vera, todos constantes no item Bibliografia. Essas leituras sem as palavras de Feliciano Mariano Benites e de Nelson Benites, dois Guarani de Aldeia Linha Limeira, num primeiro momento não me fizeram sentido. Durante e depois da pesquisa de campo esses autores começaram a fazer efeito em mim, começaram a brotar e dar fruto.

Esses autores, apesar de não serem indígenas Guarani, passaram informações sobre o sentir e o ser Guarani. Percebi que não somente no Brasil, mas também no Paraguai e na Argentina a etnia Guarani faz uso do petyngua, sabendo de sua importância e do grande conhecimento adquirido desde os ancestrais. Com isso eles nos reforçam que o uso do petyngua nos modifica através do pensamento e do espírito.

Posteriormente pesquisei em dois livros trabalhados por indígenas Guarani, intitulados **Modo de vida Guarani. Mbya Guarani e Maino'i rape – O caminho da sabedoria** (que estão no item Bibliografia), nos quais encontrei fotos, desenhos e textos sobre o petyngua, que fortalecem as palavras do senhor Nelson Benites, ou seja, que o petyngua é um objeto sagrado

e muito valioso, usado por crianças, homens e mulheres e principalmente pelos xeramoĩ kuery (pessoas mais velhas).

2. Pesquisa de campo na Aldeia Linha Limeira

Tive várias conversas com Feliciano Mariano Benites (aproximadamente 97 anos), Nelson Benites (aproximadamente 55 anos), Luiza Coito (aproximadamente 100 anos) e Diolinda Garcia (55 anos) em língua guarani. Fiz anotações sobre o conteúdo das conversas em caderno de campo porque nenhum me permitiu gravar ou filmar.

- Feliciano Mariano Benites: morador da Aldeia Linha Limeira em tempos diferentes, o Senhor Feliciano foi o primeiro a conversar comigo sobre o petyngua e a vida. Ele me inspirou a buscar mais conhecimento sobre o petyngua por perceber que eu necessitava disso e que eu não fazia uso do cachimbo. Ele me deu a ideia da pesquisa para este TCC. Em setembro de 2014, quando voltei da 18ª etapa na UFSC, o Senhor Feliciano havia mudado para outra aldeia e logo em seguida faleceu.

- Nelson Benites: morador da Aldeia Linha Limeira, o Senhor Nelson foi o principal interlocutor e informante para o TCC. Ele é o karai (rezador, liderança religiosa) da aldeia. As conversas (em guarani) com o Senhor Nelson ocorreram no terreiro de sua casa, juntamente com a sua família. Ele me tranquilizou para que eu pudesse fazer perguntas e aprofundar o assunto petyngua, que envolve o ser e principalmente a vida Guarani. Pediu que eu prestasse atenção para que eu não voltasse a repetir as mesmas perguntas nos diálogos seguintes. Ele permitiu que eu anotasse algumas informações, mas não permitiu que eu o filmasse ou gravasse no interior da opy (casa de reza). Desta forma eu apenas o fotografei com o petyngua.

- Luiza Coito: moradora da Aldeia Linha Limeira há muitos anos, Dona Luiza usava o petyngua e dele me falou, mas há cerca de quatro anos não faz mais uso por motivo de saúde (teve pneumonia e ficou gravemente enferma). Permitiu o meu uso do caderno para anotações, mas não permitiu que eu a filmasse e fotografasse.

- Diolinda Garcia: esposa do karai Nelson Benites e filha de dona Luiza Coito, dona Diolinda pratica o uso do petyngua.

3. Gravação de vídeos

Externos: Gravação em diferentes ambientes: Rio Limeira, pátio da casa de Nelson Benites e capão com fonte de água.

Internos: Eu fiz gravações de minhas falas sobre o assunto do TCC em minha casa nos meses de dezembro de 2014 e janeiro de 2015.

4. Diálogos com colegas Guarani da Licenciatura Indígena, na UFSC

- Geraldo Moreira: morador da aldeia Mbiguaçu (Biguaçu/SC), faz uso contínuo do petyngua, inclusive na UFSC.

- Wanderley Moreira: morador da aldeia Mbiguaçu (Biguaçu/SC), igualmente faz uso contínuo do petyngua, inclusive na UFSC.

- Marcos Morreira: morador da aldeia Itaty, da Terra Indígena Morro dos Cavalos (Palhoça/SC), igualmente faz uso contínuo do petyngua, inclusive na UFSC.

Além dos colegas citados, observei o uso do petyngua pelos meus colegas (homens e mulheres) durante as etapas do curso.

4. Transcrição de vídeos

- Transcrição de uma parte das gravações que fiz de mim mesmo para a elaboração deste relatório.

- Seleção de trechos das gravações que fiz de mim mesmo para a composição do TCC em forma de vídeo.

- Seleção de fotografias, de trechos de DVDs, de músicas guarani para a melhor compreensão do significado do uso do petyngua, considerando a edição do TCC. As fotografias são minhas, de Iracema Benites e de minha orientadora, Maria Dorothea Post Darella.

5. Edição do TCC *Petyngua – Símbolo da Vida Guarani*

Edição e produção do vídeo, com duração de 32 minutos, com auxílio de minha orientadora Maria Dorothea Post Darella e de Eliezér Antunes (Guarani da Aldeia Itaty, TI Morro dos Cavalos/SC).

CONCLUSÃO

Pude concluir que para se fazer um trabalho bom e de qualidade tem que haver muita concentração e reflexão, pois foram esses dois elementos que me fizeram compreender e sentir o verdadeiro valor do tema. Através da concentração busquei saber nos mínimos detalhes tudo aquilo que realmente queria aprender sobre o petyngua (cachimbo). E foi através da reflexão que fui sentindo tudo aquilo que ouvia das pessoas pesquisadas que faziam ou não o uso do mesmo.

Quanto à elaboração do vídeo, sinto que foi uma ideia fantástica, pois nele não foi mostrada apenas a minha pessoa, mas também fotos de pessoas entrevistadas, fotos de petyngua e outras, imagens da Aldeia Linha Limeira, imagens captadas de outros vídeos e cantos, formando um conjunto que incrementou meu trabalho no sentido de valorizar o sentir e ser da vida guarani como um todo.

O "tempo" guarani foi um dos fatores principais que me faz compreender e sentir a realidade da vida e do ser guarani através desse símbolo essencial – o petyngua. Dessa forma posso afirmar de que a cultura guarani está preservada em variados símbolos materiais (como, por exemplo: opy - casa de reza, artefatos, artesanato, instrumentos musicais etc.), sendo que o central é o petyngua.

BIBLIOGRAFIA

ALDEIA Itaty. **Modo de vida Guarani. Mbya Guarani.** Florianópolis: EPAGRI; Palhoça: Morro dos Cavalos, 2014.

CADOGAN, León. **Diccionario Mbya-Guarani – Castellano.** Asunción: CEADUC-CEPAG, 1992.

GARLET, I.J. & SOARES, André Luis R. **Cachimbos Mbyá-Guarani: aportes etnográficos para uma arqueologia Guarani.** Trabalho apresentado na V Reunião de Antropologia do (Merco)Sul, Tramandaí/RS, 1995.

MÜLLER, Franz. SVD. **Etnografía de los Guaraní Del Alto Paraná.** Argentina: Societatis Verbi Divini, 1989.

PERASSO, José A. **Ayvukue Rape (El camino de las almas). Etnografía Ava-Kue-Chiripa y Tymaka-Chiriguano.** San Lorenzo/Paraguay: Museo Guido Boggiani, 1992.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani.** 3ª. Edição. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

TELLES, Lucila Silva (Org.). **Maino'i rape – O caminho da sabedoria.** Rio de Janeiro: IPHAN, CNFPC: UERJ, 2009.

Referências Videográficas e Fonográficas:

Videográficas:

Jaguata Pyau – 1997

Guarani – Povo da Mata e da Universidade - 2012

Ojepotá – 2014

Nhandé va'e kue meme'ỹ - Os seres da mata e sua vida como pessoas

Mitã'i: A infância Guarani Mbya

Tava: A casa de pedra – 2012

Mokoĩ Tekoá, Peteĩ Jeguatá.

Fonográficas:

Ñande Reko Arandu. Memória Viva Guarani. Aldeias Rio Silveira (São Sebastião/SP), Morro da Saudade (São Paulo/SP), Jaexaá Porã (Ubatuba/SP) e Sapucaí (Angra dos Reis/RJ), 2001.

Tape Mirĩ.

Nheé Garai Mara Eyn. Canto sagrado sem fim. Ývýtchĩ Ovy. Grupo Nuvens Azuis. Aldeia Yyn Moroti Wherá (Biguaçu/SC), 2003.

Páginas eletrônicas:

http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/open_sp.php?img=1179

<http://ibflorestas.org.br/loja/sementes/semente-aguai.html>

<http://www.cnpf.embrapa.br/publica/circtec/edicoes/circ-tec97.pdf>

<http://www.apremavi.org.br/noticias/apremavi/485/cedro-um-nobre-da-mata-atlantica>



A realização do Componente Indígena do Plano Básico Ambiental, relativo as obras do Contorno Rodoviário de Florianópolis é uma medida de mitigação e compensação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA com a participação da FUNAI.